

REVISTA LINGÜÍSTICA

# PÁTRIA

PÁTRIA

GUERRA JUNQUEIRO

# PÁTRIA

*Esta é a ditosa pátria, minha amada.*

GAMÕES

EDIÇÃO ESPECIAL



1925

LIVRARIA CHARDRON  
LELO & IRMÃO, LIMITADA—Editores  
R. das Carmelitas, 144—PORTO

Todos os direitos reservados



GUERRA LONQUEIRO

PÁTRIA

DO MESMO AUTOR:

A Velhice do Padre Eterno  
A Vitória da França  
Pátria  
Finis Patriæ  
O Crime  
Lágrima  
Oração ao Pão  
Oração à Luz  
Poesias dispersas  
Prosas dispersas  
Horas de combate  
Caminho do Céu

A propriedade de todas estas obras pertence  
aos editores **LELO & IRMÃO LIMITADA**

A propriedade literária e artística está garantida em todos os países  
que aderiram à Convenção de Berne — (Em Portugal, pela  
lei de 18 de Março de 1911. No Brasil, pela lei n.º 2.577  
de 17 de Janeiro de 1912).

H 65989

1888

*A alma do meu amigo*

*Dr. José Falcão*



*Aos meus amigos*

*Basilio Teles*

*José Pereira de Sampaio*

*O grande poeta da Pátria e da Velhice do Padre Eterno foi um ardente patriota e um espirito profundamente religioso. Por isso mesmo é que, sobretudo nestas duas obras admiráveis, estigmatizou os embusteiros que traficavam com o país e com a religião cristã que sempre tivera nêle um sincero crente.*

*Estes nobres sentimentos mantiveram-se inalteráveis em Guerra Junqueiro até à suprema hora da morte. No entanto, a bondade inata da sua alma e o sofrimento que nos últimos anos o atormentou exerceram sôbre êle uma tão poderosa influência que lhe fizeram ver o mundo a uma outra luz moral, levando-o a perdoar tanto aos que considerava culpados como aos que julgava em êrro. Foi, certamente, a êste critério que obedeceram as alterações que introduziu em alguns dos seus notáveis trabalhos.*

*Pouco antes de falecer, Guerra Junqueiro pediu aos editores e proprietários da Pátria que publicassem uma edição dêste poema com as modificações que ele lhe fizera, sendo a revisão confiada ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Luís de Magalhães. O que nesse eomovente momento lhe prometemos, lealmente o cumprimos hoje.*

Porto, 1925.

OS EDITORES



## PÁTRIA

### ACTORES

UM DOIDO.

O REI.

MAGNUS, duque de S. Vicente de Fóra.

OPIPARUS, príncipe d'Oiro Alegre.

CIGANUS, marquês de Saltamontes.

ASTROLOGUS, cronista mór de el-rei.

IAGO, antigo cão de fila, dentes pôdres, obeso, gordura flácida.

JUDAS, cão mestiço de lóbo, carcunda, sarnento, olhar falso, injectado de bílis.

VENENO, fraldiqueirito anão, ladrinchador e lambareiro.



# PÁTRIA

Noite de tormenta. Céu caliginoso, mar em fúria, ventanias trágicas, relampagos distantes. O castelo do rei à beira mar. Sala de armas. Nos muros, entre panóplias, os retratos em pé da dinastia de Bragança. Agachados ao lume, os três cães familiares de el-rei,—Iago, Judas, Veneno. Entram Opiparus, Magnus e Ciganus. Sentam-se, afagando os cães. Magnus poisa na mesa um pergaminho com o selo rial. É o tratado com a Inglaterra.

## SCENA I

CIGANUS, *apontando o pergaminho e rindo:*

Necrológio a assinar pelo defunto!

MAGNUS, *com gravidade:*

Salvamo-nos...

É urgente;

OPIPARUS, *acendendo um charuto:*

Perdendo a honra... felizmente!  
Inda bem! inda bem! vai-se a *ária das Quinas*...

MAGNUS, *convicto*:

Glorioso pendão sôbre um castelo em ruínas...

OPIPARUS:

O pendão! o pendão!... um trapo bicolor,  
A que hoje o mundo limpa o nariz... por favor.

GIGANUS:

Emquanto a mim, que levem tudo, o reino em massa,  
Pouco importa; o demônio é que o levem de graça.  
Mas agora acabou-se!... e, em lugar de protesto,  
Vejam os antes se o ladrão nos compra o resto...  
Um bom negócio... hein?!... manobrado com arte...

OPIPARUS, *suprando o fumo do charuto*:

Dou por cem libras, quem na quer? a minha parte...

MAGNUS, *grandioso*:

Quando d'ânimo leve o príncipe assim fala,  
Não se queixem depois que o dinamite estala,  
Nem se admirem de ver o país qualquer dia  
Na mais desenfreada e tremenda anarquia!  
Prudência! haja prudência, ao menos, meus senhores...  
É grave a ocasião... gravíssima!... Rumores  
De medonha tormenta andam no ar... Cuidado!  
Não desanimo, é certo... Um povo que deu brado,  
Uma nação heróica entre as nações do mundo,  
Há-de viver... É longo o horizonte e é fecundo!...  
Creio ainda no meu país, na minha terra!...  
Guardo a esp'rança...

OPIPARUS:

Bem sei, no Banco de Inglaterra...  
A esp'rança e dois milhões em oiro, tudo à ordem...  
Não é isto?...

MAGNUS, *embaraçado*:

Exagêro... exagêro... Concordem...  
Sim, concordem... pouco me resta e pouco valho...  
Mas o suor duma vida inteira de trabalho...  
Economias... bagatela... um nada... era mister...  
No dia d'amanhã, com filhos, com mulher...  
Entendem, claro está... era preciso, emfim,  
Segurança... Não me envergonho... Enquanto a mim,  
Posso falar de cara alta... o meu passado...

OPIPARUS:

Se é mesmo a profissão do duque o ser honrado!  
É o seu modo de vida, o seu officio... Creio  
Que é d'aí... que é d'aí que a fortuna lhe veio:  
Ninguém lho nega... O duque é dos bons, é dos puros...  
E a virtude a render, a dignidade a juros  
Acumulados... Francamente, eu noto, eu verifico  
Que era caso de estar muitíssimo mais rico...  
O duque foi modesto: a honra de espartano  
Não a deu nem talvez a dois por cento ao ano!

MAGNUS, *sorrindo constrangido*:

Má língua!...

OIGANUS, *com seriedade irônica*:

O nosso duque a ofender-se... que asneira!  
O príncipe graceja... histórias... brincadeira...  
A honradez do duque, inteiriça e macissa,

Todo o mundo lhe faz a devida justiça...  
Mas vamos ao que importa,—ao bom pirata inglês...

MAGNUS:

El-rei assinará?... o que julga, marquês?

OPIPARUS:

El-rei nesse tratado é rei como Jesus,  
E, portanto, vão ver que o assina de cruz.

OIGANUS:

Sem o ler. Quem duvida? Assinatura pronta!  
Paris vale uma missa e Lisboa uma afronta.  
E, em suma, concordemos nós que um mau reinado,  
Por um bom pontapé, fica de graça, é dado.  
A el-rei amanhã nem lhe lembra. Tranquilo,  
Dormirá, jantará, pesará mais um kilo.

MAGNUS:

Que má língua! El-rei, coitado! uma criança,  
Nem leve culpa tem nos encargos da herança...  
Não se aprende num dia a governar um povo...  
E em casos tais, em tal momento, um homem novo,  
Habitado à lisonja, habituado ao prazer...  
Maravilhas ninguém as faz... não pode ser!...  
El-rei é bom! El-rei é um espírito culto,  
Ilustrado... Não digo, emfim, que seja um vulto,  
Um talento, uma coisa grande de espantar;  
Mostra, porém, cordura, o que não é vulgar...  
Cordura e senso... Eu falo e falo com razão...  
Não minto... sou cortês, nunca fui cortesão!  
Duque e plebeu... vim do trabalho honrado que magôa...  
Não lisonjeio o povo e não adulo a C'roa.  
Os defeitos d'el-rei... Não me custa o dizê-lo;

Eu quisera maior int'resse... maior zêlo...  
Mais idade, afinal... Deixem correr os anos,  
E hão-de ver o arquetipo exemplar dos sob'ranos.

OPIPARUS, *sorrindo* :

Ingénua hipocrisia, duque... Olhe que el-rei  
Conhece-nos a nós, como nós a el-rei...

OIGANUS :

Sabem? Dá-me cuidado el-rei... dá-me cuidado...  
Melancolia... um ar de nojo... um ar de enfado...  
Sem comer, sem dormir, não repousa um minuto,  
E é raríssima a vez que êle acende um charuto.

OPIPARUS :

Indício bem pior: há já seguramente  
Três dias que não vai à caça e que não mente.  
Ora, se el-rei não mente e não fuma e não caça,  
E que não anda bom, não anda...

MAGNUS :

Que desgraça!  
Pudera! hão-de afligi-lo, e com toda a razão,  
As tremendas calamidades da nação.  
Cada hora um desastre, um infortúnio... Eu scismo,  
Eu olho... e vejo perto o cairel dum abismo!

OIGANUS :

E depois o cronista-mór, tonto e velhaco,  
A insinuar-lhe, a embeber-lhe endróminas no caco,  
Telepatias, bruxarias, judiarias  
Do *Livro das Visões, Sonhos e Profecias*.

O que vale é que el-rei, um gordo hereditário,  
Pesa de mais para profecta, ou visionário.  
Não me assusta...

MAGNUS, *confidencial*:

Marquês... dum amigo a um amigo!  
Entre nós... fale franco: a ordem corre p'riço?...  
O mal-estar... desassocégo... uma aventura...  
Os quartéis... Diga lá: julga a C'roa segura?...

OIGANUS:

Segura e bem segura. Equivocar-me hei,  
No entretanto, parada feita: jógo ao rei!  
Neste lance... No outro... A inspiração é vária,  
E bem posso mudar para a carta contrária.

OPIPARUS:

De maneira que apenas eu, sublime idiota,  
Guardo fidelidade ao rei nesta batota!  
Alapardou-se em mim o dever e a virtude!  
Quando o trono de Afonso Henriques se desgrude,  
Eu cá vou com el-rei... Isto da pátria e lar  
É boa fêmea, bom humor e bom jantar,  
O ditoso torrão da pátria!... que imbecis!  
No globo não há mais que uma pátria: Paris.  
A nossa então, que choldra! Infecta mercearia,  
Guimarães, Policarpo, Antunes, Braga & C.ª!  
Um horror! um horror! Não temam que proteste,  
Se emigrando me vejo livre de tal peste.  
Fico por lá... não torno mais... fico de vez...  
O que é preciso é bago... Ora, você, marquês,  
Adorável canalha e salteador galante,  
Não me deixa embarcar el-rei como um tunante,  
El-rei que vai viver por côrtes estrangeiras,  
Sem duas dúzias de milhões nas algibeiras...  
Eu sou trinchante-mór, e conservo o lugar,  
Havendo, claro está, faisões para trinchar!...

MAGNUS, *imponente*:

Incrível! No momento grave em que a Nação  
Dorme (ou finge dormir!) à beira dum vulcão,  
Nesta hora tremenda, hora talvez fatal,  
Hã quem graceje como em pleno carnaval!  
E assim vamos alegremente, que loucura!  
Cavando a todo o instante a própria sepultura...  
No dia d'amanhã ninguém pensa, ninguém!  
Os resultados vê-los hão... caminham bem...  
Divertem-se com fogo... Olhem que o fogo arde...  
E extingui-lo depois (creiam-me) será tarde...  
Jã não é tempo... As lavaredas da fogueira  
Abrasarão connosco a sociedade inteira!  
A mim o que me indigna e ruborisa as faces  
É ver o exemplo mau partir das altas classes,  
Sem se lembrarem (doida e miserável gente!)  
Que as vítimas seremos nós... infelizmente!  
Não abalemos, galhofando, assim à tóa,  
A égide do Scetro, o prestígio da C'roa!  
Quando a desordem tudo infama e tudo ameaça.  
A Rialeza é um penhor...

## CIGANUS:

Destinado a ir à praça.  
Questão d'anos, questão de mês ou questão d'hora,  
Segundo ronde a ventania lá por fora...  
Observemos o tempo... anda brusco, indeciso...  
Não arme o diabo algum ciclone d'improviso!...  
O tronô, defendê-lo emquanto nos convenha;  
Depois... trono sem pés já não é trono, é lenha.  
Queima-se; e no braseiro alegre a chamejar  
Cozinhamos os dois, meu duque, um bom jantar!...  
O duque a horrorizar-se!... Eu conspiro em segredo...  
Pode ouvir, pode ouvir... duque, não tenha medo!  
A república infame, a república atroz,  
Uma bela manhã será feita por nós,

Meu caro duque!... E o presidente...  
 Ora quem... ora quem, duque de S. Vicente?!...  
 O duque! Não há outro, escusado é lembrar!...  
 Um prestígio europeu... a independência... o ar...  
 Não há outro!... d'arromba!... à verdadeira altura!...  
 Todas as condições, todas... até figura!  
 Parece um rei! que nem já sei como se move  
 Com as trinta gran-cruzes...

MAGNUS, *lisonjeado*:

Upa!... trinta e nove!

CIGANUS:

Trinta e nove gran-cruzes, hãh! no mesmo peito,..  
 Caramba, duque!... é bem bonito... é de respeito!  
 E o povo gosta, deixe lá... De mais a mais  
 Duque e plebeu...

MAGNUS, *com dignidade*:

Não me envergonho de meus pais!  
 Filho dum alfaiate... Honra-me a origem!...

CIGANUS:

Sei...

E nobreza tão nobre é que a não dá el-rei.  
 Nobreza d'alma! Emfim, meu duque, nem pintado  
 Se encontraria igual para chefe do Estado!  
 Queira ou não queira, pois, o meu ilustre amigo...

MAGNUS, *solene*:

Eu lhe digo, marquês... eu lhe digo... eu lhe digo...  
 Devagar... devagar... Um problema importante,  
 Que exige reflexão, maturação bastante...

Sou monárquico... Fui-o sempre!... Inda hoje creio  
O trono liberal o mais sólido esteio  
Do Progresso e da Paz e a melhor garantia  
Da justa, verdadeira e sã Democracia.  
Não precisamos outras leis... Há leis à farta!  
Executem-nas!... Basta executar a Carta!  
Cumpram as leis!... Dentro da Carta, realmente.  
Cabem inda à vontade o futuro e o presente...  
É este o meu critério... e já agora não mudo!...  
Honrosas convicções, filhas dalgum estudo  
E muitas brancas... Mas, emfim, se as loucuras alheias...  
Desvairamentos... circunstâncias europeias...  
Derem de si em conclusão regimen novo,  
Acatarei submisso os ditames do Povo!  
Monárquico e leal... no entretanto, marquês,  
Antes de tudo, sou e serei português!!  
Ao bem da Pátria em caso urgente, em horas críticas  
Não duvido imolar opiniões políticas!  
Darei a vida até, quando preciso fôr!!

CIGANUS:

El-rei que chega...

MAGNUS, *curvando-se*:

Meu Senhor!

CIGANUS:

Meu Senhor!

OPIPARUS:

Meu Senhor!

## SCENA II

Os mesmos e o rei

Os três cães acodem festivos ao monarca

O REI, *sombrio e melancólico, repe-*  
*lindo os cães :*

Que noite!

CIGANUS :

Vendaval furioso!

OPIPARUS :

Noite rara  
Para uma cheia de champagne e mulher cara...

O REI :

Faz me nervoso a noite...

MAGNUS :

É da atmosfera espessa...  
Eléctrica... Atordôa e desvaira a cabeça...

O REI, *apontando o pergaminho :*

O tratado?

CIGANUS :

O tratado.

MAGNUS :

Um pouco duro ... El-Rei...

O REI :

Seja o que fôr ... não há remédio ... assinarei ...

Vai ao balcão, ficando abstracto, a olhar a noite.

MAGNUS :

Não há dúvida; el-rei anda enfêrmo ... é evidente ...

OPIPARUS :

Galhofeiro, jovial, bom humor permanente,  
Scéptico, dando ao demo as paixões e a tristeza,  
Caçador, toireador, conviva heróico à mesa ...  
Pobre do rei ... quem o diria ! ... que mudança !  
Oxalá que a loucura, a vir, lhe venha mansa ...

CIGANUS :

O ratão do cronista é que o tem posto assim,  
Com mistérios em grego e aranzeis em latim ...

Trovão formidável.

O REI, *voltando do balcão* :

Que noite!

MAGNUS :

Uma trovoadá enorme! ... Causa horror! ...

Ciganus desdobra o pergaminho e vai ler o tratado.

O REI :

Leitura inútil... Deixa lá... Seja o que fôr...  
Seja o que fôr... adeus!... assinarei...

CIGANUS :

Perfeito.

Não há balas? Resignação; não há direito.  
Se entra no Tejo de surpresa um coiraçado,  
Quem vai metê-lo ao fundo, quem? A nau do Estado  
Com bispos, generais, bachareis, amanuenses,  
Pianos, pulgas, mangas d'alpaca e mais pertences?  
A esquadra? vai a esquadra rial, um meio cento  
De alcatruzes, bidés e banheiras d'assento?  
Sacrificar a vida à honra? Acho coragem,  
Mas a honra sem vida é de pouca vantagem;  
Não se goza, não vale a pena. A vida é boa...  
Defendemos a vida... e salvemos a C'roa.

MAGNUS, *eloquente*:

E salvemos a C'roa! A vida eu dá-la ia  
Pela honra da Pátria e pela Monarquia!  
Somos filhos de heróis! mas nesta conjuntura  
A resistência é um crime grave, uma loucura!  
Um país decadente, isolado na Europa,  
Sem recursos alguns, sem marinha e sem tropa,  
Tendo no flanco, àlerta, o velho leão de Espanha,  
Arrojar doidamente a luva à Gran-Bretanha,  
Oh, pelo amor de Deus! digam-me lá quem há-de  
Assumir uma tal responsabilidade?!...  
A pátria de Albuquerque, a pátria de Camões  
Abolida era emfim do mapa das nações!  
Guardemos nobremente uma atitude calma!  
Recolhamos a dôr ao íntimo da alma,  
E o castigo do insulto, o prazer da vingança  
A nossos netos o leguemos, como herança!

Que Deus há-de punir (é justiceiro e é bom)  
 A moderna Cártaço, a triunfante Albion!  
 Saiba, porém, El-rei que o brio português  
 O defendemos nós ante o leopardo inglês,  
 A força de critério e sisuda energia,  
 No campo do direito e da diplomacia!  
 Com as Instituições por norte e por escudo,  
 Fizemos tudo quanto era possível! — tudo!!

OPIPARUS, *ao rei, galhofando:*

Quer o duque dizer que ambiciona o colar  
 Do Elefante Vermelho e do Pavão Solar...

MAGNUS, *com indignação e nobreza:*

Não requeiro mercê tão grandiosa e tão alta,  
 Conquanto seja ela a que ainda me falta.  
 O Elefante e o Pavão! Um colar e uma cruz  
 A que sómente os reis e os príncipes tem jus!  
 Não ouso... Mas, se um dia a gran munificência  
 Da C'roa houver por bem, (florão duma existência!)  
 Conceder-me! . . . . .  
 Que, deixem-mo explicar: eu, medalhas e fitas,  
 Não é por ser vaidoso ou por serem bonitas,  
 Que as ostento... Plebeu nasci, de bom quilate...  
 Não o escondo a ninguém: meu pai era alfaiate.  
 Ora, num peito humilde e franco uma medalha,  
 Como que atesta e diz ao homem que trabalha,  
 Ao povo que moireja em seu ofício duro,  
 Que hoje na monarquia é dado ao mais obscuro  
 Guindar-se à posição mais alta e mais egrégia,  
 Por direito,—que é nosso! e por mercê,—que é régia!  
 Escritura de luz que em vivo amplexo abarca  
 O Povo e a Sob'rania augusta do Monarca!

CIGANUS :

Meu caro duque, muito bem ... Vamos agora,  
Resolvida a questão, assinar sem demora  
O pergaminho...

O REI :

Assinarei ... Deixem ficar.

CIGANUS :

E enquanto às convulsões do leão popular,  
Como diria o nobre duque, afoitamente  
Respondo pelo bicho: um cão ladrando à gente :  
Dobrei guardas, minei as pontes à cautela,  
E fica a artilharia em volta à cidadela.  
Não há p'rigo nenhum. Durma El-rei sem temor.  
Boa noite, Senhor...

MAGNUS, *curvando-se até ao chão* :

Meu Senhor !

OPIPARUS :

Meu Senhor ...

Saem os tres.

MAGNUS, *vai pensando* :

Ora, se o filho do alfaiate qualquer dia  
Inaugurava ainda a quinta dinastia!...  
Eu sentado no trono!... Eu rei de Portugal!!...  
Que, rei ou presidente, emfim é tudo igual...

Muita finura agora e muita vigilância,  
Observando e aguardando as coisas a distância!...  
Magnus! lume no olho e não te prejudiques...  
Eu suceder, caramba! a D. Afonso Henriques!...

---

### SCENA III

O rei, só

O temporal aumenta. Relâmpagos e trovões.

O REI:

Não me lembra de ver uma tormenta assim!...  
Que demónio de noite!... Ando fora de mim,  
Desvairado... Um veneno oculto me afogueia,  
Que há três dias que trago uma cabeça alheia  
Nestes ombros... Que inferno!... É esquisito... é esquisito...  
Foi beberagem má... droga horrenda... acredito!  
Uns vágados de louco, um frenesim medonho...  
Sonharei, porventura, e será tudo um sonho?!...  
Acordado ando eu, acordado a valer,  
Que há três noites não pude ainda adormecer!...  
Peçoña?... não!... A causa disto... a causa é o doido,  
O raio do fantasma, êsse maldito doido  
Que me persegue!... tenho medo... e vergonha em dizê-lo!...  
E depois o cronista-mór, um pesadelo  
Ambulante, um maluco agoireiro e scismático,  
Com aquelas visões estranhas de lunático,  
Faz-me mal... faz-me mal...

UMA VOZ TRÁGICA, *na escuridão* :

Ai, na batalha destroçado,  
 Ai, na batalha destroçado,  
 Rôta a armadura, ensangüentado,  
 Debaixo duma árvore funesta  
 Fui-me deitar, fui-me deitar... dormir a sésta...  
 Fui-me deitar... dormi... dormi...  
 Endoudeci, enlouqueci  
 Debaixo duma árvore funesta!...

Uivam os cães, espavoridos e furiosos.

## O REI :

O doido! o doido! o doido!... Há três noites a fio  
 Que êste velho alienado, horroroso e sombrio,  
 À volta do palácio, ave negra d'azar,  
 Anda a cantar!... anda a cantar!... anda a cantar!...

Indo ao balcão.

Ei-lo!

(Ao clarão dum relâmpago, destaca-se, de súbito  
 fronteiro ao castelo o vulto trágico do doido.  
 Um gigante. Rôto, cadavérico, longa barba es  
 quávida, olhos profundos de alucinado, agitando  
 no ar um bordão em círculos de agoiro cabalis  
 ticos. O manto esvoaça-lhe tumultuoso, restos  
 duma bandeira velha ou dum sudário).

Morro de mêdo!... Há não sei que de extravagante,  
 De inquietador, na voz, nas feições, no semblante  
 Dêste doido... Será um doido porventura?...  
 Mal a sua voz acorda, rouca, a noite escura,  
 Logo os cães a ladrar, a ladrar e a gemer,

Como se entrasse a morte aqui sem eu a ver !...  
Que raio de fantasma !... É coisa de bruxedo...  
Não ando em mim... não ando bom, tremo de medo...  
Fazem-me doido... Fazem-me doido... Não resisto...

Desenrolando o pergaminho.

É assiná-lo, e pronto ! acabemos com isto !

Lendo alto:

«Eu, rei de Portugal, súbdito inglês, declaro  
«Que à nobre imperatriz das Índias e ao preclaro  
«Lord Salisbury entrego os restos duma herança  
«Que dum povo ficou à casa de Bragança,  
«Dando-me, em volta, a mim e ao príncipe da Beira  
«A desonra, a abjecção, o trono... e a Jarreteira.»

O DOIDO, *na escuridão*:

Tive castelos, fortalezas pelo mundo...  
Não tenho casa, não tenho pão !...  
Tive navios... milhões de frotas... Mar profundo,  
Onde é que estão?... onde é que estão?!...  
Tive uma espada... Ah, como um raio, ardia  
Na minha mão !...  
Quem ma levou? quem ma trocou, quando eu dormia,  
Por um bordão?!...  
E tive um nome... um nome grande... e clamo e clamo,  
Que expiação!  
A perguntar, a perguntar como me chamo!...  
Como me chamo? Como me chamo?  
Ai! não me lembro!... perdi o nome na escuridão!...

O REI, *desvairado, erguendo-se*:

O doido!... Aquela voz de fantasma titânico  
Gela-me o sangue e petrifica-me de pânico!

Porque?... Ignoro... O mesmo instinto singular,  
 Que faz ladrar os cães, mal o ouvem cantar...  
 Parece-me um algoz, um carrasco sangrento  
 Dalém campa, a marchar no escuro a passo lento,  
 Direito a mim!... Lá vem!... lá vem vindo... não tarda!...  
 Quem me defende?... a minha côrte? a minha guarda?  
 A minha guarda!... a minha côrte!... Ah, bons amigos,  
 Como hei-de crer em saltimbancos e em mendigos,

Sentando-se ao fogão, junto dos cães:

Se nem mesmo nos cães tenho confiança já!...

Os três cães, agachando-se-lhe aos pés, acariciam-no e lambem-no.

O REI, *encotando Iago bruscamente:*

Iago... Iago!... Então... basta de festas, vá!...  
 Safado! cachorro imundo!... Olhem o odre  
 De gordura, já meio lesado e meio podre!  
 Biltre! Á força de comesainas e de enchentes  
 Emprenhou-te a barriga e caíram-te os dentes!  
 E lembrar-me eu de o vêr, canzarrão duro e bruto,  
 O ventre magro, o olhar em sangue, o pêlo irsuto,  
 Capaz de trincar ferro e mastigar cascalho!...  
 E ei-lo agora: poltrão! ventruído-mór! bandalho!

Iago redobra de festas. O rei dá-lhe um pontapé.

O bandalho! o bandalho!...

E este Judas esperto,  
 Este Judas, filho de loba e cão incerto!...  
 Um chagal remeloso e sarnento e pelado,  
 Todo carcunda, esguio e vêsgo, a olhar de lado!...

E acredita, o pandilha sorna, o safardana,  
Sempre a beijar-me os pés, sempre a tossir de esgana,  
Que me ilude!... Cachorro!... Ora diz lá, meu traste:  
Por quanto hás de vender El-rei? já calculaste?...  
E um Veneno, que é tão pequeno e que é tão mau!  
Fraldiqueiro e feroz, pulgasita e lacrau!  
Com ganas de trincar a humanidade inteira,  
Vai trincando pasteis e barrigas de freira...

Erguendo-se:

E são três cães, três cães! Iago, Judas, Veneno,  
Um odre imundo, um chacal torto e um rato obsceno,  
O meu amparo! Que vergonha!... Ao que eu cheguei!...  
Três podengos de esquina a defender um rei!

O DOIDO, *na escuridão*:

Ai, a minh'alma anda perdida, anda perdida  
Ou pela terra, ou pelo ar ou pelo mar...  
Ai não sei dela... ai não sei dela... anda perdida,  
E eu há mil anos correndo o mundo sem na encontrar!...  
Pergunto às ondas, dizem-me as ondas:  
— Pergunta ao luar... —  
E a lua triste, branca e gelada,  
Não me diz nada... não me diz nada...  
Põe-se a chorar!  
Pergunto aos lobos, pergunto aos ninhos,  
E nem as feras, nem os passarinhos  
Me dizem onde habita, em que lugar!...  
Sangram-me os pés das fragas dos caminhos...  
Não tenho alma, não tenho pátria, não tenho lar!...  
Ai, quanta vez! ai quanta vez!  
Não passará talvez  
A minh'alma por mim sem me falar!

Quem reconhece o cavaleiro antigo  
 Neste mendigo  
 Rôto e doido... quem há de adivinhar?...  
 Adivinhava ela... adivinhava!...  
 O cão no escuro, pela serra brava,  
 Não vai direito ao dono a farejar?  
 Adivinhava... É que está presa... é que está presa!  
 Ontem sonhei... (lembro-me agora!) que está presa  
 Naquela bruta fortaleza,  
 Numa cova sem luz, num buraco sem ar,  
 E que os carrascos esta noite, de surpresa,  
 A vão matar! a vão matar! a vão matar!...  
 . . . . .  
 Por isso o mar anda a rezar!...  
 Por isso a lua desmaiada,  
 Sem dizer nada... sem dizer nada...  
 A olhar p'ra mim, branca de dôr, fica a chorar!...

Ribombam trovões, fusilam relâmpagos. Os cães,  
 espavoridos, ululam sinistramente.

O REI, *alucinado, clamando:*

É demais! é demais!... Põe-me o caco do avêso!...  
 Um frenesim... Que fúria!... irrita-me... endoideço...  
 Marquês! marquês! marquês!

## SCENA IV

O rei, Opiparus e Ciganus, acudindo

OPIPARUS :

Meu Senhor!...

CIGANUS :

Meu Senhor!...

O REI, *alucinado* :

Vão-no prender!... vão-no prender!... Um salteador...  
Tragam-mo aqui!...

OPIPARUS, *à parte* :

El rei endoideceu!

CIGANUS :

Dizei,

Alguem desacatou a pessoa de el-rei,  
Por acaso?

O REI :

Um fantasma louco entre o arvoredos...

OPIPARUS :

Um fantasma?!... Ilusão... O ar atordôa...

CIGANUS :

Mêdo

De que ? de agoiros infantis, de sonhos vagos ?  
Com ministros leais e escudeiros bem pagos,  
Que teme el-rei ? ! ...

O REI :

Não é vertigem, não é sonho ...  
Um fantasma ... um fantasma, um gigante medonho,  
Que me não deixa ... Quero vê-lo ... Ide prendê-lo ... andai ...

CIGANUS :

Mas que fantasma é êsse aterrador ?

O REI, *levando-os ao balcão e apon-*  
*tando :*

Olhai !

Além ! ... além ! ... além ! ...

CIGANUS :

Strambólica figura ! ...  
É singular ... é singular ...

OPIPARUS :

Crime ou loucura ...  
Por certo um doido ...

O REI :

Há já três noites, sem descanso,  
Uivando loas sôbre loas ...

OPIPARUS :

Doido manso...

O REI :

Não me larga esta insónia há três noites!... Um raio  
D'um profeta!...

CIGANUS :

Amordaçai-o, manietai-o!

---

## SCENA V

O rei, inquieto, preocupado, senta-se ao fogão. Os  
cães abeiram-se, uivando medrosos. Redobra a  
tormenta. Pestanejam, contínuos, relâmpagos  
formidáveis.

O DOIDO, *no escuro, em voz plangen-*  
*te de embalar crianças:*

Os vivos tem mêdo aos mortos,  
Que andam de noite ao luar...  
Fantasmas de mortos  
São enganos mortos...  
Deixem-nos andar... deixem-nos andar!...

Os vivos tem medo aos mortos,  
Que andam sonhando a penar, ...  
Quimeras de mortos  
São desejos mortos ...  
Deixem-nos sonhar ... deixem-nos sonhar ! ...

Os vivos tem medo aos mortos,  
Que andam cantando a chorar ...  
As canções dos mortos  
São suspiros mortos ...  
Deixem-nos cantar ... deixem-nos cantar ! ...

O REI :

O doido ! o doido ! o doido !

A MESMA VOZ, *na escuridão* :

Não lhes tenham medo ... deixem-nos cantar ...

## SCENA VI

Entram Ciganus e Opiparus acompanhando o fantasma, em meio de escudeiros armados e com archotes. O doído aparece tal qual o descrevemos: enorme, cadavérico, envolto em farrapos, as longas barbas brancas flutuando. Numa das mãos o bordão. Na outra um velho livro em pedaços. Lembra um doído e um profeta, D. Quixote e o rei Lear. O olhar, cavo e misterioso, é de sonâmbulo e de vidente. O rei empalidece como um sudário. Os cães ululam, furiosos e trémulos.

CIGANUS :

Eis o doído... É curioso este Matusalem...  
Como se chama? onde nasceu? d'onde vem?  
Ignora tudo... Canta e soluça...

OPIPARUS :

De resto,  
Não tem fúrias, nem anda armado: um doído honesto.

CIGANUS :

Mete medo!... que monstro!... Um espião, talvez...

OPIPARUS :

Deixou-se maniatar, prender, qual uma rês  
Submissa... Não um doído...

CIGANUS :

Um doido extravagante...  
Quem és? Despacha a língua... olha que estás diante  
D'el-rei... Diz o teu nome...

OPIPARUS :

O teu nome, vilão !

O DOIDO, *absorto* :

Como me chamo... como me chamo?...  
Ai! não me lembro... perdi o nome na escuridão...

CIGANUS :

Sempre a mesma resposta inalterável...

O REI :

Diz  
De donde vens? onde nascente? em que país?  
Nada temas... El-rei é bom, podes falar...

O DOIDO, *sonâmbulo* :

Não tenho alma... não tenho pátria... não tenho lar...

O REI :

Traz um livro na mão, reparaí...

CIGANUS, *tomando o volume, que o  
doido entrega, pesaroso :*

Deixa ver...

Deixa-me ver... um livro antigo... Sabes ler?  
Tu sabes ler?

OPIPARUS :

Anda, responde, não te encolhas...

CIGANUS, *abrindo o livro :*

Nem princípio, nem fim; trapos todas as fôlhas

Folheando e lendo

«Esta é a ditosa pátria minha amada...

«Alguns traidores houve alguma vezes...

«Porque essas honras vãs, êsse oiro puro

«Verdadeiro valor não dão...

«A que novos desastres determinas

«De levar êstes reinos, esta gente?

... apagada e vil tristeza...

O REI :

Parece verso...

CIGANUS, *restituindo o livro :*

Um alfarrábio fedorento

Coisa de prêgador, talvez... cheira a convento...

O REI:

Quem sabe se algum velho ermitão alienado,  
Dêses que vivem sós, longe do povoado,  
Em ermos alcantis ou cavernas de fera...

OPIPARUS:

Onde dormes?

O DOIDO:

Dormir!... dormir!... Oh, quem me dera  
Dormir!... Oh, quem me dera esta cabeça vaga,  
Esta cabeça tonta, arrimá-la a uma fraga,  
E quedar-me p'ra sempre esquecido no chão!...  
E os mortos dormem... e eu morri... então... então  
Porque não durmo?!...

Vagueando os olhos esgazeados pelos retratos da  
dinastia de Bragança, e como que recordando-  
-se gradualmente, em sonho, dum escuro pas-  
sado, abolido e longínquo:

Olha os bandidos... os traidores!...  
Bem nos conheço!... fôram êles... subtilmente

Rosnam os cães, enfurecidos.

Com drogas más e com venenos de serpente,  
Sem eu saber, de noite e dia, a pouco e pouco,  
Me levaram a alma e me tornaram louco...  
Enlouqueceram-me, endoidaram me os bandidos!...  
A minha alma!... a minha alma!... Ouço gemidos...

São talvez dela... tem-na aqui encarcerada...  
Onde estás, onde estás, alma desamparada?!...  
Grita por mim!... onde é que estás?! Ai, quero emfim  
Ver-te comigo... Onde é que estás?!...

Os cães, truculentos, investem com êle. Resi-  
gnado e com desprezo:

Ah, cães danados... cães del-rei... mordei, mordei  
Este corpo sem alma!... Ah fôsse outrora... outrora!...  
E ai dos cachorros, ai de vós!... Assim... agora...  
Mordei, mordei, ladrai, despedaçai sem p'rigo  
A minha carne e os meus andrajos de mendigo!...

CIGANUS:

Coitado! um noitibó maluco e mansarrão...

OIPARUS:

Delírio de tristeza e de perseguição...

O REI:

Astrologus talvez o conheça... Ide-o chamar... talvez...

## SCENA VII

O piparus vai em procura do cronista. O doido, sonâmbulo, vagueia em tórno do salão, contemplando os retratos. O rei ao lume, junto dos cães, segue-o com os olhos.

CIGANUS, *meditando* :

Bem complicado êste cronista!... Quem o fez  
Teve artes de engendrar singular criatura,  
Contraditória, ondeante, incerta, ambígua, obscura...  
Bem capaz de morrer, jejuando, ermitão...  
A loucura subtil envolve-o...

Que trovão!  
Que relâmpago!... Brada o vento... ulula o mar...  
E êste doido esquisito e singular, a olhar...  
A olhar... Que leve o demo a noite e a ventania...

O REI, *seguinto o doido com os  
olhos* :

Pois agora embirrou! não larga a dinastia...

O DOIDO, *absorto* :

Fantasmas de mortos  
São enganos mortos...  
Não lhes tenham mêdo... deixem-nos sonhar...

## SCENA VIII

Entram Opiparus e Astrologus.

O REI, *ao cronista-mór* :

Conheces porventura

Este doido ?

ASTROLOGUS :

Conheço.

O REI :

É doido ?

ASTROLOGUS :

Na figura,

Na voz, no olhar, em tudo o podeis ler, Senhor.

O REI :

E como endoideceu ?

ASTROLOGUS :

De miséria e de dôr.

O REI :

Há muito ?

ASTROLOGUS :

Vai fazer três séculos ...

CIGANUS :

A vista  
Do espantalho endojou a mioleira ao cronista ...

O REI :

Três séculos! ... caramba! então que idade tem ?  
Mil anos? ...

ASTROLOGUS :

Quási ...

OPIPARUS :

Pronto! endoideceu também!

ASTROLOGUS :

A mil não chega ainda; oitocentos ...

CIGANUS :

Coitado !

Endoideceu ! doido varrido e confirmado !

O REI :

Gracejas ?

ASTROLOGUS :

Não perdi a razão, nem gracejo . . .

Acaso, meu Senhor, não vedes como eu vejo  
Neste gigante, em seu aspecto e seu fadário,  
O quer que seja de extra-humano e de lendário ?  
Maior que nós, simples mortais, êste gigante  
Foi da glória dum povo o semideus radiante.  
Cavaleiro e pastor, lavrador e soldado,  
Seu torrão dilatou, inóspito montado,  
Numa pátria . . . E que pátria ! a mais formosa e linda  
Que ondas do mar e luz do luar viram ainda !  
Campos claros de milho moço e trigo loiro,  
Hortas a rir, vergeis noivando em frutos d'oiro,  
Trilos de rouxinós, revoadas de andorinhas,  
Nos vinhedos pombais, nos montes e ermidinhas,  
Gados nédios, colinas brancas, olorosas,  
Cheiro de sol, cheiro de mel, cheiro de rosas,  
Selvas fundas, nevados píncaros, outeiros  
D'olivais, por nogais frutas de pegureiros,  
Rios, noras gemendo, azenhas nas levadas,  
Eiras de sonho, grutas de génios e de fadas,  
Riso, abundância, amor, concórdia, juventude,  
E entre a harmonia virgiliana um povo rude,  
Um povo montanhês e heróico à beira-mar,  
Sob a graça de Deus, a cantar e a lavar !

Pátria feita lavrando e batalhando: Aldeias  
 Conchegadinhas sempre ao torreão de ameias.  
 Cada vila um castelo. As cidades defesas  
 Por muralhas, bastiões, barbacãs, fortalezas.  
 E a dar a fé, a dar vigor, a dar o alento,  
 Grimpas de catedrais, zimbórios de convento,  
 Campanários de igreja humilde, erguendo à luz,  
 Num abraço infinito, os dois braços da cruz!  
 E êle, o herói imortal duma empresa tamanha,  
 Em seu tuguriosinho alegre na montanha  
 Simples vivia, — paz grandiosa, augusta e mansa,  
 Sob o burel arnês, junto do arado a lança.  
 Ao pálido esplendor do ocaso na arribana,  
 Di-lo-eis, sentado à pórtia da choupana,  
 Ermitão misterioso, extático vidente,  
 Olhos no mar, a olhar sonambólicamente...  
 — «Águas sem fim! ondas sem fim!... Que mundos novos  
 • De estranhas plantas e animais, de estranhos povos,  
 • Ilhas verdes além... para além dessa bruma,  
 • Diademas de aurora, embaladas de espuma!...  
 • Oh, quem fôra, através de ventos e procelas,  
 • Numa barca ligeira, ao vento abrindo as velas,  
 • A demandar as ilhas d'ouro fulgurantes,  
 • Onde sonham anões, onde vivem gigantes,  
 • Onde há topázios e esmeraldas a granel.  
 • Noites de Olimpo e beijos d'âmbar e de mel!»  
 E scismava e scismava... As nuvens eram frotas  
 Navegando em silêncio a paragens ignotas...  
 — «Ir com elas... fugir... fugir!... — Ua manhã,  
 Louco, machado em punho, a golpes de titã  
 Abateu impiedoso o roble familiar,  
 Há mil anos guardando o colmo do seu lar.  
 Fez do tronco num dia uma barca veleira,  
 Um anjo à proa, a cruz de Cristo na bandeira...  
 Manhã d'heróis... levantou ferro... e, visionário,  
 Sôbre as águas de Deus foi cumprir seu fadário.  
 Multidões acudindo ululavam de espanto.  
 Vélhos de barbas centenárias, rosto em pranto.

Braços hirtos de dor, chamavam no... Jámais!  
Não voltaria mais!... oh, jámais... nunca mais!...  
E a barquinha, galgando a vastidão imensa,  
Ia como encantada e levada suspensa  
Para a quimera astral, a músicas de Orfeus...  
O seu rumo era a luz, seu piloto era Deus!  
Anos depois volvia à mesma praia emfim  
Uma galera d'oiro e ébano e marfim,  
Atulhando, a estoirar, o profundo porão  
Diamantes de Golconda e rubins de Ceilão.  
Naiades e tritões e ninfas, ao de leve,  
Moviam-na a cantar sôbre espáduas de neve.  
No estandarte uma cruz esuartelando a esfera;  
E Vénus, voluptuosa, à proa da galera  
Com o anjo cristão, virgem risonha e nua,  
A mamar alvorada em seus peitos de lua!...  
O argonauta imortal, quimérico gigante,  
Voltava dos confins da epopeia radiante,  
Estasiados ainda os olhos vagabundos  
D'astros de novos céus, floras de novos mundos!

Epopeia inaudita! Herói, êle a viveu,  
Sonhador, a cantou: Êschilo e Prometeu!  
Inda em hinos de bronze, em estrofes marmóreas  
Vibra eterno o clangor dessas passadas glórias...  
Mas a glória entontece e mata... Deslumbrado,  
Trocou por armas d'oiro as armas de soldado,  
Vestiu veludo e sêda e lhamas rutilantes,  
Estrelou de rubins, aljófares, diamantes  
Sua espada de côrte e seu gibão de gala,  
E, em vez do catre duro e pão negro de rala,  
As molesas do Oriente e as orgias faustosas,  
Com baixelas d'Olimpo e emanações de rosas...  
Perdida a antiga fé, morta a virtude antiga,  
Seu ânimo d'herói, caldeado na fadiga  
De mil empresas, mil combates de titãs,  
Domaram-no por fim braços de cortesãs.

Com o ferro vencera o oiro; em desagravo,  
O oiro, que é mau, venceu-o a êle, tornando-o escravo.  
Ingrato abandonara o teto paternal,  
Em cuja mesa à ceia aldeã, herói frugal,  
Eram de sua estreme e rústica lavoirra  
O pão moreno, o vinho claro e a fruta loira.  
Deixou morrer o armento; e campos e vinhedos  
Cobriram-se de tojo, ortigas e silvedos.  
Em seus castelos e palácios rendilhados,  
Sôbre leitos de arminho e veludo e brocados,  
Entre beijos de harem e pompas de rajá,  
Desfalecera o velho herói, caduco já.  
Mas era bravo ainda, e por vezes nas veias,  
Acordava-lhe o sangue, alvorando epopeias...  
Num ímpeto de febre, aceso, arrebatado  
Na visão deslumbrante e fulva do passado,  
Ergueu-se um dia, louco e triste, alma quimérica,  
Olhos em brasa a arder na face cadavérica...  
Aparelhou galeões, velas brancas arfantes,  
Cavaleiros aos mil, juvenis e brilhantes,  
Galopando a cantar, descuidados e ledos  
Lanças na mão, a pluma ao vento, aneis nos dedos,  
Cada bôca uma flor, cada arma um tesoiro,  
Rodelas d'oiro, arnezes d'oiro, espadas d'oiro,  
Pedrarias astrais em setins e em veludos,  
Drapejar de pendões, reverberos de escudos,  
E as trombetas varando o céu leve de anil  
Co'o estridente clangor do seu furor febril!  
E, olhos em brasa a arder na face cadavérica,  
Lá partiu, lá partiu, alma errante e quimérica,  
Á epopeia da glória, ao sonho aventureiro,  
Ao sonho lindo... oh, sonho triste e derradeiro!...  
Num mar d'areia, fogo em pó turbilhonando,  
Sob o vitríolo da luz redardejando,  
Entre as carnagens do combate desvairado,  
Já trucidado, espostejado, aniquilado  
Seu exército louco,—oh sonho louco e vão!—  
O calmo herói, noite no olhar, gládio na mão,

Negro de fumo e pó, rubro de chama e sangue,  
 Os ilhais estoirando ao seu corcel exangue,  
 Arrojou-se, como um destino, erecto e forte,  
 Á sangrenta hecatombe, à paz de Deus, à morte!  
 E a morte não n'ô quis: exânime e desfeito,  
 De lançadas crivado o arnez, crivado o peito,  
 Sob o corcel tombou, por milagre inda vivo!  
 Levaram-n'ô depois sem acôrdo e cativo.  
 Meio século preso e débil... De repente,  
 Num assomo de fúria e de cólera ardente,  
 Partiu grilhões, abriu o ergástulo fatal  
 E voltou livre, livre! ao seu torrão natal!...  
 Mas então, oh tristeza, oh desonra, oh desgraça!  
 Feras do mesmo sangue, homens da mesma raça  
 Envenenaram-no!...

Iago atira-se furioso ao cronista

O REI, dando-lhe um pontapé:

Silêncio! deixa ouvir...

Tem cada uma êste cronista!...

Iago não obedece. Outro pontapé.

Deixa ouvir!

E quem foi?... e quem foi?...

Rosnam os cães, fusilando os olhos ao cronista,

ASTROLOGUS, continuando:

Envenenaram-no, eis o facto, eis a verdade.  
 E às escuras, extinta a imortal claridade,  
 Louco autómato errante, alma cega e funérea,  
 Veio andando através do tempo e da miséria,  
 Mendigo como um cão e mártir como um Cristo,  
 Até chegar, meu Deus, vergonha eterna! a isto!!...

Vêde-o bem, vêde o bem, o rude herói d'outrora :  
 Teve o mundo nas mãos, nos olhos d'água a aurora.  
 E hoje, oh destino atroz! sem amparo e sem lar,  
 Tem andrajos no corpo e escuridões no olhar!...  
 Não no mandeis prender, eu vô-lo peço e requeiro!  
 É inofensivo... é manso e bom como um cordeiro...  
 Causam-vos mêdo, porventura, umas baladas  
 Que anda à noite a cantar, canções d'almas penadas?...  
 É a doudice, hórrida e má, que tumultua  
 Ou nas voltas do tempo ou nas fases da lua...  
 Não afronta ninguém... Deixem-no ir, coitado!  
 Deixem-no com seu mal e seu negro cuidado,  
 A trovar pelo escuro e a viver pelos montes  
 De luz do sol, d'erva do campo e água das fontes...

. . . . .  
 Trás um livro na mão, reparaí bem, Senhor :  
 Um livro usado, um livro gasto e sem valor...  
 Sem valor?!... Um tesoiro, uma história de encanto,  
 Que êle escreveu com sangue e hoje rega com pranto...  
 Não a larga da mão, anda-lhe tão afeito,  
 Que até dorme com ela escondida no peito...  
 Mas que miséria a sua e que destino o seu!  
 Quer ler... e não soletta o livro que escreveu!  
 Muitas vezes de tarde encontro-o a meditar  
 Sôbre rocha escarpada e nua à beira-mar...  
 Pega no livro então, abre-o sôfregamente,  
 E fica olhando, olhando, atônito e demente,  
 A epopeia d'outrora, a biblia do passado,  
 Que lágrimas de fogo em sec'los tem queimado...  
 Mas ai! que serve olhar, se os olhos são janelas,  
 E se a alma é quem vê, quem espregita por elas!...  
 Fica a olhar... fica a olhar, hesitante e perplexo,  
 Balbucia, articula umas coisas sem nexo,  
 E, por fim, taciturno e torvo, aniquilado,  
 Como quem vislumbreia, horror!, o seu estado,  
 Fita as nuvens do azul... fita as ondas do mar...  
 E desata, em silêncio, a chorar!... a chorar!...  
 E depois vem a noite... e ali dorme ao relento,  
 Desamparado, abandonado, ao frio, ao vento,

Té que algum pescador, de manhã, pela mão  
O recolha ao seu lar e lhe dê do seu pão!...

. . . . .

## CIGANUS:

Bem o dizia eu... bem o dizia eu...  
Êste cronista não regula... endoideceu!...  
Que histórias que êle inventa, o mágico!...

## OPIPARUS:

## Perlendas

De visionário tonto, inquiridor de lendas...  
Vagueiam-lhe no caco obscuro, entre miasmas,  
Lemures, avejões, duendes, monstros, fantasmas...

## O REI

Aos guardas, designando o doido:

Coitado! meio nu, faminto, vagabundo,  
De charneca em charneca, aos tombos pelo mundo,  
Sem ninguém... E eu com receio... Visto ao longe,  
Era um pavor! Coitado! Um maluco afinal...  
Deixem-no em liberdade, não lhe façam mal.

## O REI, despedindo o cronista:

Cronista, vai dormir... boa noite... Deus queira  
Que o sono te refresque um pouco a maluqueira...

## SCENA IX

Tiros ao longe. Clamor distante. Os cães ululam.

O REI, *sobresaltado* :

Ouvi... ouvi!... ouvi!...  
Tiros... detonações... é próximo d'aquí...  
Fusilaria!... Ouvi... Que demónio se passa?!...

CIGANUS:

São os guardas d'El-Rei, que andam de noite à caça...

O REI:

De noite à caça!

CIGANUS:

Montaria aos lobos, meu Senhor...

O REI:

Dei cabo dum aqui há tempos... Que vigor,  
E que tamanho! Era de noite... foi na estrada...  
Caíu logo no chão à primeira mócada!  
Tenho morto dúzias de lobos e de lóbas,  
Nenhum assim: pesava umas quarenta arrobas.

OIPARUS, *à parte* :

Sim senhor, eis El-Rei já no estado normal!

Ouvem se marteladas cavas e repetidas nos subterrâneos profundos do palácio.

O REI:

Que barulho lá baixo... Um estrondo infernal  
De marteladas!... Santo Deus! nem trinta diabos juntos,  
Pregando a toda a pressa esquifes de defuntos!

OPIPARUS, *rindo*:

Gente carpinteirando em tábuas e barrotes,  
Não para esquifes, meu Senhor; para caixotes!  
Mandi encaixotar (a providência é boa)  
Os milhões do tesouro e as baixelas da c'roa.  
E em quanto à c'roa, Senhor meu,  
Ninguém lha roubará, ninguém! defendo-a eu.  
O trono... o que é um trono? uma simples cadeira  
De veludo já gasto e de vélha madeira.  
É, pois, minha profunda e sábia opinião  
Deixá-lo ir sem resistência... A c'roa, não!  
A c'roa é doiro fino, esmeraldas, diamantes,  
Turquezas e rubins... (uns dois milhões cantantes!)  
E portanto, Senhor, havemos de levá-la,  
Ha-de ir conosco, ao pé de nós, dentro da mala!

CIGANUS, *pensando e rindo*:

C'roa de procissão... rica para um andor:  
Pedras falsas; troquei-lhas eu; vidros de côr.

OPIPARUS, *continuando*:

E comido o banquete e devorada a presa,  
Bem nos importa a nós erguermos da mesa!  
Partiremos a rir, terminado o *dessert*,  
Levando cada qual na algibeira o talher...

Com três milhões de renda, um pecúlio feliz,  
Grande vida a dum rei destronado em Paris!...

O REI :

É cínico, mas tem pilhéria êste demónio!...

OPIPARUS :

Bom estômago e ventre livre: um património!  
A vida é boa ou má, faz rir ou faz chorar,  
Conforme a digestão e conforme o jantar.  
Pode crê-lo, Senhor, toda a filosofia,  
Ou tristonha ou risonha ou alegre ou sombria,  
Deriva em nós, tão orgulhosas criaturas,  
De gastro-intestinais combinações obscuras.

O REI :

E a moral?

OPIPARUS :

Rica farça a moral! Não me ilude.  
Examinem qualquer vendedor de virtude,  
Casto como um carvão, magro como um asceta:  
A abstinência é impotência, o jejum é dieta.  
O diabo, meu Senhor, já vélho e desdentado,  
Sifítico, a abanar como um gato pingado,  
O trazeiro sarnoso, em gangrena a medula,  
Exaurido a chupões de luxúria e de gula,  
Sentindo-se perdido e rabiando, afinal  
Quis vingar-se do mundo... e inventou a moral!

O REI, *pensando*:

E, se eu ós pontapés desancasse esta corja,  
Ia às malvas... adeus! tinha banzé na forja!...

Fundeou na praia uma galera de corsarios. Desembarcam.

O DOIDO, *na escuridão*:

A lua morta bóia nas nuvens toda amarela...  
Corvos marinhos, corvos daninhos poisam sôbre ela...

Tiram-lhe os olhos, comem-lhe a bôca, já com grangrena...  
Astros errantes, agonizantes, choram de pena...

Choram de pena, tremem de mágoa, morrem de dôr...  
Na noite escura canta a Loucura, grita o Pavor...

Lôbas tinhosas d'olhos d' enxofre saltam valados...  
Pobres dos gados!... pobres dos gados pelos montados!...

O REI:

Olha o doido!... Lá torna o doido... Eu logo vi...  
Canta p'raí até 'stoirar... canta p'raí!...

Rebenta, fóra, um grande tumulto. O rei e os validos assomam-se ao balcão. Vem debandando, clamorosa, a revolta vencida. Soldados, prisioneiros, feridos, moribundos em macas. Ais de estertor, pragas, vivas avinhados, gritos de mulheres, choros de crianças. Os cães, truculentos, ululam na varanda.

Que é isto?!... que estardalhaço!... que chinfrineira!...

Gritarias... um rodilhão... Temos asneira...  
Temos coisa... não há que ver, temo-la armada...

CIGANUS, *rindo*:

É a guarda d'El-Rei, de volta da caçada.  
Os monteiros são bons... a matilha é valente...

OS SOLDADOS, *em clamor*:

Viva El-Rei! viva El Rei!

O REI:

Compreendo. Excelente!

O DOIDO, *na escuridão*:

Ao luzir d'alva semeei de flores  
Uma encosta deserta ao pé do mar:  
Cravos, lírios, jasmins, goivos, amores,  
Açucenas e rosas de toucar.  
Ao redor vinha verde e trepadeiras,  
Medronheiros, figueiras, romanzeiras...  
Lindo jardim! Lindo pomar!  
Como no monte não havia fonte,  
Desatei a chorar para o regar...  
Depois, oh meus feitiços!  
Enchi de abelhas d'ouro cem cortiços  
E dez pombais com pombas de luar...  
Olha o lindo jardim!... olha o lindo pomar!...  
E enxada ao ombro, já raiava a aurora,  
Abalei a cantar!...

Foi há mil anos... Venho mesmo agora  
De ver a linda encosta à beira mar...  
Lindo jardim! lindo pomar!  
As açucenas deram-me grangrenas  
E os jasmims podridões a fermentar!...  
Os cravos deram cravos... mas de cruzes!  
E as roseiras espinhos de tocar...  
Sôbre as ervas no chão crepitam luzes,  
Fogos fátuos de larvas a bailar...  
Só dos goivos, Senhor, brotaram goivos,  
Destilando loucura e rosalgar...  
Olha o lindo jardim! olha o lindo pomar!  
Os figos das figueiras são caveiras  
E os medronhos são balas de matar...  
Oh, que lindas romãs nas romanzeiras!  
Corações fusilados a sangrar!...  
Inda bem, que em vez d'uvas nas videiras  
Há rosários de dor para eu rezar...  
Olha o lindo jardim! olha o lindo pomar!  
De dentro dos cortiços, que feitiços!  
Voam corvos e c'rujas pelo ar...  
E dos pombais, aos centos,  
Nuvens de abutres agoirentos,  
Que sôbre as romanzeiras vão poisar!...  
Olha o lindo jardim! olha o lindo pomar!  
.....  
E' de encantar a natureza!... ai que beleza!  
Quantas florinhas para a minha mesa!...  
Deus, quanta fruta para o meu jantar!...  
Lindo jardim... lindo pomar!...

---

## SCENA X

Os mesmos e Magnus, que entra magestoso e solene.

O REI :

Chega ao calhar ... Então, meu duque, a trabuzana  
Foi boa... Por um triz, iam-nos à pavana !

MAGNUS, *grandioso* :

Valeu-lhe, meu Senhor, (dôa isto a quem dôa !)  
Haver três homens, como nós, junto da C'roa,  
Para a salvar dum grande abismo !... A situação ...

O REI :

Ganhou hoje, meu duque, o Elefante e o Pavão.

MAGNUS :

Nem sei como exprimir a Vossa Magestade  
A alegria que sinto !... E' de mais ! que bondade !  
A grã cruz do Pavão !... Nunca o julguei... Em suma,  
Feliz !... morro feliz... Já não há mais nenhuma !

O REI, *a Ciganus* :

E agora ?

CIGANUS :

Meu Senhor, é dormir sem cuidados !  
Os mortos cemitério e os vivos . . .

OPIPARUS :

Enforcados.

CIGANUS :

Talvez que sim, talvez que não . . .  
É conforme: o rigor, a clemência, o perdão,  
Tudo às vezes convêm, tudo tem seu lugar . . .  
Enforco os, claro está, se os puder enforcar.  
Não podendo, enxovia; e, se a nação revolta  
Clama contra a prisão . . . deixá-los hei à solta.  
Enforcados, melhor. Eu, gente que deteste,  
Quero em vez de canhões a guardá-la um cipreste.  
Mas, se matando arrisco a própria vida, não :  
Converto-me, de algoz furioso, em bom cristão . . .  
Reinar, eis o importante; o modo é secundário.  
É conforme se pode; é dia a dia; vário.  
Fica melhor um rei num corcel de batalha,  
O chicote na mão, contemplando a canalha.  
Inspira assim terror, incute medo e fé.  
Não há, porém, cavalo? É governar a pé.  
E, se ainda precisa atitudes mais chatas,  
É governar de toda a forma, — até de gatas !  
O caso é governar, seja lá como fôr :  
Com manhas de toupeira ou vôos de condor,  
Por caminho sinuoso ou caminho direito . . .  
Eu, para governar, a tudo me sujeito,  
Indo de cara alegre até ao sacrifício  
De ser exemplarmente honesto . . . por officio !

Continua a tormenta. Prosseguem os vivos. Os  
cães ladrando sempre.

MAGNUS, *sentencioso* :

Nas vistas do marquês há pontos em que abundo,  
Pontos em que discordo. O mal é mais profundo!  
Talhemos com firmeza o mal pela raíz!  
Nas circunstâncias desastrosas do país,  
Quando um vento de insânia brava nos arrasta,  
Quando abusos de toda a ordem, toda a casta,  
Andam impunes; quando a moral e o direito  
Já não levam sequer à noção de respeito,  
Á noção do dever, urge com brevidade  
Dar fôrça à C'roa e dar prestígio à autoridade!  
Eu com rude franqueza o digo: o caso é sério!  
Nós vivemos (se isto é viver!) num baixo império!  
Olhem bem ao redor: uma orgia! um entrudo!  
Abocanha-se tudo, emporcalha-se tudo,  
Nem o sacrário da família se venera,  
Não há reputação, ainda a mais austera,  
Que a não manchem... um lodaçal, um tremedal de escombros,  
E nós a vemos isto e a encolhermos os ombros!  
É de mais! é de mais! Vamos todos a pique!  
É necessário um termo! é necessário um dique!  
Sursum corda! Que El-Rei leve a bandeira em punho!  
E inda há gente... inda há gente! inda há homens de cunho!  
Inda há muita aptidão, muita capacidade  
E muita honra!... O que é mister é uma vontade!  
Obre El-Rei com firmeza! obre El-Rei sem demora!  
Qual o cancro que dia a dia nos devora?  
Toda a gente que vê, toda a gente que pensa  
Põe o dedo na chaga e conclue: a descrença!  
Se o mal vem da descrença, ataque-se a questão!  
Religião, Senhor e mais religião!  
Deus e mais Deus! tendo nós Deus e a fôrça armada,  
Não há receio algum; dormirá descansada

A monarquia. Deus, embora neste meio,  
Queiram ou não, é sempre Deus!... é inda um freio!

OPIPARUS, *galhofeiro* :

E o profeta, que nos censura e nos fulmina,  
Tem palácio, grande estadão, mesa divina,  
É *jouisseur* como dez banqueiros elegantes,  
E, facto escandaloso! a respeito de amantes  
Cultiva sobretudo (às vezes com seus p'rigos...)  
Esta especialidade : a mulher dos amigos !

O REI, *gracejando* :

Mas o que a mim me espanta, e não entra na bola,  
É sair-nos o duque um perfeito carola !  
Se a rainha estivesse, inda d'acôrdo, admito ...  
Mas entre homens prègar sermões acho esquisito,  
Meu caro duque ... Estou a vê lo qualquer ano,  
Entrapado em burel, frade varatojano !

MAGNUS, *solene* :

Distingo, meu Senhor, distingo : sou cristão,  
Co'as rédeas do govérno e do poder na mão.  
Católico e de lei, sob o ponto de vista  
Administrativo, e nada mais. Como estadista,  
Eu considero a Igreja uma pedra angular  
Da ordem ! Quero o trono achegado ao altar !  
A Igreja tem prestígio ! a Igreja é um sustentáculo !  
Convêm ao scetro ainda a amizade do báculo !  
O homem público em mim, o defensor da C'roa,  
É desta opinião. Sustento-a e julgo-a bôa.

Mas cá dentro, no fôro interno, a sós comigo,  
 Eu, o particular e o filósofo, digo-o  
 Alto e bom som, digo-o de cara e sem temor:  
 Não há ninguém! ninguém! mais livre pensador!  
 Eu admiro Voltaire!... Eu encontro-me em dia  
 Com a marcha do globo e da filosofia.

O REI, *galhofando*:

Se a Rainha lhe sente ideas desordeiras...

MAGNUS:

Leio Voltaire, mas quero os frades!...

OPIPARUS:

E eu as freiras...

CIGANUS:

Por mim desejo tropa, em lugar de irmandades.  
 Mas se a rainha quer os frades, venham frades.  
 Com certo geito e condições, inda afinal  
 Se atamanca de Deus um bom guarda rural...

Trovão retumbante. A caverna da noite incendeia-se de ouro, abrasada a relâmpagos. Ais e lamentos. Gritos ferozes de soldados. Uivam os cães. Sente-se ao longe um rumor imenso de multidões que debandam.

MAGNUS, *meditando*:

Que demónio!... cheira a chamusco... Volta a dança...  
 Olha que brincadeira!... Isto, se a coisa avança,  
 Vai tudo raso, vai tudo em cacos pelo ar!

Não me sinto aqui bem... Nada! ponho-me a andar!...  
Uma história qualquer...

Ao rei:

Meu Senhor, a duquesa ...  
(Foi dêste abalo repentino, esta supresa...)  
Achou-se mal, deu-lhe um febrão... em tal estado,  
Que não gosto... não gosto... inspira-me cuidado...  
E se El-Rei o permite...

O REI:

Ignorava... Ora essa,  
Meu caro duque! Ande ligeiro, vá depressa...

O rumor longínquo, de maré humana, avança,  
trágico, na escuridão profunda. Surge na praia  
uma nau gigante, embandeirada de negro. Uivam os cães.

---

## SCENA XI

O REI:

Ouvi!

OPIPARUS:

O mar.

CIGANUS:

Não é o mar; a ventania.

O REI :

Também não... Escutai... escutai...

OPIPARUS :

Dir-se-ia

O confuso estridor, desordenado e vário  
Dum exército louco, em tropel tumultuário...

O rei com os validos assoma-se ao balcão. Hordas inúmeras de esfarrapados, multidões de mendigos, turbas espectrais, homens e mulheres, velhos e crianças, ululando, gritando, praguejando, baixam a montanha em direcção à praia, numa torrente caudalosa, numa levada contínua de sofrimentos e miséria. E o porão tenebroso do navio-fantasma engulindo, aos cardumes, vertiginosamente, aquela humanidade enlouquecida. E a enxurrada sinistra, avolumando, alastrando, cada vez mais tumultuária e bramidora. Dir-se-ia um povo de malditos, debandando a um cataclismo inexorável! Povo imenso, não tem fim, mas o navio não tem fundo. Cabe tudo lá dentro. Os cães na varanda, rosnam, som brios e provocantes.

O REI :

Que quer isto dizer?! que chinfrineira é esta?!...  
Que balbúrdia!... que multidões sombrias!... temos festa!...  
Oh, com mil raios! temos festa... Há banzé novo...  
Que 'stardalhaço... Um mar de gente!... um mar de povo,  
A correr, a crescer... Gritos, uivos, bramidos...  
Era uma vez, marquês!... Pronto! estamos perdidos!...

CIGANUS, *fleumático, acendendo um  
charuto :*

Coisa vulgar, Senhor: emigrantes, miséria...

## O DOIDO, na escuridão :

A fome e a Dor escaveiradas  
Ululam roucas nas estradas,  
Irmãs sinistras de mãos dadas ...  
Misericórdia! Misericórdia!  
Na escuridão, entre lufadas,  
Que pavorosas debandadas  
De multidões desordenadas ...  
Misericórdia! Misericórdia!  
Turbas gemendo esfarrapadas,  
Por ventanias e nevadas,  
Filhos ao colo, ao ombro enxadas,  
Sem luz, sem pão e sem moradas! ...  
Misericórdia! Misericórdia!  
E em salas d'oiro, iluminadas,  
Há beijos, risos, gargalhadas ...  
Misericórdia! Misericórdia!  
E, por outeiros e quebradas,  
Tombam choupanas arruinadas ...  
Mortas ... desfeitas em ossadas ...  
Misericórdia! Misericórdia! Misericórdia!

## OPIPARUS :

Que bela voz! Dava um barítono estrondoso  
O diabo do maluco! ...

## O REI :

A mim faz-me nervoso,  
Não sei porque ... Faz-me nervoso ... Embirro, é doença ...  
Mas quanto povilou! que turbamulta imensa  
De esfaimados, de miseráveis no abandono,  
Rafeiros a latir, sem albergue e sem dono!  
Vejam isto ...

CIGANUS:

A miséria é lama, é sangue, e é pranto,  
 A fermentar em crime e em veneno. Portanto  
 Precisa esgôto; quer-se um esgôto e despejá-la  
 Continuamente num porão ou numa vala.  
 Emigrar ou morrer: degrêdo ou cemitério.  
 O hálito da pobreza imunda é deletério.  
 De trapos de mendigo e lençóis de vilão  
 Faz a anarquia flamejante o seu pendão.  
 Curta distância vai da indignência à rapina,  
 Da mão que implora à que estrangula e que assassina.

O REI:

É triste, mas emfim que remédio lhe dar?!

OPIPARUS:

Comer, beber, dormir, jogar, caçar, dançar!  
 Festas, Senhor! Muitas e vãs, loucas e várias!  
 Não há jantar? Função. Não há pão? Luminárias.  
 A pobreza anda rôta, a canalha anda nua?  
 Girândolas ao ar e músicas na rua.  
 A fome e a dor bramem de noite, uivam nas eiras?  
 Matinadas, clarins, vivas ao rei, bandeiras.  
 Alegria! gozar! folgar! nada de luto!  
 Bombas! Salvem canhões de minuto a minuto!

O REI:

Despovoa-se tudo!

CIGANUS:

Um êkodo...

## OPIPARUS :

Senhor,  
Grande mimo de Deus para um rei caçador !  
Terra despovoada e morta, sem ninguêm,  
É terra inculta. Bem, perfeitamente bem.  
Ora uma terra inculta, (é, meu Sendor, um facto)  
Não dá vinho, nem pão, nem meloais,—dá mato.  
E o mato bravo e as brenhas virgens dão a caça  
Com mais fartura, variedade e doutra raça.  
Pelos jardins d'agora, em dez anos talvez,  
Andaremos ao lobo e ao cabrito montês.  
Olivedos, vergeis, campos, lezírias, prados  
Criarão a raposa, aninharão veados.  
E onde hoje há couves e maçãs, El-Rei, feliz,  
Galopando a primor, monteará javalis !

Trovão formidando. Um relampago livido abrasa  
as profundidades cavas do horizonte. As ár-  
vores, de súbito, aparecem nuas e hirtas, sem  
uma folha. Dos ramos, batidos do vento, pen-  
dem enforcados. Dir-se-iam esqueletos de ár-  
vores frutificando, sinistros, em esqueletos de  
gente. Nuvens de abutres pairam em volta,  
cruцитando.

## O REI :

Pavoroso !

## OPIPARUS :

Ora adeus ! nada mais natural :  
A fome trás a morte, os mortos cheiram mal,  
E o cheirete dum morto, assim dependurado,  
Para um corvo é melhor que o dum faisão trufado.

O DOIDO, *na escuridão* :

Olha as macieiras que maçãs que dão :  
Gangrena por fóra, dentro podridão!

Lavrador-cóveiro, lavrador-cóveiro,  
As maçãs escusam de ir ao madureiro...

Oh, que estranhos figos que há nos figueirais :  
Mordidos d'abutres!... Figos que dão ais!...

Lavrador-cóveiro, lavrador-cóveiro,  
Colhe-me essas beberas que já têm mau cheiro...

Se é fruta de embarque, vai pelo caminho  
Desfazer-se toda nos caixões de pinho...

Fruta de tal raça, cavador lunar,  
Só a quer a Morte para o seu jantar!...

O REI :

Dou às vezes razão ao tonto do cronista...  
Que lhe querem! não é agradável à vista,  
Por noite negra uma bandada de milhafres,  
Grasnando e devorando à maneira de cafres,  
Uma ceia de carne podre...

CIGANUS :

Que limpeza!  
Deixe-os comer... deixe-os comer... Varrem a mesa.  
Mortos e mortos na floresta à dependura,  
Um açougue... Não há cóveiro, nem há cura,  
Nem tochas, nem latim para tanta carcassa...  
Os corvos, meu senhor, enterram-nas de graça.

Admiráveis glutões, em bambocha funérea  
Liquidam numa noite a questão da miséria.  
Jantam-na. Devorado o problema. Afinal  
Restam ossos; convêm: tem fosfato de cal,  
Bom adubo...

E no entanto o país, meu Senhor,  
É uma beleza! uma beleza! encantador!  
Trinta portos ideais, um céu azul marinho,  
A melhor fruta, a melhor caça, o melhor vinho,  
Balsâmicos vergeis, serranias frondosas,  
Clima primaveral de mandriões e rosas,  
Uma beleza! Que lhe falta? Unicamente  
Oiro, vida, alegria, outro povo, outra gente:  
Deixe morrer, deixe emigrar, deixe estoirar;  
Dois boqueirões de esgôto,—o cemitério e o mar.  
Que precisamos nós? Libras! libras, dinheiro!  
Libras d'oiro a luzir! Onde as há? No estrangeiro?  
Muito bem; o remédio é claríssimo, é visto:  
Obrigiar o estrangeiro a tomar conta disto.  
Fazer desta pocilga, onde a miséria habita,  
Um paraíso por acções,—cosmopolita.  
Dar jôgo ao mundo, ao globo! uma banca tremenda!  
Calculo eu daí uns mil milhões de renda.  
O comércio, dez mil... O trânsito, sem conta...  
Cifras, Senhor, de pôr uma cabeça tonta!  
De minuto a minuto, expressos e vapores,  
Sempre a golfar carregações de jogadores,  
Montões de malas, sacos d'oiro, (libras, luíses!)  
Nuvens de cortesãs, dançarinas e actrizes,  
Equipagens, *Barnoums*, *touristes*, saltimbancos,  
Vinte raças,—mongóis, negros, mestiços, brancos,  
Um ruidoso vaivém humano que circula,  
Todo fausto, esplendor, alta luxúria e gula,  
O mylord, o nababo, a Rússia, a India, a América,  
Numa promiscuidade esplêndida e quimérica!  
E todo este país, éden de regabofe,  
Iluminado à noite a faróis Jablokoff!  
Que maravilha! que surpresa! que grandeza!

E que tesoiros nesta rica natureza,  
 Cultivando-a a primor! Em logar d'erva e searas,  
 Plantas de luxo: coisas finas, coisas caras.  
 Eu imagino, (dando os máximos descontos)  
 Que o reino lucrará uns trezentos mil contos,  
 Sómente a produzir, ao ar livre e em estufas,  
 Ananazes, faisões, ópio, champagne e trufas.

Relâmpagos e trovões. Paisagem deserta. A nau  
 fantasma, cortada a amarra, bamboleia nas on-  
 das, prestes a largar. Uma sombra disforme,  
 como de ave gigante, voa na escuridão.

O REI:

Um bacamarte! uma clavina! uma escopeta!...  
 Cheguem daí... salta depressa uma escopeta!

OPIPARUS:

Não lhe serve de nada:  
 É a bandeira do castelo. Uma rajada  
 Sem dúvida, Senhor, quebrou o mastro e leva  
 Num frangalho o pendão errante pela treva.

O navio fantasma, que levantou ferro, desaparece ao longe.

O DOIDO, *na escuridão*:

Ó nau gigante, ó nau soturna,  
 Galera trágica e nocturna,  
 Que levás, dize, no porão?...

O vento chora sôbre o mundo,  
Chora de raiva o mar profundo...  
Que levas, dize, no porão?...

A lua, aziaga e macilenta,  
Olha-te exânime e sangrenta...  
Que levas, dize, no porão?...

Asas carnívoras em bando  
Poisam nas vêrgas crucitando...  
Que levas, dize, no porão?...

Teu caverna me exala miasmas...  
Teus marinheiros são fantasmas...  
Que levas, dize, no porão?...

Teu pendão negro vai a rastros.  
São cruces negras os teus mastros...  
Que levas, dize, no porão?...

— Dentro do esquite, amortalhada,  
Levo uma pátria assassinada,  
No meu porão!...

O REI :

Este fantasma aziago irrita-me! é demais!  
Não se cala, caramba! é demais! é demais!

Abre um relâmpago o horizonte. As carcassas  
nuas dos enforcados baloioam ao vento nas  
árvores despidas. Nem viv'alma. No cerco  
dum monte erguem os piratas uma cruz des-  
comunal, manchada de sangue. Uivam os  
cães.

O REI:

Uma cruz negra além !...

CIGANUS :

Onde?... Não vejo nada...

O REI:

Uma cruz toda negra e toda ensangüentada !...

CIGANUS :

Foi decerto ilusão...

Rindo

É calvário feroz

Que espera alguém...

CIGANUS :

Nenhum de nós... nenhum de nós...  
 Poderemos dormir tranqüilos, sem receio  
 Dum calvário onde apenas haja a cruz do meio...

Uivam os cães sinistramente.

O DOIDO, *na escuridão*:

Em noite sem lua, numa nau sem leme, fui descobrir mundos,  
 Mundos pelo mar...  
 O vento sopra, o vento sopra...  
 Quanta areia negra faz turbilhonar!  
 —Mundos a voar... mundos a voar...

Por manhã doirada, galeão doirado vinha cheio d'oiro!...  
Rubins sintilantes,  
Pérolas, diamantes...  
Vinha cheio d'oiro...  
O vento sopra, o vento sopra...  
Que cinza de campas se alevanta ao ar...  
—Meu oiro a voar... meu oiro a voar...  
Castelos nas praias, galeras nas ondas, reinos d'além-mar!...  
O vento sopra, o vento sopra...  
Que bandos de nuvens!... vão-se a desmanchar!...  
Castelos... galeras... reinos d'além-mar...

Foi um sonho lindo... foi um sonho lindo...  
Como é bom sonhar!...  
Acordei sem alma... quem me encontra a alma...  
Quem ma torna a dar!  
Queimou-se o casebre... só tições escuros, só carvões escuros,  
Inda a fumegar...  
Quem ma torna a dar!  
Que bem dormiria debaixo dos muros...  
Tão quente!... debaixo das pedras do lar!  
Oh, que inverneira! oh, que inverneira!  
Crestou me o vinhedo, secou-me o pomar!  
A terra levou a... deixou-me só fragas...  
Deixou-me só fragas, para as eu calcar...  
Peguei na minha dor, botei-a às fragas,  
Não tinha mais que semear!  
O que viria, o que viria  
Da minha dor na primavera a rebentar?...  
Um tronco despido me brotou das fragas,  
(Que singular! que singular!)  
Um tronco despido,  
Sem ramos, sem fôlhas... um tronco no ar!  
Depois medrou tanto, como por encanto,  
Que andadas três luas era secular!  
E nem uma fôlha e nem um raminho,  
Onde um passarinho poisasse a cantar!...  
Um tronco no ar!

Mas de repente, de repente  
 Deitou dois braços, logo um par !  
 Braços estendidos, abertos e nus,  
 Como que a chamar . . . como que a chamar . . .  
 Mas, oh Deus ! que vejo ! uma perfeita cruz,  
 Uma cruz erguida sôbre um grande altar ! . . .  
 Minha dor nas fragas, entre uns estilhaços  
 De rochedos duros no que veio a dar ! . . .  
 . . . . .  
 Inda bem ! Ora inda bem que já no mundo há braços,  
 Para me abraçar ! . . .

O REI :

Já 'stou farto de cantochões, de ventania  
 E de agoiros ! . . . Toca a dormir, é quâsi dia . . .

Opiarus e Ciganus saiem. O Rei senta-se á meza  
 para assinar o pergaminho Olhando os retratos  
 da dinastia :

Uma palestra com vocês vinha na altura . . .

## SCENA XII

O REI, só, ao fogão, olhando o per-  
 gaminho :

Belo ! toca a assinar o papelucho e cama.  
 Vão-se os pretos ! Adeus, pretangada e moirama !

Trovão retumbante. Os cães ululam. Diante do  
 rei, varado de assombro, ergue-se de impro-  
 viso o fantasma de D. João iv. O rei quer fa-  
 lar, quer fugir, mas paralítico de medo, olhar  
 atônito, nem um gesto, nem um ai nem um  
 grito. Desfalece, caindo imóvel.

## SCENA XIII

O ESPECTRO DE D. JOÃO IV, *ar untuoso,*  
*e pusilânime :*

Tens medo de assinar? Pesa-te a assinatura?  
Firma o tratado. Firma-o de pronto e sem receio.  
Entre as hostes iguais a dúvida, no meio,  
Hesita, é bem de ver... Mas neste caso, em suma,  
Não encontra a razão hesitação alguma.  
O teu povo dum lado e o bretão do outro lado;  
Ora, entre um borrego e um leopardo esfaimado,  
Não há brio a atender, há vida a defender.  
O leopardo é o mais forte: assina... tem de ser.  
A fera vem bramindo e quer do teu jantar:  
(Chicoteia-la? Não; pode-te estrangular.  
Dividirás com ela; e tu, quietinho e manso,  
Fica à mesa comendo o resto com descanso.

Desaparece.

## SCENA XIV

O ESPECTRO DE D. AFONSO VI, *que entra alucinado, hemiplégico, azorragando, furioso, uma matilha de cães imaginária:*

Ah, marotos! ladrões!... ladrões... perros danados!...  
 Vão inda perseguir-me à tumba éstes malvados!  
 Assassinos! ladrões! Nem no sepulcro existe  
 Repouso para um morto, alívio para um triste!  
 Nem debaixo da terra emfim, víboras más,  
 Me deixais, me deixais apodrecer em paz!  
 Nem morto dormirei... coitada criatura!  
 E como o sono eterno é bom, ó noite escura!...  
 Ah, como é bom dormir... dormir... dormir... dormir!...  
 Não ter alma, não ver, não gemer, não sentir!...  
 Sem reino, sem mulher, sem irmão, sem cuidado,  
 Dormir... dormir!... Que brando leito de noivado!...  
 . . . . .  
 Mas foram-me acordar, os malditos!... Já sei...  
 O que querem de mim... Já sei... Já sei... És tu, El-Rei?  
 Foi mandado d'El-Rei... Já sei... lembro-me agora!...  
 . . . . .  
 Assina tudo... assina tudo e sem demora.  
 Tens médo de perder o trono, de o largar?  
 Ah, deixa-o ir, deixa levar, deixa roubar!...  
 Que leve trono e scetro e c'roa quem quiser...  
 Para ti... para ti... guarda os cães e a mulher.  
 Guarda a mulher... guarda a mulher! Bem conta nela!  
 Tens irmão? Tens irmão!... Pobre de ti!... cautela!...  
 Não há crer em irmãos, nem há flar em mães!  
 Que levem tudo, tudo... excepto a amante e os cães!...  
 Oh, as noite d'amor!... oh, as manhãs de caça!...

Indo a sair e parando de repente, ao ver os cães:

Tens fracos cães... Adeus... Fracas ventas... má raça!...

O DOLDO, *na escuridão*:

Quem me roubou da frente o meu diadema?...

Quem ostenta na frente o meu diadema?...

— Teu irmão!

Teu irmão!

Quem abraça a rainha no meu leito?...

Alva, loira e mimosa no meu leito?...

— Teu irmão!

Teu irmão!

Quem bate as brenhas com meus cães de caça,

Ao luzir d'alva com meus cães de caça?...

— Teu irmão!

Teu irmão!

Quem nesta campa me enterrou em vida?!...

Quem nesta campa me enterrou em vida?!...

— Teu irmão!

Teu irmão!

Ai, arranca-me os olhos por piedade!

Ai, arranca me a vida por piedade!

Irmão! irmão! irmão!!...

.....

O ESPECTRO DE D. AFONSO VI, *assomado  
ao balcão* :

Um doido enorme! além... na escuridão... além...  
Doido sou eu também... doido sou eu também...  
Pobre doido!... Infeliz... coitado! algum irmão  
Lhe roubou a mulher...

Ao rei :

Tens mulher?... Tens irmão?...

Não há crer em irmãos, nem há fiar em mães...  
Guarda a mulher...

Desaparecendo :

Oh, que estupor de cães!... oh, que estupor de cães!...

---

SCENA XV

O ESPECTRO DE D. PEDRO II, *tipo de valen-  
tão de cavalhariças, brigão de estúr-  
dias, sanguinário e crapuloso, sifilítico  
e bêbedo* :

Tu sabes escrever? Assina. Porque não?  
Ora o grande poltrão,  
Que é preciso borrar-se e andar de nágoas sujas,  
P'ra lançar no papel, conho! três garatujas!  
Mêdo de quem? Do povo? O povo com que lidas  
É cavalo velho e de manhas sabidas.  
Monta lo com temor? Adeus! cospe-te fóra.

Mas, sentindo-te firme e nos ilhais a espora,  
Cai-te em breve na mão e a preceito o governas.  
E, se escabreia, ai dele! estoira-lo entre as pernas.  
Vamos nós a saber, diz-me lá sem rodeios:  
És homem? quer dizer: — tem-los bons? — tem-los cheios?  
Meu irmão não os tinha,  
E por isso ficou sem reino e sem rainha.  
Para inimigos forca; ou antes emboscadas,  
Despachando-os de vez a tiro e a cutiladas.  
Pedem tais aventuras  
Gente rija; há mister de quadrilhas seguras:  
Mulatos, valentões, brigões, ralé feroz,  
Que te adivinhe o olhar, pronta à primeira voz.  
Tive-os duros de lei! homens sem embaraços  
Para estostrar, de frente, o diabo a clavinaços!  
À nobreza mercês e favor... mas cautela!  
Desconfia, vigia... e reparte com ela.  
Emfim, guarda bem paga, álferta e satisfeita,  
E atrás de cada muro um cão de lóbo à espreita.  
E nada mais, e nada mais! gozar, gozar  
À vontade e sem medo, até Deus te levar:  
Correr toiros, domar corceis, adestrar fôrças,  
Batidas pelo monte ao javali e às corças,  
Mesa opulenta, vinho antigo, cama vasta,  
E fêmeas boas e a granel, de toda a casta!  
Mulherio de truz, às dúzias, sejam elas  
Freiras ou barregãs, com marido ou donzelas.  
E agora, adeus. Assina. Os ingleses, que diabo!  
É quem nos vai guardando os fagotes, e ao cabo,  
A trôco duns sertões com negros de má raça,  
Meroam-nos inda a pinga e vestem-nos de graça!

Desaparece.

O DOIDO, na escuridão:

Era a rainha uma sereia,  
Corpo de neve... Ameia-a e desejei-a.

Meu irmão era o rei; sem dor e sem abalo,  
Mandei matá-lo.  
Arranquei-lhe do peito o coração :  
Batia ainda por ela... Dei-o a um cão.  
E fomos para a igreja iluminada  
Eu, meu irmão e a minha amada.  
Nós a casar,  
Ele a enterrar.  
Quem me casou a mim  
Disse-lhe a êle o último latim.  
A sepultura  
Tinha quarenta braças de fundura.  
Despenhado o caixão, entulhou-se o coval  
De pedra e cal.  
Boas noites, irmão!...  
Boas noites, irmão!...  
E fui-me alegremente, oh, que ventura a minha!  
A noivar co'a rainha.  
Deitamo nos na cama, apagámos a luz,  
E ao irmos enlaçar, furiosos e nus,  
Como doidás serpentes,  
Os desejos ardentes  
Abraçámos, horror! na escuridão,  
Entre nós dois, amortalhado e morto, meu irmão!  
Meu irmão! meu irmão!... Era êle... apalpei-o...  
Lá estava escancarada a facada no seio...  
Meti-lhe dentro a mão...  
Não achei coração...  
Era êle! era êle! era êle!  
Cuidei em no matar, sem me lembrar  
Que já morrera!... Louca, a rainha tremia...  
Quís atirá-lo ao chão... era de bronze! era de bronze, não podia.  
Quisemos-nos erguer, fugir, fugir!... e de repente  
Quedamos-nos os dois paralyticamente,  
Ali imóveis, sem um gesto, sem um grito,  
De sentinela toda a noite ao cadáver maldito!...  
Oh, noite imensa!  
Oh, noite imensa!

Oh, noite imensa!  
Que eternidade!... Enfim, desmaiada e gelada,  
Eis a alvorada!  
Erguemo-nos do leito...  
E o morto, aconchegando o sudário no peito,  
Cravou em nós, indo se embora,  
Aquele olhar nocturno e triste que apavora!...  
Fitamo-nos então os dois amantes:  
Oh, que semblantes!  
Nosso cabelo em desalinho,  
Alvo de arminho,  
Acusava dez séculos de dor!  
Brando leito d'amor!... brando leito d'amor!...  
Todas as noites depois dessa, todas, todas,  
Vem meu irmão às minhas bodas!  
Deita-se entre nós dois amortalhado  
Até ser dia... Que noivado!... oh, que noivado!...  
. . . . .  
Não te quero ver mais, ó meu algoz, ó meu espectro!  
Leva a rainha... leva a c'roa... leva o scetro...  
Leva-me tudo e deixa-me dormir,  
Dormir em paz!... dormir! dormir! dormir! dormir!...

## SCENA XVI

O ESPECTRO DE D. JOAO V, *velho, asqueroso, idiota, meio paralítico. Tartamudeia desconhecadamente, embrulha a ladainha com a Martinhada, engole uma hostia santa, depois uma pastilha afrodisiaca, geme, chora, dá um arrôto, baba-se e desaparece.*

O DOIDO, *na escuridão:*

Mora num convento, com duzentas freiras,  
 Um bode doirado, chamado Sultão:  
 São môças as monjas, loiras ou trigueiras,  
 E o bode frascário como um garanhão.  
 Ao dar meia noite, com fúria insensata,  
 Na tórre da igreja dobra o carrilhão;  
 Martelam nos sinos badalos de prata,  
 De estranha, de horrivel configuração!...  
 Milheiros de luzes, brandões macerados  
 Tremulam no templo... que imenso clarão!  
 Faíscam diamantes, lampejam brocados,  
 Incenso da Arábia vòa em turbilhão!  
 Os santos e as santas, alfaias e altares,  
 É tudo oiro virgem, que sintilação!  
 Crepitando fogos de gemas solares,  
 Topásios da Pérsia, rubins do Indostão.  
 Debaxo dum pálio de lhama purpúrea  
 Levanta-se um leito rútilo e pagão:  
 O leito do bode, Senhor da Luxúria,  
 Com mais pedrarias que o de Salomão,  
 Já o órgão rebôa, frementes e nuas,  
 As duzentas monjas vêm em procissão...  
 Os olhos de chama, os peitos de luas,  
 Rezando palavras de abominação!...

Mitra coruscando, sêdas fulgurosas.  
A cruz sôbre o peito, báculo na mão,  
Conduz a teoria das monjas ansiosas,  
Um bispo castrado, que é seu guardião.  
O bode rebrame no leito de pluma...  
Acercam-se as freiras... e o bispo capão  
Entrega-as ao bode, dá-lhas uma a uma,  
Com ar de respeito, com veneração...  
Depois do execrando, bruto cevadoiro,  
O bode, desfeito de devassidão,  
Toma um semicúpio numa concha d'oiro,  
Em água benzida pelo capelão.  
E, sinos calados, extintas as luzes,  
Entregues as freiras ao seu guardião,  
Persigna-se o bode, fazendo três cruzes,  
E em paz adormece como bom cristão.  
E ao cabo duns meses, final de tais contos,  
As monjas nas celas, com toda a razão,  
Parem arcebispos, mitrados e prontos,  
Exemplo mui alto de gran devoção!...

---

## SCENA XVII

O ESPECTRO DE D. JOSÉ, *que vem de manso, desconfiado, olhando à volta, como temendo o quer que seja. Depois, baixinho, ao ouvido do rei:*

O marquês não está?... Vê lá... Guardas segrêdo?  
Então assina... Adeus... pode vir... tenho mêdo!...

Desaparece.

O DOIDO, *na escuridão* :

Diz o rei à amante: « Vem para os meus braços! »

—Ardem nos teus braços nódoas do meu sangue!...

« Vem para os meus braços, dorme no meu peito... »

—Ardem no teu peito nódoas do meu sangue!...

« Dorme no meu peito, junto dos meus lábios... »

—Ardem nos teus lábios nódoas do meu sangue!...

« Oh, que ideias loucas, meu amor doirado!... »

« Fui à caça aos lobos, venho ensangüentado. »

Deitam-se na cama... Longe, ao pé do mar,

Centos de martelos, truz! a martelar!...

—Ai, levantam forcas!... Pesadelo horrendo!...

« Um bergantim d'oiro que te estão fazendo... »

Beija o rei a amante com lascivo ardor...

Vem da noite funda gritos de estertor...

—Matam-me os parentes!... bem lhes oiço os ais!...—

« São as rôlas, filha, pelos pinheirais... »

Beijam-se um ao outro, presos por abraços,

Sente-se nas trevas um mover de passos,

E entram degolados, arquejando arrancos,

Três fantasmas, vêde-os! com sudários brancos!...

## SCENA XVIII

O ESPECTRO DE D. MARIA I, *louca, furiosa,*  
*delirando:*

Meu pai!... meu pai!... meu pai!... meu pai!...  
Castigo eterno, chamas do inferno!...  
Meu pai!... meu pai!...  
Olha os diabos... olha os diabos...  
Coriscos os cornos, serpentes os rabos!...  
Ui! o marquês!... ui! o marquês!...  
Num caldeirão em brasa, a derreter em chumbo, a ferver em pez!  
Vão-me coser! já estou a arder! já estou a arder!...  
Kyrie Eleyson Kyrie Eleyson! Kyrie Eleyson!  
Miserere nobis! ora pro nobis!  
Jesus! Jesus! Jesus! Jesus!  
Levem a purga!... levem a seringa!... não me quero purgar!  
Não me quero purgar... não tenho ventre... sou feita de ar..  
D. Rosa! D. Rosa! ó D. Rosa!!...  
Acode depressa! anda depressa, que me deitam ao mar!..

Desaparece.

O DOIDO, *na escuridão:*

Satanás, zombando, fez um rei de espadas,  
Fez um rei de espadas com um cão tinhoso;  
Com o cão tinhoso fez um sapo coxo;  
Com o sapo coxo fez um porco bravo;  
Com o porco bravo fez um bode d'oiro;  
Com o bode d'oiro fez um corvo negro;  
Com o corvo negro uma galinha doida...  
Ko-ko-ro-có! Ka-ka-ra-cá?!...  
A galinha doida que é que parirá?!...

## SCENA XIX

O ESPECTRO DE D. JOAO VI:

Toca a sentar! deixa sentar esta carcassa,  
 Já roída do bicho e delida da traça!  
 Comer ou não comer, eis a eterna questão.  
 Mas comer com descanso e com satisfação.  
 Comer em paz; sem um remorso e sem fadigas.  
 Nada de inquietações mortais, nada de brigas!  
 Temor a Deus, mesa de abade, cama quente  
 E rir a gente!  
 Eu fui um infeliz como não há segundo,  
 Um malaventurado aos tombos pelo mundo!  
 A mulher uma cabra; os filhos um veneno;  
 Sustos; o hemorroidal, vê lá, desde pequeno!  
 E não parar! sempre em bolandas, sempre à tóa...  
 Que vida! E como a vida, apesar disso, é boa!  
 Oh, cantochões em Mafra!... oh, merendas no Alfeite!...  
 Oh, séstas de Queluz em Junho!... Que deleite!...  
 Manda ao demónio a guerra, a mulher e os cuidados!  
 Enfardela-me aí cem milhões de cruzados  
 Em peças d'oiro, assina o que tens de assinar,  
 Veste o capote, leva a c'roa e põe-te a andar!  
 Deixa os ingleses... Fracas bêstas!... raça vil!...  
 Muda-te p'ró Brasil... Muda-te p'ró Brasil!  
 Fruta maravilhosa e súbditos leais...  
 Eu, no teu caso, até não voltava cá mais.  
 E o povo, adeus!... que se governe... emfim, paciência...  
 E cá lhe fica, que mais quer? a Providência!...  
 . . . . .

Desaparece.

## O DOIDO, na escuridão:

Que noite escura! Que noite escura!  
Bramem as ondas cavernosas...  
A grande armada vai largar...  
Oh, a armada do rei!... oh, as naus pavorosas  
Na escuridão, turbilhonando, a baloiçar!...  
São esquifes mortuários,  
São féretros com velas de sudários,  
Tumbas negras nas ondas a boiar!...  
Ai que gemidos, que alaridos  
De multidões na praia, olhando o mar!...  
Lá vem o rei... Lá vem a côrte... e luzes, luzes  
De brandões, de tocheiros a sangrar...  
Vai a embarcar?... vai a enterrar?... Não trazem cruces,  
Nem há sinos por mortos a dobrar...  
Oh, a lúgubre, estranha comitiva  
A bandada de espectros singular!...  
É gente morta?... é gente viva?...  
Procissões de defuntos a marchar!...  
Cortesãos, cavaleiros e soldados,  
Tudo esqueletos descarnados,  
Olhos de treva e crânios de luar!...  
Ladeiam côches fúnebres doirados...  
São os côches d'El-Rei... vai a enterrar?...  
Lá se apeiam as damas das liteiras...  
Gestos de manequins, rir de caveiras...  
Fitas e plumas sôltas pelo ar...  
Olha a rainha, vem em braços, morta e doida.  
Morta e doida a clamar que a vão matar!...  
E o rei!... olhem o rei!... que rei de entrudo!...  
A obesidade em manto de veludo  
A fugir, a tremer, a cambalear...  
.....  
Lá vão as naus... lá vai o rei com seus tesoiros...  
E lá ficam na praia, como agoiros,  
As multidões soturnas a ulular!...

.....  
 .....  
 Olha uma águia rubra, uma águia bifronte,  
 Incendiando o horizonte,  
 A voar, a voar, a voar!...  
 Ai dos rebanhos!... ai dos rebanhos!...  
 Águia de exterminios, onde irás poisar?!

## SCENA XX

### O ESPECTRO DE D. MARIA II

Inclina um rei perante um rei (somos iguais)  
 A realeza. Perante um vassalo, jãmais!  
 O monarca ao monarca (é irmão com irmão)  
 Dobra o orgulho sem infâmia: o rei ao povo, não!  
 Assina, e já! Príncipe vil, que se amedronte,  
 Usa, mas sem direito, um diadema na frente.  
 Povo em rebelião, não é povo, é canalha,  
 Beija-te os pés? — indulto. Ergue o braço? — metralha.  
 Faltam soldados e clavinhas? Pouco importa:  
 El-Rei de Espanha os mandará; tem-os à porta

Desaparcece.

O DOIDO, *na escuridão*:

Tremia a rainha de me ouvir cantar...  
 Oh, loucura minha, desventura minha!  
 Cantigas são asas, fazem-nos voar...  
 Mandou-me prender, mandou-me espancar.

E eu desatei a rir, eu desatei a rir,  
E três dias cantei com mais três noites a seguir!...

Não dormia a rainha de me ouvir cantar...  
Oh, loucura minha, desventura minha!  
Cantigas são graças para não chorar...  
Mandou-me prender, mandou-me espancar.

Chegaram as tropas e eu, desarmado,  
Zás! desbaratei-as com o meu cajado!

E pus-me a cantar! e pus-me a cantar!

Furiosa, a rainha disse então ao rei:  
«Emquanto o não prendam não descansarei.  
«Com teus cavaleiros vai-mo tu buscar,  
«Traz-mo aqui de rastros para me vingar.»

Veio o rei à frente dum grande estadão,  
Zás! desbaratei-o com o meu bordão!  
É de temer, é de temer  
Um doido varrido com um pau na mão!...

E sempre a cantar! e sempre a cantar!

Então a rainha, vileza traiçoeira!  
Chamou inimigos d'além da fronteira...  
E tantos! e tantos!... Que havia de eu fazer?...  
Quebrei de raiva o meu bordão e deixei-me prender...

Levado de rastros aos pés da rainha,  
Cuspiu-me na cara!

Oh, vergonha minha! por fortuna minha,  
 Melhor me matara!... melhor me matara!...  
 O gôsto que teve dourou-lhe bem pouco...  
 Foi ela que morreu!... foi ela que morreu!...  
 Vi-a passar já no caixão, ia a enterrar...  
 E sabeis o que eu fiz? (o que é ser louco!... o que é ser louco...)  
 Desatei a chorar!...

## SCENA XXI

O ESPECTRO DE D. LUÍS:

Que remédio, meu filho! assina tudo... assina tudo...  
 Glória, Pátria, Dever,  
 Bom de dizer!  
 Assina tudo e vai andando... vai andando...  
 Do mister de reinar, que Deus te deu em sorte,  
 Faz, como eu fiz, modo de vida e não de morte.  
 E a vida é boa!  
 A alegria do sangue, os regalos da C'roa,  
 A mulher, o charuto, o livro, o leito, a mesa,  
 Lista civil, paz e descanso... Com franqueza,  
 A vida é boa, e vale a pena de a gozar,  
 Como néctar precioso e raro,—devagar!  
 Com um pouco de astúcia, um pouco de bondade,  
 Covardia risonha e indolência de frade,  
 Conseguirás viver alegríssimamente  
 Até ser posto de escabeche em S. Vicente.  
 E, se o destino te arrancar o scetro, vai-te embora  
 Filosoficamente, sem demora,  
 Dedicando no exílio uns ócios eruditos  
 A traduzir em português os meus escritos...

Vai a sair e retrocede.

É verdade, Pedro faltou... faltou... não veio...  
Pedro! meu pobre irmão! Acordei-o, chamei-o,  
Quis levantar-se, ergueu a fronte, abriu o olhar,  
Exalou um suspiro... e tombou a chorar!...

Desaparece.

O DOIDO, *na escuridão* :

O reino é podre... o rei é podre...  
Oh, que mau ar! oh, que mau ar!  
Quando a planta aprobece, a podridão  
Germina em margaridas pelo chão...  
Quando apodrece a carne, a sepultura  
Touca-se de verdura...  
Lepras e pus, chagas e cancos  
Dão jasmineiros, dão lírios brancos...  
Mas do reino e do rei apodrecido,  
Oh, que mau ar! oh, que mau ar!... que tem nascido?  
Mais podridões a fermentar,  
Envenenando a terra, envenenando o ar.  
A gente morreu toda envenenada...  
É côr de sangue a lua, é de crepe a alvorada!...  
Desfolharam-se os bosques pelos montes,  
Há nas rochas gangrena, há peçonha nas fontes!  
Destruíram-se os ninhos  
E emigraram, chorando, os passarinhos!  
Vivo, só eu fiquei neste monturo  
De lôdo escuro!  
O reino é podre... o rei é podre... tudo é podre...  
Oh, que mau ar! oh, que mau ar!...

O REI, *volvendo a si, atônito e de-  
sordenado* :

Olho e custa-me a crer!... tonto!... a cabeça vária,  
Á roda... Já nem sei... Que noite extraordinária!...

Que noite!... aparições, visões, trovões, um pandemônio  
De inferneiras, de bruxarias do demónio...  
Quem me dera dormir!...

Vendo o pergaminho, e pegando na pena:

Assinemos de vez

Assinando e chamando:

Marquês!

Aterrado, em altos gritos:

Marquês! marquês! marquês!  
Raios os partam! ninguém ouve... tudo dorme!...  
Sózinho!!...

O DOIDO, *na escuridão*:

Oh, que mau ar!... oh, que mau ar!...

Surge o espectro de Nunalvares, vestido de monge carmelita. O rei desfalece de novo. Os cães investem, mas, diante do olhar sôbre-humano do condestável, recuam trémulos, como obedecendo a um fluido mágico.

O ESPECTRO DE NUNALVARES:

Por teus avós chamaste. Um falta ainda,  
Falta a raiz da árvore de morte,  
Que em ti, parece exausta já e finda.

Oh, miseranda, lastimosa sorte,  
A dêste coração desbaratado,  
Que outrora se julgou tão puro e forte!

Deu com êle a gangrêna do pecado,  
Qual um bicho escondido que apodrece  
Um deleitoso fruto embalsamado.

Nada valem tenções, nem vale a prece:  
É das obras que vem à criatura  
O galardão e a pena que merece.

Não acuso de ingrata a sorte dura;  
Volvo-me contra mim unicamente  
Em meu desassossêgo e má ventura.

Tomanino inda eu era, inda inocente,  
Alma cândida e pura, como a rosa  
Aberta junto d'água ao sol nascente

Quando uma noite uma visão formosa  
Me aparece e me diz com voz divina,  
Ao mesmo tempo clara e misteriosa:

«Li numa estrêla d'oiro a vária sina  
Que a esforçadas, magnânimas empresas  
E a feitos não obrados te destina.

«Mas que valem altíssimas grandezas,  
Mas que valem as pompas e as vitórias,  
Se a mundano desejo andarem presas?!

«Só da fé, só do bem quedam memórias;  
Tudo o mais é poeira, um vão ruído,  
Uns tumultos de sombras ilusórias...

«Cavaleiroso coração ardido  
A grande termo levará seus feitos,  
Quando ponha em Jesus alma e sentido.

«Melhor que duro arnez, defendem peitos  
Virtude adamantina e graça clara,  
Com que Deus abroquelou os seus eleitos.

«Sê casto como a luz beijando a seara,  
Firme qual entre as ondas o rochedo,  
Manso como ovelhinha em pedra d'ara.

«E, como o sol d'Abril veste o arvoredado,  
D'armas resplandecentes vestirás  
O teu corpo d'herói, viçoso e ledado.

«Só pela Pátria e Deus batalharás.  
De tua larga mão caíam na terra,  
Num gesto grande a beatitude e a paz.

«Seja neve dos píncaros da serra  
Teu limpo coração, bondoso e humano.  
Quer na tranqüillidade, quer na guerra.

«A tirania ao fim pune o tirano.  
Contra o injusto volta-se a injustiça,  
E a maldade é aos maus que faz o dano.

«Arreda para longe ódio e cubiça;  
Contra fero inimigo um bravo alento,  
Contra amargura e dor alma submissa.

«Viva dentro da carne o pensamento,  
Na pureza da virgem confinada  
Dentro da cela branca dum convento.

«E a carne exultará transfigurada,  
Qual a nuvem escura em céu ligeiro,  
Em lhe batendo a luz da madrugada.

«De tal guisa, vencendo-te primeiro,  
A todos vencerás como um leão,  
Formidável e nobre cavaleiro.

«E de Cristo e da Pátria em defesa  
Brilhará tua lança como um raio,  
Mandarás tua voz como um trovão!»

Assim falou (se me abalou julgai-o!)  
A graciosa visão, que se desfez  
Pouco a pouco em suavíssimo desmaio.

Donzel eu era já, quando outra vez  
As mesmas falas ela, de improviso,  
Me repete co'a mesma candidez.

Todo cheio de lágrimas e riso,  
Num enlevo quedei, numa ansiedade,  
Mais que da terra já, do paraíso.

E à celeste, benéfica deidade  
Jurei suas razões maravilhosas  
Puramente cumprir e de vontade.

Jurei que nunca minhas mãos culposas  
Mulher manceba haviam de tocar,  
Feita que fôra de luar e rosas.

Jurei, unido em Cristo à luz do altar,  
Pôr batalha de morte a meus desejos  
E meus vícios da carne assossegar.

Anos do mundo, breves ou sobejos,  
Fadigações da vida tão mesquinha,  
Com seus ais, com seu pranto, com seus beijos,

Tudo votei sem pena e bem asinha  
Á cruz do Redentor e à cruz da espada.  
Ao meu Deus verdadeiro e à pátria minha,

Jurando guardar sempre, e bem guardada,  
Õa alma pura em natureza pura,  
Qual em âmbula d'oiro hóstia sagrada.

Ai, de mim! ai, de mim! faltei à jura!  
Ai, de mim! ai, de mim! porque uma peste  
Logo te não queimou, língua perjura?!

Ah, donosa visão, visão celeste,  
Bem devera de ter descortinado  
Naquelas altas falas que me deste,

Que eu, em vício d'amor sendo gerado,  
Remiria na carne aborrecida  
Pela grã penitência o grã pecado.

Madre senhora! ó madre estremecida!  
Antes ficaras tu noiva e donzela,  
E eu não abrisse o olhar à luz e à vida!

Ó padre carinhoso! ó madre bela!  
Vossa culpa caíu no vosso fruto,  
E, com a culpa amarga, o nojo dela!

Queixa não hei de vós; a mim imputo  
Lástima e dano, que me só provêm  
Dêste bichoso coração corrupto.

Por vós criado fui, como ninguém ;  
Vós me guiastes com suave geito,  
Desde menino a alma para o bem.

Remidor dum pecado eu fôra eleito ;  
Assim mo disse a cândida visão,  
E mo escreveu com lágrimas no peito.

Quando tu, padre meu, alto varão,  
Mulher me cometeste, logo ansioso  
Se me gastou, nublado, o coração.

E toda a noite o arcanjo luminoso  
Repetindo : Não deixes, filho meu,  
Glória celestial por triste gôzo !

E a miséria da carne me venceu !  
Ó padres ! perdoai, chorai comigo,  
Que o vosso algoz tirânico fui eu !

Eis aqui vosso algoz, vosso inimigo ;  
Por mim no purgatório estais sofrendo,  
E eu soffro, além do meu, vosso castigo.

Oh, destino cruel ! oh, caso horrendo !  
A livrar-vos da falta me hei proposto,  
E sou o Judas negro que vos vendo !

Nem pára aqui meu transe e meu desgôsto.  
Como de olhar-me, ó sol deslumbrador,  
Não se te muda em noite a côr do rosto ?

Como não gelas, dize, de pavor,  
Vendo que em fraco peito miserável  
Cabe tromenta assim de nojo e dôr ? !

Ó terra triste! ó céu inexorável!  
Que ventre de mulher pariu um dia  
Desaventura a esta assemelhável?!

Nobres guerras armei, como cumpria,  
D'ânimo afoito a rudes castelhanos,  
Desbaratando-os Deus por minha via.

Contra seu vão furor, contra seus danos,  
Batalhei desde a alva alegradora,  
Ao derribado ocaso dos meus anos.

Sangue de irmãos verti... Vertido fôra  
Novamente mil vezes, sem piedade,  
Que alma não é de irmão alma traidora.

Pátria minha gostosa, que não há-de,  
Em risonho sabor, vida e fortuna  
Dar por teu livramento e magestade!

Como a de fogo altíssima coluna  
Vai do povo de Deus na dianteira,  
Afirm que se não perca ou se desuna,

Tal na frente dos hostes, sobranceira,  
Contra duro inimigo acovardado,  
Tremeu sempre no ar minha bandeira.

É que nela Jesus ia pregado,  
Jesus, rei das estrélas, rei do mundo,  
Meu capitão fermoso e sublimado.

Ordenara porém, o céu profundo,  
Que em tal cometimento era mister  
Carne sem nódoa e coração jucundo.

E estas mãos (ai do feito em que as puser!)  
Tocado haviam já, tornadas lama,  
Com vil desejo, em corpo de mulher.

Fôsse a Virgem celeste a minha dama,  
Se, como Galaaz, herói invito,  
Alcançar me propunha honrada fama.

Deus castigou-me o coração maldito :  
Pois que sôbre êle vem pesando  
O carrêgo mortal do meu delito.

Ó cidadela da pureza, quando  
Um vício te faz brecha, sem tardança,  
Prestes os mais acodem galopando.

Em minha carne, um dia honesta e mansa,  
Por onde entrou luxúria malfazeja,  
Entrou ira e soberba, entrou vingança.

Inda meu sangue o peito lagrimeja  
Da boa e má tenção, que, desvairadas,  
Armaram nele horrífica peleja.

Oh, pelejas da alma encarniçadas!  
São as outras uns jogos inocentes,  
Com o furor das tuas comparadas.

Anjos d'asas de luz resplandecentes,  
Séculos dia e noite a batalhar  
Com demônios, com tigres, com serpentes!

Ah, nem ousa de espanto lembrar  
Essa guerra feroz, que já não arde,  
Entre meu crime duro e meu pezar . . .

Tão animoso, nela fui covarde;  
Tão vencedor, a miúdo fui vencido,  
E a vitória, se a hei, me chegou tarde.

Uma noite em que mais me vi perdido,  
Com afincada raiva e crua sanha  
Dos demónios ardentes combatido.

A visão me ressurgue em forma estranha,  
E em tão grande e mortal melancolia,  
Que nunca em mim a houve assim tamanha.

Um longo véu de dó ela vestia,  
Numa tal soledade e desconforto,  
Que a disséreis a Virgem na Agonia.

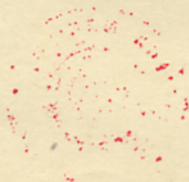
Meiga, sem me falar, o olhar absorto  
Pousou em mim então, como se fôsse  
Ūa madre encarando um filho morto.

No seio me verteu, divina e doce,  
Lágrima d'oiro, e, com suspiro etéreo,  
Silenciosa esmaiando, evaporou-sé.

O' lágrima de dôr, por que mistério  
Súbitamente ao ânimo torvado  
Me deste paz, clareza e refrigério?...

Todo eu me senti purificado:  
Num ditoso sofrer o meu tromento,  
Numa pena bemvinda o meu cuidado...

Tal o mísero rei, que vai sangrento  
De perda batalha, alfim se lança  
Em ditoso e profundo acostamento.



Descobrirá que a dôr é irmã da esp'rança;  
E que ao alto perdão, no azul divino,  
Só a humildade, a rastros, se abalança.

Já liberto de espírito malino,  
Com as veras palavras de Jesus  
Assentei de acordar o meu destino.

De mundanários bens fácil dispuz;  
Que só virtude é oiro, e a mór grandeza  
Da terra são três pregos numa cruz.

Dentro de mim, numa fogueira acesa,  
Queimei glória e valor: não ficou nada  
Mais que melancolia, e que tristeza.

Parti a lança; pendurei a espada;  
Com bordão de pastor ou de ceguinho,  
Bem andamos de noite esta jornada.

Fama grande do mundo tão mesquinho,  
Dando às trombetas com ardor, não vôa,  
Onde vôa, cantando, um passarinho.

E onde há, ó meu Jesus, se a dor te crôa,  
Se é teu vestido sangue e o vinho fel,  
Pena digna de nós, que bem nos dôa?!

Sem escudo, sem cota, sem laudel,  
Minha triste nudez arrecollida  
Numa samarra triste de burel,

Determinei findar miséria e vida  
Lá em partes inóspitas, distantes,  
Entre gente comum desconhecida.



Estes olhos, que arderam relumbrantes,  
Verteriam de dor sangue coalhado,  
Qual os olhos de Job verteram d'antes.

Estes pés, que no vício hão caminhado,  
Manariam gangrêna, já desfeitos,  
Como os pés de Jesus Crucificado.

Estes braços, altivos de seus feitos,  
De logar em logar, côdeas de pão  
Buscariam, rendidos e sujeitos.

E esta abatida alma de cristão,  
No cárcere da carne prisioneira,  
Á mingoa mór, à mór tribulação,

Gostosa sorriria e prazenteira,  
Qual o bom lavrador, em vélha idade,  
Sorri festivamente ao pão na eira.

E, já em Deus o espirito e a vontade,  
Me acolheria às solidões dum ermó,  
Na derradeira angústia e ponquidade.

Lá houvera afinal benigno termo,  
Se, em tão grande, humildosa desventura,  
Prouvera a meu Jesus de conceder-mo.

D'El-Rei me veio o embargo; e na clausura  
D'A que, chorando estrêlas, nos conforta,  
Em silêncio, escondi minha amargura.

Vida do mundo, junto dessa porta,  
Com o rouco fragor que tudo abala,  
Aos pés, em sombra vã, me caiu morta.



Dir-se-ia que o mar perdera a fala,  
E a terra se volvera em nuvensinha,  
Bastando um ai de dôr a evaporá-la.

Já diversa era ali a pátria minha;  
Que o trono do meu rei era uma cruz,  
E o chão, banhado em sangue, o da rainha.

Ó Rainha da Angústia! ó Rei Jesus!  
Venha a nós êsse império onde reinais,  
Todo amor, todo esp'rança e todo luz!

Venham a nosso peito os vossos ais!  
A nossas mãos, ó Cristo, os vossos cravos!  
Maria, à nossa alma os teus punhais!

Venham a nós as chagas, que são favos!  
Venham tua agonia e teu madeiro,  
A nós, ó Rei do Céu, a teus escravos!

Dias de soledade e de mosteiro  
Eu os vivi, na temerosa esp'rança  
Da alva do meu dia derradeiro.

Esta dôr, que abrandou, que se fez mansa,  
Ali chorou aos ais, como perdida  
Num deserto, de noite, uma criança.

E oh, alívio da sua alma arrependida!  
Quanto mais afincado era o tromento,  
Mais nos ombros ligeira a cruz da vida!

Como no ar o vento sôbre o vento,  
Como no mar a vaga sôbre a vaga,  
Só na dôr tem a dôr sossegamento.

E com a fôlha nua duma adaga  
Todo eu me prazia em revolvê-la  
Dentro do coração a hedionda chaga!

Qual as tuas, Jesus, quisera eu vê-la  
De purpurina abrir-se numa rosa,  
De inflamada acender-se numa estrêla.

Toda imunda, porém, toda verdosa,  
Só matéria escorria peçonhenta,  
Só gangrêna letal, cadaverosa.

E eu a escarnava com a mão cruenta,  
E eu lhe metia, para não sarar,  
Carvões a arder na bôca pestilenta.

Mas a Virgem tristíssima, a chorar,  
Lhe derramava, bálsamo divino,  
O luminoso perdão daquele olhar.

Era assim, irmãmente cristalino,  
O da visão angélica e suave,  
Que amistosa me foi desde menino.

E, a tão cândida luz, meu pezar grave  
Ia alvorando, como rocha bruta,  
Que pouco a pouco se fizesse em ave.

Já da úlcera ardente, quási enxuta,  
Manava um soro apenas, filho ainda,  
De podridão tão negra e tão corrupta.

Hora do livramento, hora bemvinda,  
Uma noite, em um sonho d'esplendor,  
Ma predizeu, chorando, a Virgem linda.

E, abraçando e beijando o Redentor,  
Sem angústia enfadosa, sem quexume,  
Dei a alma nas mãos do Criador.

Esbulhada de vício e de azedume,  
Às regiões celestes foi voando,  
Como pálida luz solta do lume.

Numa névoa, a boiar, ficou sonhando :  
Sonho de dôr feliz, dôr sem memória,  
Névoa d'ante-manhã que vem raiando.

Não era ainda ali perpétua glória :  
Mas falecera já da vida ausente  
A lembrança amarga e merencórea.

Sono d'alma levíssimo, inocente,  
Em músicas de estrêlas embalado.  
Quem o dormir pudera eternamente !

E um véu de lua cheia, engrinaldado,  
A Virgem desdobrou, em ar divino,  
Sôbre a encantada paz do meu cuidado.

Era uma graça, um bem que eu não defino ...  
Jucundo enlévo ... candidez airosa ...  
Num presepe, a sonhar, feito menino ...

E uma luzinha ao longe, misteriosa,  
Cantando-me as canções que me cantava  
Minha madre no berço, em Frol da Rosa ...

Oh, descuidado alívio ! ... não cuidava  
Que das culpas do mundo temeroso  
Esta essência revel jazia escrava.

Deus a espertou do sono deleitoso,  
E, por mais a punir, inda um momento  
A banhou, ao de leve, em claro gôzo.

Só as estrêlas, só o firmamento  
Recontar poderiam, se quisessem,  
Meu desvaio, meu nojo e meu tromento !

Convinháveis palavras me falecem,  
As que as bôcas dos homens deitam fóra  
Tribulações daquelas não conhecem.

Lá d'alta estância donde venho agora,  
Lá donde o Eterno me elegeu pousada,  
Duzentos anos grandes, hora a hora,

Vi eu, alma em tromento, alma calada,  
Minha pátria, a meu sangue redimida,  
Por meu sangue afinal desbaratada !

Por sangue do meu sangue foi traída ;  
Eu que alentos lhe dei, lhe dei nobreza  
Ao cabo lhe arranquei nobreza e vida !

Os filhos dos meus filhos, oh, triteza !  
A danaram com raiva tão medonha,  
Que nem lóbos a hão contra uma presa.

Descendentes da míngua e da vergonha,  
Réprobos eram, pois é justa a lei  
Que do câncaro mau cria a peçonha.

Feze-os a sina herdeiros do meu rei,  
Por que um a um no trono dessem conta  
Dêste perdido reino, que eu livreí.

E eu lá daquela altura que amedronta,  
Sem poder abalar, correr asinha,  
Vingar com mão sanhosa a dura afronta!

Em vão, oh, dôr cruel! oh, dôr mesquinha!  
Alevantava súplicas piedosas,  
À dos anjos tristíssima Rainha!

Ela vertia lágrimas fermosas...  
E nasciam estrélas como flores,  
Canteiros de boninas e de rosas...

Porê, Deus era surdo a meus clamores!  
Mais pesavam meus crimes na balança,  
Que os teus olhos de luz, ó Mãe das Dores!

Tal um peito rasgado duma lança,  
Que em torvação eterna agonizara,  
Sem alívio, sem morte e sem esp'rança!

Ó filha! ó anjo pulcro! ó alva clara!  
Antes em leda e tenra meninice  
Uma víbora má te envenenara!

Antes bôca de monstro te engulisse,  
E daquele êrro o fruto miserando  
Teu ventre criador nunca o parisse!

Vozes tais eu gemia, senão quando  
Oiço como o ruir d'ũa montanha,  
Como um trovão de súbito estoirando!

Deus arrasara a nobre flor da Espanha!  
Nem a Virgem do Carmo em seu mosteiro  
O defendeu de cólera tamanha!

Virgem do Carmo! vê-la num braseiro,  
Misturada com pedras e destroços,  
Vê-la eu! seu algoz, e seu côveiro!!...

A igreja, que por môr dos olhos vossos  
Alevantei, ó Virgem da Piedade,  
Minha infâmia a ruíu contra os meus ossos!

Grito d'alma naquela imensidade  
Tão agudo expedi súpitamente,  
Que fez branca de dôr a Eternidade!

Assim horrenda, assim diretamente,  
Em quejanda e cruel desventura  
Não foi posto no orbe um ser vivente!

Já dois séculos idos de amargura,  
Acreditei que emfim o Criador  
Houvera dó da triste criatura:

Do meu sangue de lástima e de horror  
Cavaleiroso príncipe foi nado,  
Qual nasce duma campá ebúrnea flor.

Ah, o nobre donzel, d'olhar fadado,  
A imagem de mim mesmo era talvez,  
Qual isento do vício e do pecado.

Risonha aurora em noite se desfez...  
Breve expirou, qual expiraram breve  
Dentro em mim a virtude e a candidez.

Não perdôa o Eterno a quem lhe deve:  
De culpa grande a ofensa lhe devia,  
E o castigo aturado, o julgou leve.

Minha dôr empenosa acabaria  
Com teu acabamento e sorte infanda,  
O triste rei de infanda dinastia.

Criatura aziaga e miseranda!  
Ó vítima final! já na procela  
Descubro o raio, a arder, que Deus te manda:

E a pátria! o meu amor! a pátria bela!...  
Em que míngua eu a vejo!... Quem a abraça,  
Quem vai lidar até morrer por ela?!...

Já o mundo a meus olhos se adelgaça!...  
Montes, fraguedos, tudo se evapora...  
São nuvens... sonho... sombra vã que passa...

Quási liberto já!... não tarda a hora...  
Sorri-me a Virgem!... como vem brilhante!...  
Deus! quanta luz!... que mar de luz! que aurora!...

Queda enlevado, extático, sôbre-humano. Irradia oiro. Descortina, súbito, numa panóplia, a vé-lha espada de Aljubarrota. O gládio heróico entre cutelos de verdugos! Como eximi lo à afronta, se já mãos de eleito não devem tocar em ferros homicidas! Embora! Arranca-o beija-o, ergue o na dextra, e, da varanda olhando a noite, em voz soturna de trovão

Cavaleirosa espada relumbrante!  
Se nesse lôdo amargo um braço existe  
De profeta e de herói, que te alevante!

Inda bem que na lâmina persiste,  
Em crua lembrança o galardão,  
Do sangue fraternal a nódoa triste.

Descobre o gládio a quem o houver na mão,  
Que ante a justiça recta e verdadeira,  
Não há padre, nem madre, nem irmão!

Porém, se a pátria, já na derradeira  
Angústia e míngua onde a lançou meu dano,  
Terra d'escravos é, terra estrangeira,

Rútila espada, que brandi ufano!  
Antes um véelho lavrador mendigo  
Te erga a custo do chão, piedoso e humano!

Volta à bigorna o duro aço antigo;  
E acabes, afinal, relha de arado,  
Pelos campos de Deus, a lavrar trigo.

Arrojando a espada ao abismo da noite:

Deus te acompanhe! Seja Deus louvado!

Desaparece. O rei fica no chão, imóvel e sem acôrdo.

---

## SCENA XXII

O espectro de Nunalvares atravessa, resplandecendo, a escuridão nocturna. Enxerga a distância, o vulto fantástico do doido. Pára, surpreendido. Contemplan-se.

O ESPECTRO DE NUNALVARES, *melancólico, fitando o doido*:

Se esta alma, há três séculos gemendo  
Em carne humana andasse e, dia a dia,  
A perdição da pátria fôra vendo,

No semblante de louca amostraria  
Aquele dôr soturna e tenebrosa,  
Aquele olhar de pasmo e de agonia!...

O DOIDO, *absorto*:

Oh, que figura estranha e luminosa!...  
Que aparição aquela!...  
E eu já a vi... eu já a vi... lembro-me dela...  
Mas onde foi?... Cabeça tonta!... Onde seria?!...  
Ah, ah, já me recordo!... quando eu vivia,  
Tive assim um parente... um irmão... Um irmão?  
Eu nunca tive irmão!...  
Oh, que loucura! oh, que loucura!  
Mas eu conheço este fantasma... esta figura...  
Aquele ar singular de guerreiro e de monge...  
Eu conheço-o... Mas onde foi?... quando é que foi? lá muito ao longe...  
Muito ao longe... Ora espera! .. Já sei! Não era irmão, não era!...  
Fui eu próprio!... Fui eu assim!... Fui eu! fui eu! fui eu!

É tal e qual... é exacto,  
 O meu retrato!...  
 Fui eu...

.....  
 Ah, fui eu... um outro eu... que andou no mundo e já morreu!..

## SCENA XXIII

Corre, de braços abertos, para o espectro, que súbitamente se evapora. Relâmpago abrasador. Trovão medonho. Chovem os raios no castelo. O incêndio num minuto, veste o de lavaredas fabulosas. Estrondos de explosões, derrocamentos de muralhas, gritos de angústia, alaridos de pânico.

O DOIDO, *triumfante, num regosijo de criança, vendo as lavaredas a brilhar:*

Olha o palácio a deitar chamas dos telhados!...  
 A arder!... a arder!...  
 Arde tudo!... ardem os cães... Ah, cães danados,  
 Ides morrer queimados!  
 Tudo a arder!... tudo a arder!...  
 Que lavaredas! Que esplendor! Ai, que alegria!  
 Parece dia!...  
 Vão os galos cantar  
 E trinar de surpresa, a cotovia!...  
 Rolos de fumo em sangue pelo ar...  
 Désabamentos... vigamentos a estoirar...  
 Oh, que fogueira!... oh, que fogueira!... Ai, que alegria!  
 Que chamas d'oiro relumbantes!... Andem vê-las...  
 Olha a subirem para o céu milhões de estrélas.

Tantas estrélas, tantas, tantas,  
 Que o castelo abrasado  
 Vai-nos deixar o céu azul todo estrelado!  
 Ó lavaredas d'oiro! ó lavaredas santas!  
 Subi! subi! subi!... dai luz e dai calor!...  
 Vós que não tendes fogo em vossas casas,  
 (Que lindas brasas! que lindas brasas!)  
 Vinde assentar-vos e aquecer-vos ao redor!  
 Oh, surdi de tropel, em alcateias,  
 Miseráveis, famintos, vagabundos!  
 Surdi das tocas negras das aldeias,  
 Dos matagais profundos,  
 Das pocilgas, dos antros, das cadeias,  
 E em turba-multa, em debandada, aos milhões, aos milhões,  
 Vinde aquecer as mãos neste braseiro,  
 Vinde aquecer as mãos, vinde aquecer os tristes corações!...  
 Já vai florir nas sebes o espinheiro,  
 Já vão florir nas bôcas virgens as canções!...

...  
 Dobram os sinos... dobram os sinos... Deixa dobrar!  
 Foi Deus que deitou fogo àquilo tudo...  
 Quem no há-de apagar?!...  
 Repica os sinos, meu sineiro campanudo,  
 Que à volta da fogueira as môças todas vão bailar!...

...  
 E eu vou ter, que prazer!  
 Mal sabeis... mal sabeis o que eu vou ter!...  
 A minha alma! a minha alma!... nova... nova,  
 Como um sol de aleluia a refulgir!  
 Ela estava ali presa numa cova...  
 Ardeu tudo, ardem os cães... e vai fugir!

O incêndio devorou o palácio. De entre os escombros, fumegando, ergue-se religiosamente, em ascensão eucarística, um vulto angélico de mulher. O corpo é de luar de opala, a túnica de luar de neve, e os olhos, fundos e doentes, de luar de lágrimas. Peito manando sangue, olhos chorando estrélas, caminha suspensa, direita ao doído, num

sonambulismo vago e melancólico. Poisa em terra, com a graça aérea dum arcanjo. É a alma do doido. Trezentos anos sem se verem! Contemplam-se. Como estão mudados!...

O DOIDO, em frente da alma, já recuperando a lucidez:

Ó alma vagabunda, alma exilada,  
 Eis teu corpo infeliz, tua triste morada:  
 Vê, que abandonô e que pobreza!  
 Ninguém te espera! nem candil na escada,  
 Nem banquete na mesa!  
 Vens tranzida de frio a tiritar?...  
 Não há lume no lar!  
 Vens morta de miséria e de aflição?...  
 Não há vinho, nem pão!  
 Vens fatigada repousar?... Porém,  
 Não há leito também!  
 Tua casa deixaste,  
 Teu albergue natal desamparaste,  
 Numa noite d'horror...  
 E os ventos e as procelas  
 Desmantelaram portas e janelas,  
 Desmoronaram tetos com furor...  
 Restam negras paredes lastimosas  
 Do teu ninho d'amor!...  
 Há cardos na varanda em vez de rosas,  
 Luto e morte nas salas pestilentas...  
 Na alcova onde dormias,  
 (Oh, mal dirias! mal dirias!)  
 Hoje dormem as c'rujas e as serpentes!...  
 E tu, ó alma triste, alma exilada,  
 Branca, de alvura mesta dos sudários,  
 De que prisões, de que galés, de que calvários,  
 Vens a rastros assim crucificada!  
 Quem te cobriu de lágrimas e sangue?  
 Quem trespassou teu coração exangue  
 De tanta dôr e tanta punhalada?!

Regressas ao teu lar, alma divina,  
 Para morrer aqui;  
 E no teu lar contempas uma ruína.  
 E éle uma sombra em ti!...

.....  
 Entra no lar... entra no tûmulo... descança,  
 Alma pobre, varada de amarguras,  
 Alma sem fé e sem esp'rança!  
 Entra no lar abandonado... entra às escuras...  
 Deita-te a um canto sonolentamente,  
 E extinta e muda, vulto vago, informe.  
 Nunca mais abras teu olhar silente,  
 Dorme! repousa eternamente... dorme!

.....  
 A alma embebe-se-lhe no corpo.

Alma a expirar, clarão sombrio,  
 Porque vieste  
 Iluminar um tûmulo vazio?!...  
 Porque vieste  
 Ressuscitar de novo, inda um momento,  
 A poeira do meu nada?!... Antes o vento  
 A sacudisse inânime e delida  
 Na eterna paz do eterno esquecimento!  
 Memória! espelho fúnebre da vida,  
 Porque me vens de súbito trazer  
 A apagada, a esquecida  
 Imagem tormentosa do meu ser!  
 Que despertar medonho  
 Da caótica noite do meu sonho!...  
 Antes o sonho louco, o sonho vão!  
 Cavaleiro magnânimo de outrora,  
 Contempla o teu retrato... olha-o agora...  
 Nem a ti próprio te conheces, não!  
 E és tu, és tu, ó cavaleiro antigo,  
 Este pálido e trôpego mendigo,

Este mendigo ensangüentado e nu!...  
 Nem semelhança leve achas contigo?  
 Repara bem... repara bem... és tu!...

Num impeto de orgulho e de vanglória

E astros do céu, povos da terra, ondas dos mares,  
 Viram passar, como ãa águia ovante,  
 O meu pendão quimérico nos ares!  
 Retumbaram meus feitos de gigante  
 Pelo universo, em ecos seculares!  
 Cavaleiro e argonauta vagabundo,  
 Gravaram sôbre terra e mar profundo  
 Mil roteiros de luz os passos meus,  
 Como se houvera circundado o mundo,  
 Listrando-o a fogo, o Espírito de Deus!  
 Minha abrasada crença visionária,  
 Medindo o globo inteiro, achou-o estreito...  
 E a alma da humanidade, imensa e vária,  
 Nãa maré de assombros, tumultuária,  
 Bateu um dia junta no meu peito!  
 Vinham bandos de frotas portentosas  
 Páreas de reis trazer-me alegremente  
 Maravilhas estranhas, caprichosas,  
 De longínquas cidades fabulosas,  
 Berços d'oiro do sol resplandecente!...  
 Nas mil tórres, mais altas do que a Fama,  
 Do meu empório vasto olhando o mar,  
 Via-se o globo e a cruz como auriflama,  
 E sôbre globo e cruz, d'asas de chama,  
 Minha epopeia homérica a cantar!...

Ah, do sono da morte enregelado  
 Porque havias de, ó alma, despertar?!...  
 Que é da grandeza heróica do passado,  
 Que é das tórres d'outrora olhando o mar?!...

Blocos no chão, vestidos d'heras,  
Ameias, gárgulas, esferas,  
Poeiras de sonhos, de quimeras,  
Luto, nudez, desolação,  
Eis os restos de tantos exterminios,  
De tanta dôr e tanta maldição!...  
Já nem cabe sequer em meus domínios  
A magra sombra vã do meu bordão!  
Régios palácios, fortalezas,  
Mosteiros, campas, catedrais,  
Orgulhosos padrões de mil empresas,  
Conspurcados de lama e de impurezas,  
Entre montes de entulho e silveirais!  
Meus impérios distantes divididos,  
Minha terra natal inculta e só!...  
Loucos de dôr, em torvos alaridos,  
Correm bandos de aldeões espavoridos,  
Miseráveis tropeis de luto e dó...  
Por mim passam atónitos, julgando  
Ver um monstro maldito,  
Um espectro soturno e formidando...  
Da escuridão do nada ressuscito...  
Abro os olhos na treva... estendo as mãos...  
E de mim fogem com horror, clamando,  
Meus parentes, meus filhos, meus irmãos...  
.....  
Deus, onde estás?!...  
Deus! a mentira eterna!...  
Algum lobo voraz,  
Mais piedoso que o céu que nos governa,  
Pode emprestar-mo um antro, uma caverna,  
Onde se durma e se agonize em paz?!...  
.....

Ao cabo dum longo e meditativo silencio:

Oh justiça do Espírito divino,  
Pensando bem, bem clara te revelas

Na trágica lição do meu destino!  
Minhas glórias passadas!... E por elas,  
Que eu hoje estou sofrendo e me crimino!  
Minhas glórias!... infâmias e vergonhas  
De ladrão, de pirata e de assassino!  
Que bárbaras, que atrozes, que medonhas,  
A escorrer sangue negro e pestilento,  
As vejo em tórno a mim neste momento,  
Essas glórias nefandas, que eu supus  
D'oiro e de luz!

A epopeia gigante!  
Empresas imortais! feitos sublimes!  
Grandeza louca dum instante...  
Miséria eterna... meus eternos crimes!

.....  
Novos mundos eu vi, novos espaços,  
Não para mais saber, mais adorar:  
A cubiça feroz guiou meus passos,  
O orgulho vingador moveu meus braços  
E iluminou a raiva o meu olhar!  
Não te lavava, não, sangue homicida,  
Nem em mil milhões d'anos a chorar!...  
Cruz do Gôlgota em ferro traduzida,  
Minha espada de herói, ó cruz de morte,  
Cruz a que Deus baixou por nos dar a vida;  
Vidas ceifando, desumana e forte,  
Ergueste impérios, subjugando o Oriente,  
Mas Deus soprou... ei-los em nada...  
E te cravou a ti, vermelha espada,  
Nesta alma de lóbo eternamente!  
O' espada de dôr, abre-me o peito!  
Rasga de lado a lado o coração!  
Rasga-o, meu Deus, e torna-mo perfeito,  
Que eu te bendigo e louvo e me sujeito,  
Sem uma queixa, aos golpes da tua mão!  
Seja feita, Senhor, tua vontade,  
Venha o remorso igual à iniquidade,  
Deus de justiça e luz, Deus de perdão!

.....

Nunca nascido houvera o resplendor  
Do dia, em que no abeto milenário  
Pus o gume do aço com furor !

Antes aparelhara o meu calvário,  
Antes a minha tumba silenciosa  
Com o tronco do roble funerário !

Antes mil vezes, do que a aventureira  
Barca ligeira, que levou seu guia  
Dos desastres à praia fabulosa !

E, a meus golpes crueis, eu bem ouvia  
Uma alma no roble que chorava,  
Um coração lá dentro que gemia !

Um coração de avô que perdoava,  
Só com ais de amargura respondendo  
A cada novo golpe que eu lhe dava.

Eu os traduzo hoje, eu os entendo,  
Os merencóreos ais vaticinantes  
Das lágrimas de fel que estou bebendo !

A' sombra de teus ramos verdejantes.  
Ó árvore formosa, bem quisera  
Adormecer eu inda como dantes ! . . .

Não abatessem minhas mãos de fera  
O teu corpo sagrado, roble augusto,  
Patriarca da lei vestido de hera !

Fôsse eu ainda o camponês adusto,  
Lavrador matinal, risonho e grave,  
D'alma de pomba e coração de justo !

Sentisse eu inda a música suave  
Da candura feliz no peito agreste,  
Qual em rorida brenha um trino de ave!

Em vez do mundo (fome, guerra e peste!)  
Conquistasse, por única vitória,  
Os tesoiros sem fim do amor celeste.

Nunca de feitos meus cantasse a História;  
Ignorasse o meu nome a voz da Fama  
E a minha sombra humilde a luz da Glória.

Vivesse obscuro e triste, erva da lama;  
Nas alturas, porém, fôsse contado  
Entre os que Deus aceita, os que Deus ama.

No mundo, bicho ignoto e desprezado;  
Mas, nos reinos da luz adamantina,  
Um cavaleiro grande e sublimado.

Cai-lhe o livro das mãos. Erguendo-o e beijando-o com fervor

E contudo, alma infame e libertina,  
Em teu horror, esqualido e sangrento,  
Uma luz existiu, que era divina!

Uma luz existiu, que num momento  
Fez o dia mais claro e mais jucundo,  
Pôs mais cêrca da terra o firmamento!

Ó lira d'oiro que abalaste o mundo!  
Sonho d'astros!... ó fúlgida epopeia!  
Canta, dá vida nova ao moribundo!

Da cólera do Eterno a maré cheia,  
Naus, barbacãs, palácios, de imprevisito  
Levou tudo nas ondas, como areia...

Levou tudo nas ondas... ficou isto!  
Ficou na mão exangue a lira d'oiro,  
E é por ela existir que eu inda existo!...

Lira de Orfeu! meu único tesouro!  
Bem como a voz do mar enche uma gruta,  
Encheu o azul teu canto imorredoiro!

Pudesse eu, d'alma livre e resoluta,  
Olhos no fogo da manhã nascente,  
Erguer ainda os braços para a luta!

Não, como outrora, para a luta ardente  
Da riqueza e grandeza, que é vaidade...  
Da fortuna, que é sombra que nos mente...

Seja a hora do prélio a Eternidade!  
E o globo estreito a arena, onde não cansa  
A batalha do Amor e a Verdade!

Cavaleiro de Deus, ergue-te e avança!  
Põe na bigorna os cravos de Jesus;  
Bate-os cantando... É o ferro da tua lança!

Faz a hástea da lança duma cruz:  
Vai, cavaleiro, de viseira erguida,  
Dá lançadas magnânimas de luz!...

E hão-de estrêlas sangrar de cada f'rida,  
Que em rosários, ardendo, chorarão  
Uma a uma no Gólgota da Vida.

Ah, sonho de esplendor, que sonho em vão!  
 Põe os olhos em ti, alma de hiena,  
 Em teu rebaixamento e escuridão!...

Como nascer em pútrida gangrêna,  
 Sob os olhos de Deus, a flor de encanto,  
 Vaso de ideal, a mística açucena!

Como? chorando; derretendo em pranto  
 As máculas do crime; e o criminoso,  
 Vestido de esplendor, ficará santo.

A Dôr, a eterna Dôr, eis o meu gôzo,  
 O pão do meu banquete, cinza escura,  
 E o meu vinho jovial, fel amargoso.

É a Dôr quem liberta a criatura:  
 Ou em miséria humana ande encarnada,  
 Ou em tigre feroz ou rocha dura.

Oh, abrasa-me a alma envenenada,  
 Faz em carvão meu coração perverso,  
 Dôr temerosa, Dôr idolatrada,

Ó Dôr, filha de Deus, mãe do universo!

Longo silêncio. Transe-lhe a alma, de repente, um  
 frémito de angústia. Adivinha no escuro, mar-  
 chando, a Fatalidade inexorável. Suor de Agonia.  
 Com um ai cruciante:

A hora grande, a hora imensa,  
 Já por um fio está suspensa...  
 Não tarda muito que ela dê!...  
 Carne medrosa, porque tremes?...  
 Ó alma ansiosa, porque gemes?...  
 Porque?!...

Arde na Dôr, carne maldita !  
Revive em Dôr, alma infinita !  
Na Dôr bemdita espera e crê!...

Marcha de tropel, na escuridão, um bando de corsários, gigantes espadaúdos e membrudos, rosto sanguíneo, cabelos de oiro fulgurando. Entoam, epiléticos de alcool, uma canção infrene e vagabunda. Relampejam as armas, à claridade vermelha dos archotes. O andar é deliberado e resolutivo, como o de quem trilha, às escuras, uma vereda já sabida. Vão direitos ao velho herói, palido de morte. Rodeiam-no, tumultuando e clamorando. Brillham adagas, lâminas frias de cutelos. Deitam-lhe algêmas, dão-lhe bofetões, insultam-no, mascarram-no de lôdo, cospem-lhe na cara. E a face do herói sobre-humanamente resplandece, como zurzida por estrêlas. Em meio de chufas e labéus o arrastam ao alto da montanha, onde a cruz negra e sanguinolenta lhe estende os braços para a Dôr. Com vilipêndio o desnudam, por escárnio lhe cingem uma tanga de cafre, e, a marteladas truculentas, desumanos o pregam no madeiro bárbaro. Ao tópo da cruz, desenhada a sangue, esta ironia: — *Portugal, rei do Oriente!* — Expele o seio do mártir um ai agudo, lança angustiosa de varar infinitos. E a Dôr o exalta, a Dôr o diviniza: É de alabastro o corpo macerado, as longas barbas ondeantes de luar choroso, e os olhos fundos e proféticos, duas cavernas de noite, com estrêlas. A' volta, os verdugos tripudiam e cantam. Bócas aguardentadas rugem blasfêmias e sarcasmos. Atiram-lhe pedras, que se convertem em rosas. Atiram-lhe estêrco, e chegam-lhe lírios e açucenas. Varreu a tormenta. A noite desmaia. Já os aventureiros embarcam na galera. Os olhos do moribundo pairam em volta, suplicantes. Cemitério deserto. Ninguém. Campos revoltos, carcavões tenebrosos, ossadas de penedias, um castelo deruido fumegando, esqueletos de gente em esqueletos de árvores, terra de pavor, terrá de morte, onde a única vida, bruxoleante, é uma agonia numa cruz. Quási a expirar, soltando um gemido :

Pranto, que manas dos meus olhos,  
Bemdito és !

Bemdito és, porque és o mar de pranto  
 Que os meus crimes verteram pelo mundo...  
 Sangue a correr das minhas f'ridas,  
 Bemdito és!  
 Bemdito és, porque és o mar de sangue  
 Do meu orgulho e minha iniquidade...

Súbito, numa visão interior, descobre em roda dele  
 as nações armadas, cêrco de lóbs à volta duma  
 presa. Já no estertor, agonizando:

Deus! abandonas-me!...

Expira. Clareia, roxa, á manhã de Novembro, triste  
 lençol de misericórdia, a que limpassem forcas ou  
 calvários. Um aldeão senil e vagabundo, caminha  
 ao longe, trôpegamente, como um fantasma, em  
 direcção à cruz. Rôto, cheio de lama e de sangue,  
 no bordão aos ombros uma taleíga, e, escondida  
 no peito, aninhada nos braços, uma criancinha  
 forte e luminosa. Vêlho e doente, perdeu se de  
 noite na debandada trágica, não alcançou o navio,  
 já o não enxerga... onde irá êle!... onde irá  
 êle!... Por montes e mares circundeia os olhos,  
 enublados de horror, desorbitados de loucura...  
 Ninguém! ninguém! ninguém! Campos desertos,  
 ondas sem uma vela, e nos bosques, mirrados, sem  
 uma fólha, carcassas pútridas... ninguém!...  
 Dum povc exilado ficará êle só, cadáver ambu-  
 lante, espectro bisonho, a chorar num ermo, com  
 o seu netinho nos braços. Aproximando-se da  
 cruz, reconhece o doído, o estranho doído inofensi-  
 vo, que a horas mortas vagueava, ululando, por  
 cerros e quebradas, e a quem êle tantas vezes,  
 benignamente, dera agasalho e dera pão. Quem o  
 crucificou?!... Porque seria?!... Mete medo e  
 respeito... Que estatura de homem!... que gigan-  
 te!... Morto, semelha um Deus!... E, fronte des-  
 coberta,—Avé-Maria, cheia de graça, o Senhor é  
 convosco, bemdita sois vós entre as mulheres...  
 E os olhos de criança devoram a cruz, estrêlas  
 inocentes, cheias de angústia e cheias de alma...  
 Há naquele olhar uma inconsciência misteriosa,  
 que adivinha... Luz enigmática, vem de longe,

do fundo do passado, morrendo ao longe em sonho, nas obscuridades do porvir... Esse vélio fantasma, com êsse menino ao colo, lembra a derradeira árvore dum bosque, árvore nua e carcomida, com uma florinha última no tronco. Flor de morte!... flor d'esp'rança!... Nasceu dum cadáver, e dela se hão-de gerar, talvez, os rumorosos bosques de amanhã!.. O aldeão, assombrado, meio louco, procura o castelo do rei... evaporou-se... já o não avista. Em frente, na montanha, só lavaredas e ruínas. Vai descendo, descendo, descendo e lá ao fundo estaca de improviso, inclina-se, e vê no chão, abandonada, uma arma guerreira. É o montante de Nunalvares. Empolga-o a custo. Os braços da criancinha estendem-se com avidez, numa alegria doida... Nobre montante, qual o teu destino? Sulcarás, relha de arado, a gleba deserta dêsse camponês? Nas mãos dessa criança, um dia homem, brilharás acaso, espada de fogo e de justiça? Mistério... mistério... Invisivelmente, saudando a luz, as cotovias gorgeliam...

FIM

The first part of the report is devoted to a general survey of the situation in the country. It is found that the country is in a state of general depression, and that the people are suffering from want and distress. The cause of this is attributed to the war, and the consequent destruction of property and the loss of life. It is also stated that the government has failed to take any effective measures to relieve the suffering of the people.

The second part of the report is devoted to a detailed account of the various departments of the government. It is found that the administration is inefficient and corrupt, and that the public services are neglected. It is also stated that the revenue is insufficient to meet the needs of the government, and that the public debt is increasing rapidly.

The third part of the report is devoted to a discussion of the various social and economic problems of the country. It is found that the country is suffering from a general decline in the standard of living, and that the people are becoming more and more dependent on foreign aid. It is also stated that the country is in need of a complete reorganization of its social and economic system.

The fourth part of the report is devoted to a summary of the various recommendations made by the committee. It is recommended that the government should take immediate steps to relieve the suffering of the people, and that it should reorganize its administration. It is also recommended that the country should be reorganized on a new basis, and that the people should be given a greater share in the management of their own affairs.

The fifth part of the report is devoted to a detailed account of the various departments of the government. It is found that the administration is inefficient and corrupt, and that the public services are neglected. It is also stated that the revenue is insufficient to meet the needs of the government, and that the public debt is increasing rapidly.

The sixth part of the report is devoted to a discussion of the various social and economic problems of the country. It is found that the country is suffering from a general decline in the standard of living, and that the people are becoming more and more dependent on foreign aid. It is also stated that the country is in need of a complete reorganization of its social and economic system.

The seventh part of the report is devoted to a summary of the various recommendations made by the committee. It is recommended that the government should take immediate steps to relieve the suffering of the people, and that it should reorganize its administration. It is also recommended that the country should be reorganized on a new basis, and that the people should be given a greater share in the management of their own affairs.

## ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

### Balanço patriótico :

Um povo imbecilizado e resignado, humilde e macambúcio, fatalista e sonâmbulo, burro de carga, bêsta de nora, agüentando pauladas, sacos de vergonhas, feixes de misérias; um povo em catalepsia ambulante, não se lembrando nem donde vem, nem onde está, nem para onde vai; um povo, enfim, que eu adoro, porque sofre e é bom, e guarda ainda na noite da sua inconsciência como que um lampejo misterioso da alma nacional,— reflexo de astro em silêncio escuro de lagoa morta;

Um clero desmoralizado e materialista, ignorante e sem fé, cujo Vaticano é o Ministério do Reino, e cujos bispos e abades não são mais que a tradução em eclesiástico do fura-vidas que governa o distrito ou do fura-urnas que administra o concelho; (1)

---

(1) Há muitas excepções individuais, claramente. A fisionomia geral, no entanto, é aquela.

Uma grande parte da burguesia, cívica e politicamente corrupta até à medula, não discriminando já o bem do mal, sem palavra, sem vergonha, sem carácter, havendo homens que, honrados (?) na vida íntima, descambam na vida pública em pantomineiros e sevandijas, capazes de toda a veniaga e toda a infâmia, da mentira à falsificação, da violência ao roubo, donde provêm que na política portuguesa sucedam, entre a indiferença geral, escândalos monstruosos, absolutamente inverosímeis no Limoeiro; (2)

Um exército que importa em 6:000 contos, não valendo 60 réis como elemento de defesa e garantia autonómica;

Um poder legislativo, esfregão de cozinha do executivo; êste, criado de quarto do moderador; e êste, finalmente, tornado absoluto pela abdicação unânime do país;

A Justiça ao arbítrio da Política, torcendo-lhe a vara a ponto de fazer dela um saca-rólhas;

Dois partidos monárquicos, sem ideias, sem planos, sem convicções, incapazes, na hora do desastre, de sacrificar à monarquia ou meia libra ou uma gota de sangue, vivendo ambos do mesmo utilitarismo scéptico e pervertido, análogos nas palavras, idênticos nos actos, iguais um ao

---

(2) Se o Nazareno, entre ladrões, fôsse hoje crucificado em Portugal, ao terceiro dia, em vez do Justo, ressuscitariam os bandidos. Ao terceiro dia? que digo eu! Em 24 horas andavam na rua, sãos como peros, de farda agaloada e grã-cruz de Cristo.

outro como duas metades do mesmo zero, e não se amalgamando e fundindo, apesar disso, pela razão que eu dei no parlamento, — de não caberem todos duma vez na mesma sala de jantar.

Um partido republicano, quasi circunscrito a Lisboa, avolumando ou diminuindo segundo os erros da monarchia, hoje aparentemente forte e numeroso, amanhã exaurido e letárgico. — água de pôça inerte, transbordando se há chuva, tumultuando se há vento, furiosa um instante, imóvel em seguida, e evaporada logo, em lhe batendo dois dias a fio o sol ardente; um partido composto sobretudo de pequenos burgueses da capital, adstritos ao sedentarismo crónico do metro e da balança, gente de balcão, não de barricada, com um estado maior pacífico e desconexo de vélhos doutrinários, moços positivistas, românticos, jacobinos e declamadores, homens de boa-fé, alguns de valia mas nenhum *a valer*; um partido, enfim, de indole estreita, acanhadamente político-eleitoral, mais negativo que afirmativo, mais de demolição que de reconstrução, faltando-lhe um chefe de autoridade abrupta, uma dessas cabeças firmes e superiores, olhos para alumiar e bôca para mandar, — um dêsses homens predestinados, que são em crises históricas o ponto de intercepção de milhões de almas e vontades, acumuladores eléctricos da vitalidade duma raça, cérebros omnímodos, compreendendo tudo, adivinhando tudo, — livro de cifras, livro de arte, livro de história, simultaneamente humanos e patriotas, do globo e da rua, do tempo e do minuto, fôrças supremas, fôrças

invencíveis, que levam um povo de abalada, como quem leva ao colo uma criança;

Instrução miserável, mariuha mercante nula, indústria infantil, agricultura rudimentar;

Um regime económico baseado na inscrição e no Brasil, perda de gente e perda de capital, autofagia colectiva, organismo vivendo e morrendo do parasitismo de si próprio;

Liberdade absoluta, neutralizada por uma desigualdade revoltante, — o direito garantido virtualmente na lei, posto, de facto, à mercê dum compadrio de batoteiros, sendo vedado, ainda aos mais orgulhosos e mais fortes, abrir caminho nesta porcaria, sem recorrer à influência tirânica e degradante de qualquer dos bandos partidários;

Uma literatura iconoclasta, — meia dúzia de homens que, no verso e no romance, no panfleto e na história, haviam desmoronado a cambaleante scenografia azul e branca da burguesia de 52, opondo uma arte de sarcasmo, viril e humana, à frandulagem pelintra da literatura oficial, carimbada para a imortalidade do esquecimento com a cruz indelével da ordem mendicante de S. Tiago;

Uma geração nova das escolas, entusiasta, irreverente, revolucionária, destinada, porém, como as anteriores, viva maré dum instante, a refluir anódina e apática ao charco das conveniências e dos interesses, dela restau lo apenas, isolados, meia dúzia de homens inflexos e direitos, indenes à podridão contagiosa pela vacina orgânica dum carácter moral excepcionalíssimo:

E se a isto juntarmos um pessimismo cance-

roso e corrosivo, minando as almas, cristalizado já em fórmulas banais e populares, — *tão bons são uns como os outros, corja de pantomineiros, cambada de ladrões, tudo uma choldra, etc., etc.*, — teremos em sintético esbôço a fisionomia da nacionalidade portuguesa ao tempo da morte de D. Luís, cujo reinado de paz podre vem dia a dia supurando em gangrenamentos terciários.

O advento do materialismo burguês, inaugurado pela ironia scéptica do Rodrigo, acabava pela galhofa cínica do Mariano. O riso de sibarita, levemente amargo, desfechava no riso canalha, de garotão impudente.

A burguesia liberal, mercieiros-viscondes, parasitagem burocrática, bacharelize ao piano, advogalhada de S. Bento, *morgadinhas, judias*, sinos, estradas, escariolas, estações, inaugurações, locomotivas, (religião do Progresso, como êles diziam), todo êsse mundo de vista baixa, moralmente ordinário e intelectualmente reles, ia agora liquidar numa infecta *débâcle* de casa de penhores, num Alcacer Kibir, esfarrapado, de feira da ladra.

A nação, como o rei, ia cair de podre.

O conflito inglês e a revolução brasileira puzeram a nu, de improviso, a debilidade orgânica do regimen.

Falecimento e falência. Ruínas. Montões de vergonhas, trapos de leis, cisco de gente, lama de impudor, carcassas de bancos, famintos emigrando, porcos digerindo, ladroagem, latrinagem, um salve-se quem puder de egoismos e de barrigas, derrocada dum povo numa estrumeira de inscri-

ções. — 700 mil contos de calote público, a bela colheita do torrão português, regado a oiro, a libras, desde 52 até 90.

A crise não era simplesmente económica, política ou financeira. Muito mais: nacional. Não havia apenas em jôgo o trono do rei ou a fortuna da nação. Perigava a existência, a autonomia da pátria. Hora grande, momento único. A revolução impunha-se. Republicana? Conforme. Se o monarca nos saísse um alto e nobre carácter, um grande espírito, juvenil e viva encarnação de ideal heróico, tanto melhor. A revolução estava feita. Imprimia-se, dum dia ao outro, no Diário do Governo.

Mas feita com quem, perguntarão, se tudo era lódo? Feita com o elemento moço do exército e da marinha, com quási todo o partido republicano, (1) com individualidades integras e notáveis, dos partidos monárquicos, com a juventude das escolas, com um sem número de indferentes por nojo e por limpeza, com os duzentos homens de sério valor intelectual dispersos nas letras, nas sciências, no comércio e na indústria, e com o povo, o povo inteiro, que acordaria Lázaro estremunhado, da sua campa de três séculos, à voz dum vidente, ao grito dum Nunalvares.

O português da decadência, apático e fatalista, ajusta-se, pela maleabilidade indolente, a

---

(1) Continuará a haver algumas dúzias de republicanos, por coerência, brio pessoal ou teima doutrinária. O espírito republicano que alastrou no país, esse extinguiu-se, ou antes não se tinha gerado.

qualquer estado ou condição. Capaz de heroísmo, capaz de cobardia, toiro ou burro, leão ou porco, segundo o governante. Ruge com Passos Manuel, grunhe com D. João vi. E' de raça, de natureza. A história pátria resume-se quasi numa série de biografias, num desfilar de personalidades, dominando épocas, sobretudo depois de Alcacer. Povo messiânico, mas que não gera o Messias. Não o pariu ainda. Em vez de traduzir o ideal em carne, vai-o dissolvendo em lágrimas. Sonha a quimera, não a realiza.

O próprio Pombal é o *Desejado*? Não. Fez-se temer, não se fez amar. Cabeça de bronze, coração de pedra. Moralmente, ignóbil. Rancoroso, ferino, alheio à graça, indiferente à dôr. Inteligência vigorosa, material e mecânica, sem vôo e sem asas. Um brutamontes raciocinando claro. Falta-lhe o génio, o dom de sentir, nobreza heróica, vida profunda, — humanidade, em suma. Máquina apenas. Não criou, produziu. A criação vem do amor, a génese é divina. Criar é amar. Por isso a obra lhe foi a terra. Pulverizou-se. Só dura o que vive. Uma raiz esteia mais que um alicerce. Pombal em três dias, num deserto, quis formar um bosque. Como? Plantando traves. Adubou-as com mortos e regou-as a sangue. Apodreceram melhor.

Sei muito bem que o estadista não é o santo, que o grande político não é o mártir, mas sei também que toda a obra governativa, que não fór uma obra de filosofia humana, resultará em

geringonça anecdótica, manequim inerte, sem olhar e sem fala.

A ductilidade, quási amorfa do carácter português, se torna duvidosas as energias colectivas, os espontâneos movimentos nacionais, facilita, no entanto, de maneira única, a acção de quem rege e quem governa. Cera branda, os dedos modelam-na à vontade. Um grande escultor, eis o que precisamos.

Há, além disso, bem no fundo dêste povo um pecúlio enorme de intelligência e de resistência, de sobriedade e de bondade, tesouro precioso, oculto há séculos em mina entulhada. E' ainda a sombra daquele povo que ergueu os Jerónimos e a Batalha, que escreveu os «Lusíadas». Desenterramo-la, exumemo-la.

Fôra o rei um *homem*, que a nacionalidade moribunda se levantaria por encanto. E bem se me dava a mim da questão política, da forma de governo. Essencial, a forma do governante. Prefiro uma boa república a uma boa monarquia. Salta-se menos da *majestade à ex.<sup>a</sup>* que da *ex.<sup>a</sup> ao tu*. Impero eu mais no meu criado que o rei em mim. (1)

Quer dizer: a revolução urgente não era social, nem política, era intellectual e moral. Nem havia a escolher entre monarquia e república, pois que, para escolher entre duas coisas, é neces-

---

(1) Um rei segundo a carta, entenda-se.

sário existirem, e a república tanto custava a realizar, que ainda até hoje a não fizemos.

A segurança da pátria exigia inadiavelmente à frente do governo um homem de superior inteligência, de altivo carácter, de ânimo heróico e resoluto. Era-o D. Carlos? obedeceríamos a D. Carlos. Uma alma, uma vassoira e uma carroça, de nada mais precisava. Varrer, limpeza geral, pôr isto decente! Tal embaixador levantára castelos de milionário com o dinheiro da nação? Transferi-lo de embaixada: representante vitalício do Limoeiro em Africa. Tal ex-ministro compra as quintas, vendendo a vergonha? Penhora e prisão. Os bens ao erário, o corpo à penitenciária. Deslçar grã-cruzes e chumbar grilhetas. Norte e Leste, lamas do Tejo, Banco Lusitano, obras do estado, etc., etc., todas essas montureiras gangrenadas, — poios de escândalos, obscenamente fermentando ao ar livre, — queimá-las a calcium, purificá-las a vitríolo. Calcamos infâmias, respiramos veneno. Que um ciclone de justiça nos purificasse o ar e desentulhasse as estradas. Caminho livre. atmosfera nova! Quem baldeou o país à ruina, à miséria do lar, à indigência da alma? Idiotas? Aposentá-los em onagros. Bandidos? Metê-los na cadeia.

E a questão económica? Resolvida por si. Direi mais: útil e necessária. Mas resolvida de que forma? Pelo sacrificio de todos, pela abnegação colectiva. As pátrias, como os indivíduos, só se regeneram sofrendo. A dôr é salvadora. Não há virtude sem martírio, não há Cristo sem cruz. A Redenção vem da Paixão. A vida fortalece-se

na angústia. Nem só a do homem, a vida inteira, a vida universal. A procela avigora o roble, e o ferro candente adquire a têmpera, mergulhando-o em gêlo. Quando a desgraça parece matar uma nação, é que tal nação estava morta. O cáustico, que levantou o doente, decompõe o cadáver.

Resumindo: desastres, misérias, vergonhas, infortúnios, calamidades, subjugadas com energia e padecidas com nobreza, enseivariam de novo alento o coração exânime da pátria. O raio lascou a árvore? Brotaria, amputada, com maior violência. A alma habita na raíz.

Mas seria possível conjurar quatro milhões de interesses, quatro milhões de egoismos, num ímpeto de fé heróica e de renúncia? Era. Digo-o sem hesitar. O sibarita que ria, o cevado que ronque. Era! O espírito, como o fogo, consome traves, calcina pedras, derrete metais. O facho duma alma pode incendiar uma Babilónia. Um iluminado pode abrasar um império. Tem-se visto. O cofre-forte é de ferro, a libra é de oiro, o egoismo é de bronze, mas a electricidade impalpável, invisível, imponderável, volatiliza tudo num momento. Ora o espírito é a electricidade de Deus. Nada lhe resiste. Devora séculos, evapora mundos. Jesus X, um crucificado, põe à criação uma nova máscara. Joana d'Arc e Nunalvares, irmãos gémeos, redimem duas pátrias. Focos ambulantes de espírito divino, arrastam e vencem, — magnetizando. O céu é contagioso como a lepra.

Claro que o milagre exige a fé. Nem todos os sábios juntos escreveriam os evangelhos. A língua

do homem, sem a língua do fogo, não apostoliza, discursa. Um Doutor não é um Messias.

A metempsicose, em moderno, do grande Condestável, eis o meu sonho. Um justiceiro e um crente. Braço para matar, bôca para rezar. Pelejas como as de Valverde só se ganham assim: ajoelhando primeiro. O Nunalvares de hoje não usaria cota, nem escudo, mas, ao cabo, seria idêntico. A mesma chama noutro invólucro. Não combateria castelhanos; combateria portugueses. O inimigo mora-nos em casa. Aljubarrota no Terreiro do Paço e os Atoleiros... nos mil atoleiros de infâmias que enodoam as ruas, e obstruem o trânsito. Queríamos um justo inexorável, um santo heróico, com a verdade nos lábios e uma espada na mão. Os quadrilheiros que infestam Lisboa e os sub-quadrilheiros que infestam as províncias, anulá-los, esmagá-los num dia, numa hora, sem pena e sem remorso, vasando-os logo, — atascadeiro de baixezas, lôdo de malandros, — pelo buraco infecto duma sentina. Depois pregar a tampa. Um colector *in pace*, um cano de esgôto jazigo de família.

E, removidos os focos epidémicos, voltaria em breve a saúde geral. A obra de reconstrução, inda que lenta, marcharia sem estôrvo. Humanizar o ensino, nacionalizar a indústria, um clero português e cristão, a justiça fora da política, o exército fora de S. Bento, os burocratas para a burocracia, o professorado para as escolas, o poder legislativo entregue às forças independentes e vivas do país, arrotear o solo, colonizar a Africa,

— tudo era possível, tudo era simples, desde que nos dessem uma fé, uma crença, vida luminosa, — uma alma!

Alma! eis o que nos falta. Porque uma nação não é uma tenda, nem um orçamento uma bíblia. Ninguém diz: a pátria do comerciante Araújo, do capitalista Seixas, do banqueiro Burnay. Diz-se a pátria de Herculano, de Camilo, de Antéro, de João de Deus. Da mera comunhão de estômagos não resulta uma pátria, resulta uma pia. Sócios não significa cidadãos. O burguês estúpido, perante as calamidades que nos assaltam, computa-as em libras, redu-las a dinheiro. Parece que se trata duma mercearia em decadência. Dívida flutuante, impostos, câmbios, cotações, alfândegas, cifras, dinheiro nada mais.

Falir um banco, que desastre! Falir uma alma... — Mas que demónio é isto de falir uma alma? —

Ouve lá, burguês rotundo. Um exemplo. Ouviste já nomear por acaso o Fialho de Almeida? Vagamente. Ora bem; êsse Fialho é a mais rica natureza artística que Portugal tem gerado há duas dúzias de anos. Um talento grande, rutilando em génio por instantes. Em génio, sim. Leiam os *Pobres*, o *Filho*, a *Vélha*, o *Idílio triste*. Natureza de sensibilidade vibrátil, agudíssima, quasi mórbida. Depois português, idolatrando o seu Alentejo, adorando a sua pátria, instintivamente, orgânicamente, como a raiz adora a terra.

A uma tal natureza, em Lisboa, de 90 a 93, hora a hora assistindo à decomposição putrefacta

daquella percevejaria nauseante, não lhe era lícito o refúgio nirvânico dos metafísicos ou dos *hábeis* na decantada tórre de marfim. O Fialho estava pobre e o marfim muito caro. Indole ardente e valorosa, palpitante de plebeismo robusto, de humanidade sanguínea, olvidou planos de arte, sonho alado, quimera astral, e de chicote nas unhas, mordaz e mordendo, arremeteu contra a fandangagem da sociedade lisboeta, como alguêm que marchando direito a um nobre destino, se atirasse de repente às ondas, aventurando a vida, — para salvar um bêbado.

Entre os projectos literários do admirável artista, um havia mais que todos acariciado e fecundo, os *Cavadores*, rústico poema, síntese sublime da vida da terra, da planta e do campo, obra de fisiologista, de psicólogo e de poeta, reçumando sangue, transpirando lágrimas, drama tangível e real, movendo-se numa atmosfera enigmática de infinito e de sonho. Um livro elevado. Lisboa rasgou-lho. Em troca deu-lhe os *Gatos*. Dum poeta épico fez isto: um varredor da Baixa. O Fialho durante três anos varreu o Chialdo, espiolhou a Havanesa, catou S. Bento. Os trapos converteram-no em trapeiro. A águia baixou a milhafre. O milhafre é útil, depura e limpa. Os *Gatos* foram, em parte, uma obra de justiça, por vezes de cólera. Mas o rancor dos bons denota ainda bondade. Só os grandes idealistas desceram a grandes satíricos. Cristo deu chicotadas.

Nos *Gatos* estoira de quando em quando um rugido de trige. E' o melhor do panfleto. O resto,

tirante algumas páginas literárias, maravilhosas, descamba na insignificância, — cisco, anedotas, noticiário, zero. O estilo não basta. Uma melancia em bronze não deixa de ser uma melancia. Os *Gatos* tem valor moral e valor de arte. Mas este é relativo, e portanto inferior, e aquele ineficaz, e por tanto menos proveitoso. Varrer Lisboa nos *Gatos*, acho bem; varrê-la no *Diário do Governo*, acharia ótimo. Conclusão: o desmantelamento da sociedade portuguesa actuou no espírito impressionável dum grande poeta, esterilizando-lhe a génese da obra humana, imorredora, e fecundando-lhe a semente da obra particularista e transitória. Desviou do seu curso natural a água límpida que regava plátanos e searas para com ela inundar estrumeiras e desentupir esgotos.

Bom burguês, comprehendes agora o que é a falência dum espírito? Calcula, pois, em 2 milhões de consciências, (1) o déficit moral, a ruína interior, que os teus guarda-livros não escrituram nas agendas. Perdeste dinheiro, meu rico homem, na quebra fraudulenta dum banco? O Fialho e nós perdemos os *Cavadores* na quebra fraudulenta duma nação. O prejuízo maior foi o nosso. O nosso, o da pátria. Porque é mister que to diga, bom burguês: sem o banco de Portugal ficaríamos pobres 30 anos. Mas sem os *Lustadas* ficaríamos pobres para sempre. As libras voltam. O gé-

---

(1) É meia consciência por habitante. Talvez excessivo.

nio não se repete. Por isso, burguês odioso, te não lamento. Mais ainda: regalame às vezes, Deus me perdoe, os teus desastres, lembrando-me que só te levantarás honradamente, quando se te der, de fome, um nó nas tripas! Idiota! Nem egoísta és. Vês apenas dinheiro, e hão-de deixar-te sem camisa. Inda bém. Só nũ ficarás decente.

Continuemos. A nação, mais do que de libras, carecia de alma. Quem lha daria? Quem a tivesse como o sol tem luz: infinita. Pobre D. Carlos!

O rei falhára. Nulo, insignificante. Pedir-lhe génio, heroísmo, grandeza, sublimidade,—o mesmo que pedir astros a uma couve ou raios a uma abóbora.

A existência da pátria dependia da revolução. O rei não pôde, não soube, ou não quis fazê-la. Em suma, não a fez. Perdeu-se. Que restava? Fazê-la o povo. Não a fazendo, perdia-se também.

O rei, em vez de cortar o cancro, identificou-se com êle. Chaga maior, operação mais grave. Já ninguém suprimirá o cancro, sem suprimir a realza.

O republicanismo não é aqui uma fórmula de direito público; é a fórmula extrema de salvação pública. No prédio em chamas há só uma janela aberta. Preferem os monárquicos morrer queimados, por a janela estar pintada de vermelho? Fôsse ela branca, que eu saltaria sem escrúpulos.

Republicano e patriota tornaram-se sinónimos. Hoje quem diz pátria, diz república. Não uma república doutrinária, estúpidamente jacobina, mas uma república larga, franca, nacional, ou-

de caibam todos. Não dum partido, da nação. Presidente o melhor. Foi por acaso miguelista? Embora. Uma revolução por selecção de caracteres.

Tal movimento cívico, espiritualizado e grande, requeria pelo menos um homem. Existe? Existiu: José Falcão.

José Falcão! Alma tão nobre de patriota não a conhecerei jãmais. A ideia de pátria, feita verbo, nela encarnára divinamente. Hóstia sublime! Trigo de comunhão deu-nos a fé, e trigo de viático, na hora da nossa morte, dá-nos ainda a esperança.

A' volta de mim vejo monturos, dentro de mim encara cinza. Tudo acabou, não é verdade? Melancólicamente revolvo a cinza, poeira de quimeras, e uma flâmula fulge, uma brasa crepita... É a alma dele... Não quer apagar-se. Mesmo dentro de nós, túmulos cerrados, continúa ardendo. A'manhã de tais campos podem brotar ainda lavaredas.

Grande homem! Como o sangue em momento de pânico reflue de chofre ao coração, dir-se-ia que na hora suprema toda a alma da pátria na quela alma se ajuntára.

Em José Falcão a inteligência era robusta, a sciência enorme, mas a grandeza moral incomparável e soberana. Dizia o que pensava, fazia o que sentia. Um justo. Portanto, um solitário. Querendo viver puro, viveu em si mesmo. Isolou-se. Nem ambicioso, nem vaidoso. Nos altos pincares, de gêlo e de luz, não há micróbios.

Egoista intelectual? Nunca. Animo generoso,

os problemas sociais cativaram-no. A sociedade evitou-a. Livros e família: cérebro pensando, coração amando.

Mas o sentimento da pátria com tal furor e febre lhe girava no sangue, tão inato e profundo lhe ardia lá dentro, que aquele homem de ideias instantaneamente se volveu, como por milagre, em homem de acção. O ruído molestava-o; procurou o ruído. A turba incomodava-o; procurou a turba. Agitou-se três anos em movimento frenético. Pátria! Pátria! a visão constante, o sonho de toda a hora! Fogo sagrado, fogo devorador. Queimou-se, abrasou-se nele. Auto-de-fé dum corpo nas lavaredas duma crença.

O patriotismo tornára-se em José Falcão um misticismo. Compreende-se bem. Ideia tão inflamável, em tão candente natureza moral sublimava-se, ilumina-se, perde-se no extâse, no enlêvo, no transcendentalismo religioso. Sentia-se que no grande momento arriscaria tudo: família e vida, fortuna e lar. Através do crente apercebia-se o herói. Por isso arrastava. A eloquência vinha-lhe espontânea, dominadora, magnética. Não a eloquência literária dos artistas. Eloquência de alma, verbo interior, luz de uma chama.

Depois naquele homem tudo era português, sóbrio, simples, varonil, vernáculo: figura, gesto, palavra, intonação, modo de vestir, maneira de andar. Tudo beirão, tudo nosso. Nem um galicismo. Austero e risonho, violento e meigo,—a singularidade na grandeza. Lembrava ainda o Condestá-

vel. Como êle, espírito heróico, braço de ferro para o comando, bôca de santo para a piedade.

Extenuado e letárgico, presentindo a morte, nunca desanimou. Pois a doença da pátria não era ainda bem mais grave? Por ela sim, desejaria viver, desejaria morrer. A fôrça física abandonava-o, só a vontade sôbre-humana o tinha de pé. Era já uma existência feita de ressurreições, um ideal galvanizando um cadáver.

Dizia-nos êle, quasi no fim: Não duro muito; aproveitem-me.

Morria dai a meses.

Não há uma íntima e dolorosa afinidade entre a alma quebrantada dum povo, baldadamente, durante séculos, evocando um Messias, e a breve aparição dum redentor, miragem súbita, que mal se desenha se desfaz?

Tal a árvore-espectro, frutos de aurora sonhando, caveiras torvas produzindo, que um dia gerou, milagre de amor! o pomo de oiro deslumbrante, e o viu desprender, esbroado em cinza, do galho nú, do ramo estéril de esqueleto...

Arvore nocturna, a morte gira-te nas veias, e os frutos de Ideal que tu concebes já trazem no âmago, quando nascem, as larvas deletérias do sepulcro...

Desiludido, assim o creio por vezes. Depois a um golpe de sol, o Quichote revive, exalto-me de novo, de novo espero... Florinha azul, beijo de Deus,—divina Esperança...

\* \* \*

Desde a crise do *ultimatum* inglês, que tanto podia significar uma onda de vida nova como o estertor dum moribundo, resvala a nação, dia a dia, ao letargo estúpido da indiferença. Estará morta? Estará cataléptica? O futuro, breve talvez o vai dizer.

Mas na opinião do mundo, já Portugal não existe. Dura, mas não existe. Dura geograficamente, mas não existe moralmente. A Europa já considera isto uma coisa defunta, espólio a repartir, iguaria a trincar. Salva-nos da gula dos comensais a rivalidade dos apetites. No dia em que se harmonizem devoram-nos.

Como resistir? pela força física? impossível. Não há balas nem libras, não há ouro nem ferro. Qual o meio então? Um único: a força moral. Não vale tudo, mas vale alguma coisa. Na balança da realidade efémera, os canhões pesam como bronze, e o Direito e a Justiça pesam como ar. Sim: às vezes, não sempre.

Houve profetas que domaram leões: mártires que aterraram algozes. E quando um homem ou um povo sucumbem altivos em nome da verdade, esse homem ressuscitará nas consciências, e esse povo ressuscitará na História. O justo, expirando na Cruz, ao terceiro dia levanta-se do túmulo. O covarde, mergulhando em lodo, em lodo agoniza e em lodo se transforma.

Qual era, pois, a grande missão de um governo em Portugal? Fazer de quatro milhões de espí-

ritos um só espírito, juntar quatro milhões de vontades numa só vontade. Raios de luz divergentes, aquecem; convergentes abrasam. Um cento de meias abnegações individuais perdem-se, quasi estéreis, na indiferença colectiva. Não mudam aos olhos da Europa a fisionomia portuguesa. Mas a abnegação e o sacrifício de todos, a comunhão unânime e grandiosa num ideal de Justiça, num ideal de Pátria, transfigurar-nos-ia por encanto, de povo de chatins em povo de heróis, de mortos com direito ao cemitério, em gente viva com direito ao pão, com direito à luz.

E o problema religioso, nada mais singelo: na esfera do pensamento, liberdade absoluta; na esfera dos actos, tolerância recíproca..

O mundo róla no infinito; no infinito deve igualmente girar o espírito do homem. Ai dos que vivem só na terra, olhando o horizonte com o olhar da carne! Ésses não vivem. Andam quilómetros e contam horas, mas o Espaço é a jornada da alma, e o Tempo, a hora eterna que não finda. O homem, sem o ideal sôbre-humano, bestialisa-se.

Se a imensa maioria dos portugueses não comunga em Cristo senão pela hóstia, que a hóstia lhe seja oferecida, mas cândida e branca, em mãos de misericórdia e de pureza. Organizem um clero nacional, virtuoso e cristão; varram da Igreja a estrumeira política; para bispos escolham santos, e a questão religiosa desaparece num momento.

Porém, os homens que há muito dirigem os destinos da Nação, últimos fantoches do constitucionalismo agonizante, quasi sempre democratas

vazios aos vinte anos, e cínicos redondos aos quarenta, são incapazes de um plano de govêrno, gerado numa filosofia superior, amoldado a uma razão prática luminosa e traduzido em factos, por uma vontade inabalável e continua. Que êles, francamente, visam apenas salvar o seu interesse, o seu egoismo e as suas lantejoulas de medíocres.

Conservam a realeza no intuito de se conservarem a si próprios. Mas uma realeza moribunda só entre mortos alcançará reinar. Fazer do País um cemitério de almas, eis o problema. As associações protestam? Dissolvidas. Os clubes ameaçam? Trancados. As Côrtes incomodam, às vezes? Suprimem-se. Os jornais irritam? Cadeia. Todo o obstáculo, desfazê-lo: se é venalidade, pela compra; se é moralidade, pela tirania. Há consciências que se indignam? Prendam-nas. Ordem! muita ordem! Quer dizer: Silêncio! Digerir e calar. O País inteiro uma campina raza, e nela manobrando, ovante e livre, o general Queirós. Olhai: galopa de Norte a Sul e nem um montículo para surpresas. uma ravina para emboscadas. Planura perfeita: bem chã, bem unida e bem morta. Vivos, a municipal e a polícia.

Receio, pois, de quem? da burguesia liberal? Por via de regra o burguês, liberal ou não, traz nos intestinos um polícia ingénito: o mêdo. Anda guardado.

Receio do operário? O operário português é sofredor e humilde. A grande indústria concentra-se em Lisboa e Pôrto, onde a policia usa revólvers e a municipal Kropatcheks. Contudo, a

maré do socialismo invade, formidável, os parlamentos europeus. A' cautela, proteger S. Bento. Decreta-se uma lei, inutilizando o voto ao operário: eleitor, às vezes; elegível, nunca.

Receio do exército? Lisongeá-lo... e diminuí-lo. O exército é a municipal.

\* \* \*

Eis aí, em síntese, a obra do rei e do governo. Obra de estupidez, obra efémera. Imbecis. Conhecem, da Eternidade, o minuto em que jantam, e, do Espaço, as dôze cabeças de comarca onde fazem bulha. Raciocinam com os pés, com as mãos, com os olhos, com os ouvidos, com o estômago, No crânio, farelos. Supõem-se grandes, e não existem. Mandam, decretam, dão ordens, e não existem. Só espiritualmente se existe, vivendo no infinito, e êles, espiritualmente, moram no vão duma escada.

E julgam, os idiotas, salvar o rei! Por que forma? Já o disse: tornando o país um cemitério de almas. Dinastias agonizantes querem vassalos defuntos. Entre quatro milhões de cadáveres um ventre com duas pernas, dois braços, uma abóbora nos ombros e uma espada na mão, a distância, movendo-se, ilude ainda: parece gente. Rodeiam-no baionetas, cavaleiros o guardam. Contra quem? contra os mortos. Invencível então não é verdade? Perdido, inteiramente perdido. Se os mortos res-

surgem, êle evapora-se. Se tudo é findo, se os Lázaros se não levantam, quando chegarem os corvos, principiarão por êle o seu banquete. Ou devorado pela nação, ou devorado pelo estrangeiro. A nação acorda? É o exílio. Submete-se? É que está morta, e, das nações que morrem, as nações vivas se alimentam.

Mas, por enquanto, folga. O dia de hoje pertence-lhe. O estado é o rei. Cidadão há um único: D. Carlos. O país é D. Carlos. Seja. E quem é D. Carlos? Aí vai um retrato que é um libelo:

*Tôrre do Outão.* Esta primeira fantasia régia de sua majestade importou em duzentos contos de réis, ou mais, subtraídos ao tesouro. Juridicamente, um crime. Artisticamente, uma indecência.

*Exéquias de D. Luts, mandadas celebrar pelo município de Lisboa, capital do reino:* Sua majestade, apesar de convidado, não quis assistir. Foi-se aos coelhos para o Alfeite.

*Ultimatum inglês:* Roubados e insultados. O país protesta, num vigoroso movimento de indignação e de cólera. Uma criatura houve que ficou impassível: o rei. Não teve aquela mão um gesto de furor, não encontrou aquela bôca uma palavra de altivez. No dia seguinte, em carro descoberto, charuto a arder, expunha D. Carlos, na Avenida, aos transeúntes atónitos, a inconsciência da sua figura habitual.

*Convénio inglês*: O art. 75.º da constituição do reino diz o seguinte: *O rei é o chefe do poder executivo e o exercita pelos seus ministros de Estado. São suas principais atribuições*: § 8.º *Fazer tratados*. Bem. De duas, uma: ou o rei conhecia o convénio que o Snr. Barjona negociava em Londres, ou não o conhecia. Naquela hipótese, todas as injúrias, todos os doestos, toda a lama aviltante, que a nação, às mãos ambas, arremessou ao convénio, cáem, de chofre, em sua majestade. Se era alheio ao convénio, alheio e indiferente a um acto nacional, de vida ou de morte para a honra da pátria, então ou sua majestade é um miserável ou sua majestade é um irresponsável. (1) Daqui não há que fugir.

Chegam a Lisboa as bases do convénio. O Snr. D. Carlos em 21 de Agosto de 1890, ao procurar nos jornais o anúncio dos teatros, viu-as naturalmente, viu-as de-certo. Ignorância, agora, não a pode alegar. Conhecia o crime. Que fez? Abram as *Novidades* de 22 de Agosto. No artigo editorial, violentíssimo, há êstes períodos:

«Na história da nossa decadência, levantou-se um novo e ruinoso padrão. O tratado do Snr. Hintze Ribeiro segue-se nesta série lamentosa ao tratado de Methwen, e deixa-o no escuro.

«Em nossa honra e consciência, diremos alto e bom som: o tratado firmado em nome de Por-

---

(1) Irresponsável segundo Lombroso, não segundo a Carta.

tugal com a Inglaterra é um padrão de imperecível ignomínia, e o dia, em que o seu texto completo fôr publicado no *Diário do Governo*, deverá ser considerado por todos os cidadãos amantes do seu país como um verdadeiro dia de luto nacional».

E mais adiante, na 3.ª coluna, sob o título — *As festas em Sintra, o Rally paper, o Baile*, — escreve ainda o mesmo jornal :

«Conforme estava anunciado, realizou-se ontem em Sintra, nos terrenos da Granja do Marquês, o *Rally paper*. Perto das 3 horas chegaram el-rei e a rainha num *lândeau* à Daumont, acompanhados pela Snr.ª D. Josefa Sandoval, veador António de Vasconcelos e oficial às ordens A. de Serpa.»

Segue uma comprida nomenclatura de altos senhores e nobilíssimas damas, que, em volta do rei, tomaram parte na função.

E conclue a notícia :

«Na retirada, suas majestades vinham em carro descoberto, escoltados por todos os jogadores que tinham entrado na partida, e seguidos por mais de duzentas carruagens descobertas, conduzindo tudo o que há de mais elegante em Sintra.»

E eis aí como o rei de Portugal e tudo que há de mais elegante em Sintra encaravam a imperecível ignomínia do tratado de 20 de Agosto de 1890. Hipp, hipp, hurrah! God save the King! Viva Salisbury! Viva D. Carlos! Que imundície!

Sua majestade, ainda à última hora, doente, no Castelo da Pena, queria a recomposição do gabinete Serpa, isto é, mantinha o convénio. Foi o Snr. João Crisóstomo quem determinou a queda do govêrno, afirmando ao rei que, se êle insistisse, a revolução era inevitável.

Sintetizando: O tratado de 20 de Agosto, no juízo da imensa maioria do país, quasi a unanimidade, significava a última das afrontas, a última das vergonhas. Pois o Snr. D. Carlos deixou-o negociar, no dia que êle chegou a Lisboa celebrou uma festa, sustentou-o meses contra a vontade clara da nação, largando-o apenas, humilhado, diante das baionetas e da revolta.

O país, rasgando-o, rasgou-lho na cara.

*Revolta do Pôrto:* O Verbo era de luz. Encarnou mal. Daí o desastre. A lava purpúrea, não abrindo cratera, rompeu, angustiosa, por uma fenda. Colem o ouvido na montanha: há trovões lá dentro. Um dia destes será vulcão. Adiante...

O município do Pôrto, em 12 de Fevereiro de 91, dirigiu ao rei uma mensagem. Copio dela estas frases:

«Não basta repelir e condenar os factos, é mister, mais que tudo, inquirir das causas que os tornam possíveis e mesmo fáceis. E a consciência nacional, interrogada, responde sem hesitar que erros de muitos anos; abusivas tolerâncias em

toda a espécie de deveres sociais e públicos ; quebras freqüentes de disciplina, tanto na classe militar como em toda a ordem de serviços públicos ; relaxação no cumprimento das obrigações de cada um ; irresponsabilidade freqüente para faltas de toda a ordem ; deploráveis complacências acobertadas com o que abusivamente se chama a doçura dos nossos costumes, tais parecem as causas gerais que permitiram e facilitaram tão deploráveis acontecimentos. E a câmara municipal do Pôrto, neste momento intérprete dos sentimentos da cidade, entende que faltaria ao seu dever, se não chamasse a atenção de V. M. sôbre êstes males, que é dever de todos os cidadãos, desde a mais elevada gerarquia à mais humilde condição, combater e destruir a todo o custo, se quisermos salvar a nossa pátria do inevitável naufrágio das nações que chegam a semelhante estado.»

Extracto da representação da Câmara do Pôrto ao Rei, em 12 de Fevereiro de 91.)

Eis agora o extracto da resposta do Snr. D. Carlos :

«O sustentamento da justiça e a rigorosa aplicação das leis são o fundamento moral de toda a sociedade bem organizada ; a pública administração tem de ser necessariamente económica e modesta ; a política precisa de se mostrar, agora e sempre, evidentemente elevada e respeitável nos seus intentos e nos seus caracteres dominantes.

Estes salutares princípios que a digna vereação municipal do Pôrto me relembra na sua mensagem, professo-os eu como verdades fundamentais, e tenho-os para normas inquebrantáveis da minha magistratura constitucional. Diz-me a consciência que lhes tenho sido fiel; e se ainda não pude mostrar toda a minha profunda dedicação pela nossa pátria, tem sido isso devido ao pouco tempo da minha vida de rei, desgraçadamente assombrada por acontecimentos de que me não cabe a responsabilidade, mas de que sinto, como os que muito a sentem, a triste e dolorosa significação».

Que quer isto exprimir? Que a câmara do Pôrto, com o aplauso de D. Carlos, justificou a revolta de 31 de janeiro. Embora lhe desaprovassem a forma, justificavam-lhe a essência. Mas a braveza dum acto, quando a razão o determina, desculpa-se bem. Há um julgador que diz a um réu: «A lei condena-te, mas a verdade absolve-te.» Que faz êsse juiz, quando êle é um rei? Perdoa.

Volveram anos. Os grandes criminosos, a que se referia a mensagem do município do Pôrto, onde é que estão? Nas mais altas dignidades, rodeando o trono.

E o tenente Coelho, meu senhor? onde é que está êle? Apodrecendo em África.

*Viagem do Snr. D. Carlos ao Pôrto, depois de 31 de janeiro:* Mais dum ano decorrerá, antes de sua majestade se abalançar à viagem. Serenados os ânimos, mete-se a caminho. Os estudantes,

em Coímbra, assobiam-no. Chega ao Pôrto. Desfila o cortejo. Ao lado do carro de sua majestade seguia um chefe de esquadra, a pé, durindana ao vento. Entala-se-lhe o gládio numa das rodas, partindo-se em bocados. O monarca desembaiúha, veloz, a sua espada de comandante em chefe, e bizarramente lha entrega com donairoza cortesia. Lá está na esquadra.

*Baile do ministro inglês, em Sintra:* No verão de 1892 dava o ministro inglês uma festa pomposa em honra do Snr. D. Carlos. Sua majestade áceitou-a. O ministro inglês, naquele instante, era a Inglaterra. O soberano de Portugal era a nação portuguesa. Pois o rosto que levára a bofetada sangrenta ia ver-se aos espelhos do animalejo que lha dera! Ia limpar os escarros ao guardanapo de quem lhos atirou!

Um rei que a fatilidade inexorável, que o destino impiedoso submetesse, algemado, a semelhante vergonha, choraria de raiva lágrimas de sangue. Desejaria eu vêr em lance de tal ordem, a grande e melancólica figura de D. Pedro v. Que trágica altivez e que dorida nobreza não exprimiria o seu olhar! E D. Carlos? D. Carlos, em toda aquela noite pavorosa, jogou descuidadamente o *bleuff*, com dois casquilhos elegantes do mundanismo que se diverte. Verifiquem, lendo o *Jornal do Comércio*, que relatou o baile. Acrescento mais: quem o relatou assistiu a êle.

*Dissolução das côrtes. Primeiro golpe de Estado:* O Snr. D. Carlos, um belo dia, farto de atirar às perdizes, alveja à queima-roupa o código político da nação. Com que fim? Salvar-nos, salvar a pátria. Era a vida da pátria, que, em risco iminente, o constrangia à ditadura. Espesinhava os códigos, para manter a nacionalidade, sacrificando (com que mágoa!) o juramento do rei à existência do reino. Acto solene, acto grandioso. D'ora-avante quatro milhões de espíritos do seu espírito viveriam. Escultor dum povo, cinzelador duma raça, ia fazer história, fazer humanidade. Um rei idealista, em que tal momento, no fogo divino duma obra de arte, — quadro ou estátua, música ou poema, — quisera sublimar-se, escolheria naturalmente uma obra elevada, de essência religiosa, de feitio heróico. D. Carlos foi ao *Brasileiro Pancrácio*. Os jornais o disseram. Textual: ao *Pancrácio*. Perfeito, simbólico.

*Regresso da expedição à Guiné:* Vai um bando de homens, filhos da miséria, a terras inóspitas e distantes jogar a vida pela pátria. Chegam, cumprindo o dever, exaustos e dizimados. Quem lhes sai ao encontro? O rei? O rei, àquela hora, ou andava às lebres ou palitava os dentes. Galardoou-os com meia dúzia de crachás. Eram poucos. Muito bem: que os rifassem. E rifaram-nos!

*Viagem à Inglaterra:* Quando em 30 de janeiro de 1891 compunha eu este verso, — *A deson-*

*ra, a abjecção, o trono... e a Jarreteira* —, envolvia a Jarreteira, em último lugar, a máxima ignomínia. Tão grande, que parecia hiperbólica. Vaticinei, adivinhei. Ei-la, a insígnia infamante, na perna esquerda do Snr. D. Carlos. Na outra, já a rainha Vitória, no dia 11 de janeiro, lhe havia soldado uma grilheta.

*Viagem à Alemanha*: Dias antes do roubo de Keonga houve baile no Paço. Na quadrilha real, em frente da Snr.<sup>a</sup> D. Amélia, quem? O ministro alemão. Não bastava. Deveria D. Carlos envergar uma libré prussiana. E foi envergá-la. Contam os jornais que lha improvisaram numa noite, em dôze horas. Escudeiro novo de senhor tão grande, queria logo vesti-la.

*O enterro de João de Deus*: Reinou alguns anos o Snr. D. Carlos, sem se lembrar um minuto de que João de Deus existia. Compreende-se. Da *Heresta* a uma férra a distância é larga. Sobrevem, — justiça imanente! — a apoteose nacional do grande lírico. A alma da pátria, num vago desejo de renascer, contrapunha a soberania do espírito à soberania da carne; a pureza, vestida de beleza, à traficância, vestida de impudor; a idealidade mística dum génio ao crasso materialismo visceral da imunda récuca dos governantes. E eis logo o Snr. D. Carlos a admirar o poeta e a visitá-lo em sua casa, deitando-lhe à garganta, a ver se o prende, uma coleira qualquer de S. Tiago. O intuito evidenciava-se: erigir a glória de João

de Deus em pára-raios da monarquia. Mas a homenagem, tardiamente hipócrita, não iludiu o senso íntimo da juventude, radiosa origem espontânea daquela consagração de amor e de verdade. Na festa de D. Maria gelou-se à volta de D. Carlos um silêncio de morte. Nem um viva. Aclamava um povo o seu maior génio, a suprema flor da idealidade duma raça, e o chefe dêsse povo era afastado, como um intruso, que ninguém convidára, que ninguém ali conhecia.

Volvido um ano morre João de Deus. As Necessidades e o Terreiro do Paço affectam, decorativamente, pungidoras mágoas.

Quarenta mil homens, *a pé*, seguiram o féretro. Na cauda, *em tres côches*, três paquidermes do ministério, espapaçados e sonolentos, a ruminar asneiras.

E o Snr. D. Carlos, que os meus olhos buscaram, em vão, ansiosamente, durante quatro horas, onde é que estava, onde estaria êle? Duas gazetas o disseram no mesmo dia, em telegrama idêntico, de Mafra. Ei-lo: *Mafra, 15, às 8 da noite. O Snr. D. Carlos retirou hoje às 5 e meia da tarde; o resultado da caçada foi: 10 galinhas, 5 gamos e 15 coelhos.*

*A cultura intelectual de sua majestade:* Transcrevo, duma publicação comemorativa do centenário Henriquino, êste famoso documento do Snr. D. Carlos. É um autógrafo. Diz assim:

*«Para celebrar a imorredoura memória, do Infante D. Henrique, nada encontro melhor, do*

*que, transcrever, a estância de Camões, que serve de epígrafe à excelente e benemérita, tradução, do notável livro de Major».*

Leram? Que indigência de frase e que pontuação! Um estudantinho imberde não escreveria aquilo.

E eis aí, a ligeiros traços, a vera effigie de sua majestade o Snr. D. Carlos. Quem a olhar, exclamará por fôrça: Viva a República! Nesta agudíssima crise nacional a república é mais do que uma simples forma de govêrno. E' o último esforço, a última energia, que uma nação moribunda opõe à morte. Viva a República! é hoje sinónimo de — Viva Portugal!





Trechos dum discurso que pronunciei em Lisboa,  
Junho de 1897 (1)

« ... Pois a Pátria que levantou a Batalha, er-  
gueu os Jerónimos e escreveu os *Lusiadas*; a Pá-  
tria que foi um instante mensageira do Eterno,  
portadora do Verbo, veículo de Deus, ha de morrer  
num cano de esgoto, de morte moral, que é a úni-  
ca morte definitiva?

« Não, a Pátria portuguesa, não morreu ainda.  
Num grão de areia há searas, n'uma braza, incen-  
dios. Pois doze apóstolos ignorantes mudam a fa-  
ce da humanidade e vinte mil homens, querendo,  
não mudarão a face dum país? Vinte mil! basta-  
riam vinte. Vinte, sacrificando-se até à morte. Um  
crente é inexpugnável: Podem agrilhoá-lo, que  
ficou mais livre; podem roubá-lo, que ficou mais

---

(1) Os trechos que reproduzo ficam bem aqui.

farto; podem matá-lo, que ficou ainda com mais vida. Cristo, pregado numa cruz, e rei do mundo, eis o símbolo do espírito humano triunfante. Só o ideal é real. Da existência dum homem ou dum povo duram os momentos fúlgidos em que tal homem ou tal povo encarnaram a virtude ou o génio, manifestaram Deus.

« Leiam a nossa história, a crise tremenda do fim do século xiv. Hesitante a consciência da pátria, o rei morto, a rainha odiada, a fidalguia por Castela, a burguesia inerte, e o povo tumultuando, mas indeciso e desconexo. E um homem único, heroi e santo, capitão e vidente, ajoelhou, rezou, brandiu o gládio e salvou a pátria. Como? Pela fé: atraíndo Deus, absorvendo Deus, irradiando Deus. Hauriu o Infinito e propagou-o em volta. Electrizou de Eternidade um povo que ia succumbir, e insuflou-lhe vida, sangue novo, sangue de aurora para destinos imortais.

« A obra de Nunalvares foi de ideal estreme, ideal sem mancha. A empreza das descobertas, maravilhosa na aventura e sublime na fé, cai em ruínas exactamente do lado prático, do lado útil, — cupidez, ganância, fome de oiro, sêde de conquistas. Camões, Bartolomeu Dias, S. Francisco Xavier, eis a verdade, a bondade e a beleza da grande epopeia colectiva. Quem a exaltou? o santo, o poeta, o heroi. Quem a destruiu? o cravo e a canela, — o negócio. O ideal gerou-a. A realidade matou-a. Apodreceu-nos o oiro. O sangue dos escravos intoxicou-nos o sangue. Da fortuna veio

a ruína, da crueldade a fraqueza, do luxo a miséria, e da descoberta dum mundo a nossa perdição.

« Em 1580, povo de corrutos sevandijados pelo oiro, ao oiro de Castela nos vendemos. Chatins não se conquistam: cédulas e dobrões.

« E em tal montureira de infamia havíamos caído, que a hóstia viva da pátria, a imagem de Nunalvares, dois séculos antes erguida, canonizada e adorada pela alma do povo nos tabernáculos das igrejas, foi de lá expulsa, — covardia sacrílega! — por mãos de quem? por nossas mãos, por mãos de portugueses. Uma única ficou de pé no seu altar: em Moura, na igreja do Carmo. A' cautela, porém, crismaram-na. E durante sessenta anos, naquela igrejinha aldeã se escondeu o Redentor da pátria portugüesa, homisiado como assassino e usando de nome falso como um ladrão. Já não resuscitava os mortos nem iuminava os cegos. Já não fazia milagres. Porque uma parte do milagre baixa da alma do santo, e a outra, efusivamente, sobe da alma do devoto. Duas línguas de luz que se atraem, dois suspiros íntimos que se beijam. Mas o santo da Flôr-da-Rosa morava longe, inda além das estrelas, e o coração de Portugal batia no peito de Cristovam de Moura, como sapo enterrado em lodo.

« Demos à pátria o que lhe falta: coração vírgem, Ideal vírgem! Por cima de quatro séculos de grandezas mortais e de vergonhas ltuosas, regressemos à fonte perene da existênciã, regressemos ao Bem, ao Belo e à Verdade, buscando na terra o pão modesto de cada dia e no infinito o

pão transcendental da nossa alma. Sejam os cidadãos uma nação de alegres marinheiros e de robustos lavradores vivendo piedosamente vida simples, irmanando as ideias, nivelando as fortunas, cuidando os criminosos como enfermos, amparando os inválidos como crianças, marchando no globo, em êxtase, como quem marcha para Deus.

« Resuscitemos Nunalvares. Ergamos o seu vulto, quer nas escolas, quer nos templos.

« Progrediu o saber. Mas quem, à moda de Nunalvares, ligou à Eternidade o minuto da vida e ao Absoluto-Perfeito o grão de areia que calcou, esse está sempre no real e na verdade, esse habita a certeza, porque mora em Deus.

« E' copiar o condestavel: Derramemos sangue por justiça, vertamos lágrimas por amor. Crentes e combatentes. O idealismo heroico, o idealismo em acção. »

### Nota aos tercetos de Nunalvares

Na manhã da juventude, aos 14 ou 15 anos, Nunalvares sentia-se já predestinado. Adivinhava em si, numa luz profética, o herói e o santo. Sonhava heroísmo, mas heroísmo religioso, heroísmo cristão, heroísmo em Deus. O alto heroísmo requeria a virgindade. A maravilhosa história de Galaaz, sua leitura predilecta, demonstrava-lh'o. Determinou ser vírgem. Era lógico.

Mas, se o alto herói religioso deve ser vírgem, para Nunalvares imperavam ainda outros motivos. Seu pai, D. Frei Alvaro Gonçalo Pereira, Prior do Hospital, gerou-o no pecado, que Nunalvares remiria pela virgindade.

Ouçamos a crónica de D. João I, de Fernão Lopes, que segue neste ponto, com fidelidade, a crónica do Condestavel :

« Andando assim Nunalvares por morador em casa d'El-Rei, sendo de idade de pouco mais de 16 anos, aveiu que viuvou uma dona de Entre Douro e Minho, que havia nome D. Leonor d'Alvim, mulher que fôra de um bom cavaleiro, chamado por

nome Vasco Gonçalves de Barroso. Esta dona era filha d'algo e comprida de toda a bondade, rica assaz de bens deste mundo, assim de moveis, como de raís.

« O Prior sabendo parte da sua fama e riqueza, mandou-lhe cometer casamento para Nuno Alvares seu filho, e quando João Fernandes, comendador de Flor da Rosa, lhe foi cometer este casamento por parte do Prior, a dona deu em resposta que o fizessem saber a El-Rei, e do que sua mercê mandasse que ela não saíria do mandado. Tornou João Fernandes com este recado e o Prior feze-o saber a El-Rei, pedindo-lhe por mercê que pozesse em ello mão, e a El-Rei prouve d'ello e mandou-a chamar por sua carta.

« E em esta sezão que o Prior esto tratava, era Nuno Alvares em sua casa, sem d'esto saber nenhuma parte, e um dia chamou seu filho, estando ahi outrem e disse-lhe d'esta guisa :

— « Nuno, pero tu sejas moço e de nova edade, parece-me que é bem e serviço de Deus e tua honra que tu hajas de casar; e porque Entre Douro e Minho ha uma mui nobre dona, manceba e de grande bondade, meu desejo é que, se a Deus aprouvesse, de tu casares com ela, e porende quero de ti saber que é o que te d'ello parece. » —

« E não lhe disse mais. Nuno Alvares, além de ser mesurado de natureza, era muito mais a seu padre, e muito mandado e obediente, e quando

de tal resão ouvira diser, ficou um pouco torvado, á uma por vergonha que de seu padre havia, á outra por lhe falar em feito de casamento: que ele em esta resão que era de pequena idade, todo o seu cuidado não era salvo traser-se bem a si e aos seus, e des ahi cavalgar a monte e caça, não entendendo d'amor de nenhuma mulher, nem tão somente lhe vinha por imaginação.

« Mas lia a miude por livros d'historias, especialmente da historia de Galaaz, que fala da Tavo-la Redonda, e porque em eles achava que, por virtude de virgindade, Galaaz acabara grandes e notaveis feitos, que outros acabar não puderam, desejando muito de o semelhar em alguma coisa, muitas vezes cuidava em si de ser vírgem, se o Deus quizesse; e portanto era muito afastado do que lhe seu padre falara em feito de casamento, pero, por lhe obedecer e dar resposta a sua vontade e pergunta, disse-lhe em esta guisa:

— «Señhor, vós me falaes em casamento, cousa de que eu não era avisado, porém vos peço por mercê que me deis logar para cuidar em ello, e assim vos poderei responder.» —

« O padre disse que era bem feito, como quer que se maravilhou muito por lhe assim responder, sendo homem novo de dias, e falou com sua madre Iria Gonçalves, todo que com ele lhe aviera, encomendando-lhe que o demovesse que consentisse em tal casamento. Sua madre falou com ele, e, não o podendo redusir nem mudar de sua pri-

meira intenção, falaram com Nuno Alvares Pereira seu primo e Alvaro Gonçalves de Carvalho, com que havia grande afeição, e por suas afincadas preces consentiu de o faser, pois a seu padre parecia. »

Nunalvares tinha ao pai um grande respeito. Obedecia-lhe affectuosamente. A mãe, Iria Gonçalves, era — diz a crónica — «hua muy boa e noble mulher, viveu em grande castidade e abstinencia, não comendo carne nem bebendo vinho por espaço de quarenta anos, fazendo grandes esmolas e jejuns.» Nunalvares, que dela herdara muitas qualidades, idolatrava-a. Pois nem o pai nem a mãe, por esforços que fizessem, o demoveram do seu propósito, — não casar, ser vîrgem. Argumentos, rogos e súplicas tudo foi em vão. Ao cabo, já fatigado, cedeu às instâncias veementes do amigo e do primo. Casou.

O casamento de Nunalvares constitue uma das maiores batalhas da sua vida, e perdeu-a. Derrota angustiosa mas fecunda, porque o levou em seguida às mais altas vitórias espirituais. Levou-o a Valverde e ao Convento do Carmo; levou-o a Aljubarrota e levou-o ao Céu.

A prova *incontestavel* da minha afirmação vou dá-la. Diz a crónica do Condestavel:

«O Condestabre foi muito casto de vontade e ainda de feito. Porque ele com outra mulher nunca dormiu senão com a sua. E ainda com sua mulher depois que ele veio *ao trintayro d'El-Rei D.*

*Fernando, que ficou com el-rei sendo então Mestre, nunca depois com ela dormiu, como quer que por vezes foi onde ela estava, e esto com grande pena, por ser homem novo, mas todo havia por bem, e com grande prazer por servir a Deus.»*

Nunalveres, depois de casado, viveu com sua mulher alguns anos, poucos, em Entre Minho e Douro. Morre D. Fernando. A pátria vai perder-se. O Mestre chama-o. Ele acode num relâmpago, e vê então subitamente, claramente desenhada toda a grandeza do seu destino. Mas a alma segredalhe: Galaaz, Galaaz, que é feito da tua virgindade?...

E, num instante sobrehumano, arrependendo-se, Nunalvares conquista de novo, em espírito, a virgindade que lhe falta.

O texto da crónica é decisivo. *Nunalvares desde que se juntou ao Mestre nunca mais dormiu com a mulher, embora a visitasse algumas vezes. E isto com grande pesar, por ser homem novo.* E porque é que Nunalvares tomou essa resolução extraordinaria? *Para servir Deus.* Isto é para bem desempenhar a missão augusta que Deus lhe confiava, deveria ser vírgem como Galaaz. As súplicas dos pais e dos parentes, ao cabo de uma batalha terrível dentro de si mesmo, levaram-no — ai d'ele! era uma criança — a infringir o seu voto. Agora amargava-o!... Dôr tremenda!... E,

para resgatar a pátria e servir Deus, jurou castidade até à morte.

*P. S.* — Se o meu estado de saúde o permitisse, eu daria a esta nota um largo desenvolvimento. Impossível. Estou exausto.

\*  
\* \* \*

#### Nota à 4.<sup>a</sup> edição da «Pátria»

Nesta nova edição da «Pátria», sem ferir nem o argumento nem a essência do poema, cortei várias passagens, umas inúteis, outras injustas, outras de mau gosto.

A balada do Doido a D. João IV suprimi-a, conservando do monólogo do rei apenas o que era bom e verdadeiro. D. João IV, egoísta e pusilânime de natureza, não queria a Restauração. O génio audaz e ambicioso da mulher e a vontade heroica e inabalável dos conjurados, obrigaram-no, arrastaram-no, cheio de medo, à grande empreza. Não foi o Restaurador, mas foi, em todo o caso, o instrumento da Restauração. E os jesuitas auxiliaram-no com todo o seu poder. E, por isso, nem o Rei nem jesuitas mereciam a balada cruel que suprimi. Devia substituí-la por outra, conforme com a verdade, mas no estado em que estou é-me impossível escrevê-la. D. João IV não honra o herói

sem mancha de que descende. Foi um egoísta e um medroso, mas foi útil.

Cortei todos os versos deprimentes para a figura moral de Astrologus. E' um acto de consciência.

Devo tambem declarar que os cães do Rei: Iago, Judas, Veneno e Ciganus, Magnus e o Príncipe d'Oiro Alegre, não são retratos, cópias de indivíduos. São criações sintéticas, símbolos, nada mais.

Meditando hoje o meu poema, de olhos em Deus, serenamente, continuo a julgar D. Carlos um rei nefasto, mas que eu ataquei bastantes vezes com imerecida, com hiperbólica dureza. Sonhara um rei magnânimo, heroico, predestinado, lembrando Nunalvares, e entre Nunalvares e D. Carlos existia um abismo. Daí, em certos momentos, a fúria desorbitada da minha cólera. As passagens mais crueis eliminei-as já, e outras remodelarei ainda, se Deus me dér saude. A ideia fundamental do poema, que o domina todo, do primeiro ao último verso, está ilesa: é o resurgimento orgânico da Nação no espírito de Nunalvares e de Camões.

Abril de 1923.



Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page.





